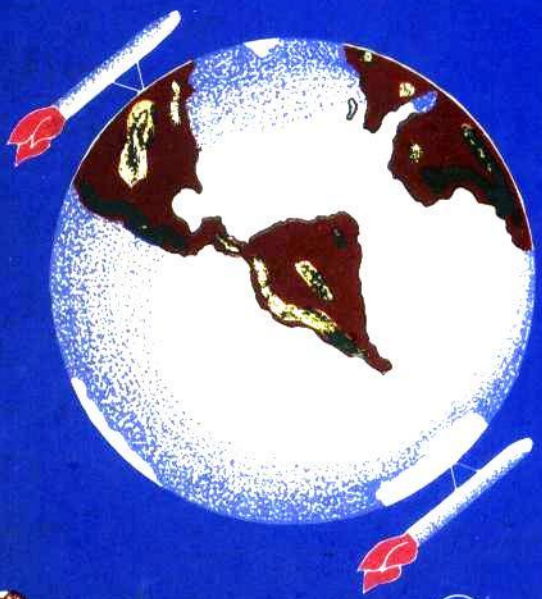
O PLANETA TERRA TRANSPORTADO

(FICÇÃO OCULTISTA OU FICÇÃO MÍSTICA)

M. LINÁRIO LEAL



O Romance

Por que ficção mística e não científica? Ficção científica joga para o futuro já esta é uma estória do passado, da outra civilização. Não se apoia no progresso da ciência de nossos dias, mas o romance vem todo ele eivado de ciências ocultas, misticismo. Amores líricos, fortes, gostosos e amores frustrados e vingativos estão neste romance. Guerras entre os terráqueos e guerras entre os uést-hás e os tzieos, alienígenas, aqui no nosso planeta. Tudo ao tempo das duas grandes hecatombes: o planeta Mure arrebentou-se; depois o cometa Tífon arrastou a Terra. E eram três luas. Duas caíram. Afundaram-se a Atlândida e Mureano (Lemuriano?).
Eis aqui o romance.

M. LINÁRIO LEAL

03/90
N

O PLANETA TERRA TRANSPORTADO

1ª edição — 1983
ORDEM KA-HUNA DO PODER MENTAL
Departamento de Publicações
Caixa Postal 4005 CEP. 72121 Taguatinga, DF

Direitos autorais desta edição reservados à
Ordem Ka-huna do Poder Mental
Cx. P. 4005 — CEP 72121
Taguatinga, DF, Brasil

A capa é criação do autor que a apresentou colorida a lápis, porém a técnica de impressão exigiu que fosse refeita e teve a colaboração do desenhista *Jair Furtado de Oliveira* que, redesenhando-a, deixou-a em condições de ser impressa. A ele os agradecimentos do autor.

Explicação da foto da última capa. No retrato o Prof. Mário Linário Leal já está com a idade atual. A sua 1ª foto de formatura data de 1953; a da capa é (entre diversas outras) a última foto de beca, correspondente ao seu título de Doutor em Filosofia da Educação (Pela WORLD UNIVERSITY, EE UU, 1982).

Talvez eu tenha estado prenhe deste livro durante um ano ou dois, mas partejei (escrevi) em três meses: setembro, outubro e novembro, quando a ORDEM KA-HUNA DO PODER MENTAL, aceitando-o, entregou à Gráfica Valci que informou só poder entregar pronto em março de 1983.

25-12-88

Dedico este livro
à Paula, minha esposa,
aos meus três filhos
Iagã,
Iatá,
Ianê,
(três homens)
e a todos os meus irmãos ka-hunas
e irmãos maçons, onde estiverem.

ÍNDICE

		Pág.
I — Dos dias atuais	O encontro com eles	7
II — Dos dias atuais	As viagens ao interior	11
III — Dos dias atuais	No interior da Terra	17
IV — Da história antiga	O grupo trino de astros	21
V — Dos dias atuais	Na casa da fazenda	23
VI — Da história antiga	Um planeta... ou três... em perigo	25
VII — Da história antiga	Como eram as raças	31
VIII — Da história antiga	Mure continua em perigo	33
IX — Dos dias atuais	Paula reencontra o seu amado milenar	39
X — Da história antiga	Chacotas e mocmacs	43
XI — Da história antiga	Desregramentos sexuais	47
XII — Da história antiga	Amolece a superfície de Lun-Ná	51
XIII — Da história antiga	Desordens põem em perigo o Poder Masculino	55
XIV — Da história antiga	As mulheres tomam o Poder... e o grande desastre	57
XV — Dos dias atuais	Contatos com o Reino de Agarta. A equipe do Prof. Sufiáti vai mais uma vez ao subterrâneo	63
XVI — Da história antiga	O perigo do cometa	69
XVII — Da história antiga	Um incidente de amor frustrado estava para começar	71
XVIII — Dos dias atuais	Mos-Hé vem complementar informações	73
XIX — Da história antiga	Reestruturação social e sublevação	75
XX — Da história antiga	Tífon afinal	81
XXI — Da história antiga	O último transporte da Terra ...	85
XXII — Dos dias atuais	Mair Iagã vem à superfície e explica coisas	89
XXIII — Da história antiga	Construção das pirâmides e... guerras	93
XXIV — Da história antiga	Suspensão vital e assassinato ..	105
XXV — Da história antiga	Um bilhete deixado pelo Mair Iagã endereçado ao Dr. Antério.	109

XXVI — Da história antiga	Resumo de como eram os continentes e como se transformaram	111
XXVII — Da história antiga....	Acasalamento com os mocmacs	113
XXVIII — Da história antiga ...	Os alienígenas encontram os tubos com os antigos terráqueos em animação suspensa. E as primeiras guerras.....	115
XXIX — Dos dias atuais.....	Mair Tagã visita mais uma vez o grupo.....	121
XXX — Da história antiga	A luz mística da evolução	125
XXXI — Dos dias atuais	Paula e Aline onde estarão? ...	131
XXXII — Dos dias atuais.....	Um documento antiquíssimo...	133
XXXIII — Dos dias atuais	Os destinos de Jubal, Dr. Antério e Prof. Sufiáti	135

CAPÍTULO I
DOS DIAS ATUAIS

O ENCONTRO COM ELES

Aum...a...ra...ta...tsa... d'hi... di...di...di... era o som estranho que saía de um gravador em cima de uma pequena mesa no centro de uma sala. Cinco pessoas ouviam atentamente. As luzes eram fracas, apenas emitidas de arendelas e abajures, todas muito mortiças. No grupo havia um homem de uns cinqüenta anos, barba densa e branca, olhos miúdos azuis, corpo grandalhão, o Professor Sufiáti. Um outro homem de compleição franzina, cavanhaque preto, olhos escuros, miúdos, espertos, matreiros. Era o Dr. Antério. Mais duas moças e um rapaz. Este aproximadamente de dezoito a vinte anos. A jovem menor, loura de olhos verdes, dir-se-ia que tinha apenas quatorze anos por causa do seu corpo franzino e a sua jovialidade. Chamava-se Paula. Tinha dezesseis anos. A outra moça tinha vinte e cinco anos, Aline, descendente de chineses, calma e bondosa, estudiosa de artes; era amante do Dr. Antério. Num dado momento, Paula, quase de um salto que chamou a atenção de todos, dá uma rodada que faz esvoaçar os seus cabelos louros ondulados e mais ou menos longos, ao mesmo tempo em que a sua saia de pano leve, larga,

ampla, suspende-se como de uma bailarina e provoca risos. Ela vai às luzes e apaga uma a uma, todas. E como ninguém perguntasse, ela, explicou que era para ouvirem melhor, com mais nitidez, no escuro.

Fizeram voltar a fita e o som inicial se repetiu.

Depois de várias vezes serem ouvidos tais sons e falas ininteligíveis, entremeadas, a fita emitiu vozes surdas mas entendíveis: "Vamos lá?... Não, calma!.... Ora, já podemos nos apresentar... Bom, se você acha... então?... como faremos?" Só agora ouviram o final da fita.

A esta altura o Professor Sufiáti desligou o gravador e explicou:

— As últimas frases foram nossas vozes, antes de abordarmos os ietes, os ditos homens das neves, ou sabe lá o que sejam. Daí segue-se a conversa combinando a ida lá embaixo. Mas há muitas falas só nossas, antes, pois, vocês se lembram, eles demoraram muito a falar. Vamos ouvir outra vez até o fim.

— Mas vovô, você não disse que eles moram dentro da Terra num subterrâneo? — inquiriu Paula.

— Sim, foi o que eles nos contaram, mas esse grupo com quem contatamos estava na superfície, como eles disseram que sempre fazem. Eles vêm em equipes refazerem a energia nos raios solares e aproveitam o tempo para pronunciarem tais fórmulas ou mantras que, segundo eles, desenvolvem a inteligência.

— — Ora, vovô, quais fórmulas? Quais mantras?

— Esses sons que você ouviu aí bem no início; aqueles sons que eles emitiam lá quando estavam sentados. Vamos ouvir de novo.

E pôs a girar o gravador e era assim: Aaaaauuuummmm... aaaaa..... raaaa.... taaaaa.... tsaaaa.... d'hiii.. diiii.... diii... diiii.... Nesta altura, o professor disse que eles fazem esta série de sons cento e oito vezes, seguidas, sem parar, todos reunidos, sentados.

Enquanto eles na sala escutam a narração, vamos ver como conseguiram registrá-la na fita.

Um grupo de estudiosos da natureza, sob a direção do Prof. Sufiáti, estava no campo pesquisando flora e fauna, desenhando, coletando coisas, fotografando e recolhendo sons.

À tardinha, antes de o Sol se ocultar no horizonte, viram algumas pessoas num relvado, entre arbustos, que, sentados em postura, âssana de ioga, seguravam as mãos para formar corrente mesmeriana e vocalizavam, som vibrante, alongado, cantado: aaaauuummm... aaaa.... raaaa... taaa.... tsaaaaa.... d'hiiii.... diiiii.... diiii.... diii...

E repetiam, repetiam, repetiam....

Alguma bulha produzida fez com que eles interrompessem e olhassem para verificar o que era. Iam correr, talvez assustados, quando o

Professor Sufiáti gritou:

— Esperem! Queremos só conversar!

Pararam e se voltaram sem falar, esperando algo. O Professor pediu aos seus acompanhantes que todos levantassem a mão direita, deixando no chão quaisquer objetos que tivessem nas mãos.

— Somos amigos; somos de paz; não faremos mal. Queremos só conversar.

Toda a equipe do Professor Sufiáti esperou parada um tanto tensa e assim também pareciam estar aqueles estranhos seres.

A jovem Paula que, assustada, correra em direção oposta, caiu numa grota, sobre pedras, e lá estava gritando e gemendo. Ouvindo os gritos, aquelas pessoas esquisitas vieram se aproximando, passaram por estes aqui sem darem atenção, como se nem ali estivessem e foram até onde estava a jovem. Dois deles desceram ao fundo da grota e a trouxeram para cima. O Dr. Antério, que também correra em socorro, viu que o pé estava quebrado acima do tornozelo com fratura exposta da tíbia. O Dr. Antério e o Professor Sufiáti, preocupados com o que estava ocorrendo, aproximaram-se.

Quatro deles barram-lhes os passos enquanto outros três sentaram-se em postura de Budha,âssana de ioga, próximos da mocinha ferida. Deram-se as mãos fechando o círculo, fizeram três respirações profundas e em seguida o exercício auli da nossa ioga. Um deles desprendeu a mão direita, reuniu os três dedos, polegar, indicador e médio, aproximando-os do ferimento. Aquele que soltara a mão, na outra extremidade, levantou a mão esquerda à altura do ombro em concha. Todos fecharam os olhos e, em silêncio, permaneceram assim por alguns minutos, não mais de cinco. Ocorreu então o que chamaríamos de milagre: sarou o ferimento, totalmente. Em seguida, eles puseram Paula em pé dando-lhe um leve empurrão como quem manda que ande. Ela andou alguns passos e olhou para os seus companheiros dizendo que nada sentia; estava curada, o pé estava são.

O Prof. Sufiáti foi e apalpou-lhe o pé perguntando se antes houvera ou não algo com seu pé, e por quê ela havia gritado.

— Ora, estava quebrado! O Sr. viu o osso de fora e o sangue!

— Ao que o Dr. Antério confirmou:

— Ora essa, eu vi! Fratura exposta, feia!

Então pela primeira vez ouviram a fala de um daqueles seres:

— Não se preocupem. Estava quebrado, sim, mas agora o osso já foi soldado, a carne arrumada e as energias harmonizadas.

O Dr. Antério dirigiu-se àquele que falara:

— Mas se você fala a nossa língua...

— Sim, falamos algumas línguas de vocês da superfície e ainda entendemos razoavelmente outras que não conseguimos falar.

— Da superfície?... Por que isso?

— Nós habitamos o subterrâneo. Digam-nos agora quem são vocês, o que estavam fazendo por aqui e o que querem de nós. Estas mesmas perguntas o Prof. Sufiáti fez também a eles.

Depois de alguns minutos de conversa, foi ajustado que a equipe do Prof. Sufiáti viesse ao mesmo local no dia seguinte, à mesma hora, e poderiam ser conduzidos ao interior. Porém não passassem esta notícia a mais ninguém e que a equipe não fosse de mais de sete.

Assim combinados, despediram-se. Aqueles do interior da Terra juntaram as mãos aproximando-as do peito à moda indu e curvaram-se várias vezes como um cumprimento japonês; deram três passos para trás voltaram-se e partiram. A uns cinqüenta metros além, pouco mais, sumiram num pequeno bosque. A nossa equipe de curiosos foi até o bosque e nada mais viu do que árvores, arbustos, algumas pedras grandes e um pequeno lago; só.

Agora na pequena casa da fazenda, pequena mas confortável e até luxuosa, ouviam a fita no aparelho e confabulavam e faziam preparativos para a misteriosa viagem do dia seguinte.

Aquela casa não era residência do fazendeiro que apenas mantinha capataz noutra casa maior, distante quase dois quilômetros dali, onde também moravam os trabalhadores. Este recanto onde não havia cultura agrícola nem o gado pastava, o dono da terra, que morava em S. Paulo, reservara esta pequena casa de muito conforto para dias de repouso. Os nossos pesquisadores haviam obtido por empréstimo e ficariam ali duas semanas.

CAPÍTULO II
DOS DIAS ATUAIS

AS VIAGENS AO INTERIOR

No dia seguinte, duas horas antes do momento aprazado, lá estavam os cinco, cada um com u'a mochila. Sentaram-se por ali e, com as mochilas no chão, aguardavam olhando fixamente o bosque onde haviam desaparecido aqueles que se diziam moradores do subterrâneo. Os minutos se arrastavam. Nada acontecia, contudo a conversa entre eles, reveladora de mistério, incutia medo em todos.

Por trás deles, sem que houvessem percebido qualquer barulho, surgiu uma pessoa, certamente dos interioranos, porém não se podia saber se era homem ou mulher, pela a calma e ambígua expressão facial, a roupa e o cabelo; nem se poderia saber se era um daqueles do primeiro grupo da véspera.

Este (ou esta) falou:

— Podemos ir? (Voz masculina)

Todos se levantaram e iam por as mochilas nas costas quando ele fez um gesto calmo com a mão dizendo:

— Deixem a carga; deixem os pertences costumeiros; vocês não pre-

cisarão deles; até atrapalham. Lá vocês terão tudo o de que precisarem e o mais que merecerem.

Às ocultas, segundo julgou, o moço Jubal guardou no bolso um canivete que supunha ser um instrumento de muitas possibilidades e levou consigo. Foi-lhes afinal permitido esconderem as mochilas por ali entre as macegas, já que não sabiam livrar-se delas e as queriam como pertences valiosos e, se não conduziam às costas, levavam na preocupação e desejavam recolhê-las na volta, se é que voltariam.

Queiram levar o gravador. O Prof. Sufiáti disse da utilidade daquele objeto e consultou se poderiam levá-lo. Um dos seres recomendou:

— Nem nus nem recobertos com coisas atrapalhantes da marcha, nem metais. Assim vocês deverão estar preparados para as viagens. (Ele disse as viagens).

Falando assim, apanhou da mão do Professor o aparelho e, fazendo sinal, — ele mesmo o conduziria, — puseram-se a andar.

Lá no bosque, mais seis deles aguardavam. Agora o heterogêneo grupo era de doze pessoas. Diríamos sete de elevadíssimo saber e cinco ainda adormecidos, ou ocultos, não participantes ostensivos da lei universal, os terráqueos superficiais. Os sete interioranos trajavam-se de modo igual e tinham um andar macio, assim como as mulheres nipônicas, passos miúdos e balanceados com flexibilidade nas pernas. Um grupinho incomum que contrastava com os endurecidos e desengonçados superficianos.

Acompanhando aqueles estranhos, entraram por uma caverna que havia entre as pedras ocultas no bosque. Ao descerem três degraus, encontraram no chão a palavra ZERO escrita em sete idiomas. Uma seta pintada apontava a frente. A seta estava entre palavras IMUTÁVEL. na verdade uma só palavra escrita em sete línguas também. A outra palavra haveria de estar depois desta. A numeração prosseguia crescendo. Ouviam-se, partindo não se sabe de onde, sons de correntes de ferro de gonzos de pesadas portas e de tilintar de espadas que se chocavam em luta. Era assustador ou pelo menos impressionante. À altura do número trinta e três cairam do teto poeira e torrões de barro. Repentinamente a terra se rachou dos lados e baixou aproximadamente meio metro o chão onde eles pisavam. Dali todos subiram por degraus irregulares e continuaram, mas o choque os aterrorizou e muitos pequenos gritos foram ouvidos, partindo deles que se assustavam.

Ao atingirem o número sessenta e seis, a seta estava em sentido oposto apontando a origem, não o avante, e ainda a palavra IMUTÁVEL.

Um traço forte separava o número sessenta e seis de um outro ZERO e nova palavra em sete línguas: agora estava escrito com letras

6610

vermelhas: POSSÍVEL. E o silêncio se fez absoluto. O caminho agora se abriu num túnel reto com paredes lisas como se fossem de cimento. O chão atapetado de veludo vermelho. Uma luz difusa, vermelha, mortiça, de penumbra, envolvia a todos. Os seres subterrâneos voltaram os rostos para os visitantes e fizeram gestos que davam a entender silêncio. Puseram cada um deles a mão direita em concha nas frontes em postura de meditação e, cabisbaixos, avançaram lentamente. Os demais imitaram. Soprava uma brisa leve. No entanto havia um som de vento forte, vuuuuu... Pelo ar vinham manchas de neblina compactas como se fossem pequenas núvens. De tempos em tempos, luzes fortes e rápidas, de raios elétricos atmosféricos, traziam, logo após, fortes estalos e ruídos de trovão. Raios e ruídos de trovão. Ruídos estranhos arrepiantes. Quando ocorriam os raios e os fortes estalos e trovões, desaparecia por um momento a luz vermelha e tudo se toranava claro como o dia, mas só por alguns segundos e depois voltava ao vermelho, às núvens e à brisa constante.

No fim deste túnel, estava escrito TRINTA E TRÊS e uma porta como se fosse uma parede de cobre. Uma parada em frente à porta ou muro, e os subterrâneos todos juntos fizeram um mesmo gesto com a mão direita, como se saudassem ou abençoassem, e abriu-se para ângulo de noventa graus à direita mais um túnel chapeado de cobre, arredondado como um grande canudo. O piso era todo de degraus e era longo. Agora a luz era azul. Bem no primeiro degrau brotava água que escorria lentamente e tão pouca que dava apenas para molhar o piso. Foram descendo todos pelos degraus molhados. De repente escureceu, uma noite azul, e começou a chover. Os nossos amigos, da superfície, olharam para o alto e não conseguiam saber de onde a chuva surgia. Já quase em meio da jornada, abriu-se uma parede e jorrou água em borbotões que, atingindo-os, derrubou a todos os visitantes que rolaram três ou quatro metros aproximadamente até um pequeno lago, formado ali pela própria água, numa depressão que antes ali não estava.

Ai... ui... segura... vamos morrer.... Mas ninguém morreu nem se feriu. Nem se afogaram nem afundaram. Levantaram-se e a água dava na cintura. A água não escorreu dali pelos degraus abaixo; escoou-se pelo fundo da depressão. Voltando à calma, perceberam que estavam numa parte mais baixa, eles, mas não os anfitriões que estavam enxutos, calmos, ali em cima fitando-os. Olharam e viram alguns degraus de barranco irregular como de terra meio solta, de rachaduras e pedras. Nos degraus estavam escritas palavras SETE e números SETE em vários lugares. Subiram pelo esbarrancados e contaram sete passos.

O túnel continuava molhado no chão e uma chuva miúda constante mas já não era azul escuro, era azul ainda, mas azul celeste, lavanda,

muitas flores. O anormal, diferente da terra, era apenas a profusão de flores de variadas espécies e cores e tamanhos. Uma estrada de chão batido de areião firme, muito branca. Seguiram todos por ela. Contudo não se via nenhum tipo de carro de transporte, nenhum veículo.

CAPÍTULO III

DOS DIAS ATUAIS

NO INTERIOR DA TERRA

Enquanto andavam, viam que havia pássaros, animais e todas as coisas comuns da superfície. Passaram por uma estátua de ouro de dois metros de altura, afora o pedestal. Foram informados que se tratava de uma lembrança e tributo aos mocmacs, animais extintos que deveriam ter sido os dminadores de uma civilização no nosso planeta. A estátua retratava um mocmac. Tinha o aspecto de u'a mulher com cara de gato, mas de pequenos seios e uma cauda de mais de um metro de comprimento. Na verdade só o tronco é que era de mulher, mas de nádegas salientes, pernas torneadas, bonitas. Mocmac fêmea.

As casas eram de três formatos e postas aqui e ali, sem regularidade, sem alinhamento: pirâmides, mastabas e esferas. Não havia casas de outro formato. O teto daquele mundo, embora fosse alto, altíssimo, não era céu; não havia núvens. Todavia fixados em vários pontos do teto viam-se focos de luz intensa, certamente artificiais. Aos poucos foram sabendo que aquelas luzes diminuiam de intensidade até se apagarem e formavam assim os dias e as noites.

Continuaram a caminhar olhando, curiosíssimos, para os lados e para o alto.

Por exceção, uma das casas era de duas pirâmides uma sobre a outra, sendo a de baixo aparentemente cortada no terço inferior de onde as paredes da outra se afastavam como beirais e dali outra pirâmide se formava para o alto. A de baixo, cortada, era de prata e a de cima de ouro, assim como uma pirâmide de ouro sobre u'a mastaba de prata. Aproximaram-se desta. Tinha portas. Dirigiram-se para ela e nas proximidades passaram entre pessoas que somente olhavam um pouco, com fraca curiosidade, e logo voltavam às suas ocupações. Estas pessoas, todas elas, usavam batas dalmáticas de cores diversas; cabelos longos, algumas louras outras morenas e de todas as idades. Ao se aproximarem de uma porta da pirâmide dupla, viram a porta se abrir ao meio automaticamente, deslisando para os lados. Entraram. Sempre acompanhados dos sete habitantes dali que os conduziam.

De algum lugar de dentro da casa vinham risos. Chegaram a uma grande sala redonda de teto abobadado. No chão um grande tapete verde e do teto partia iluminação branca, difusa. Muitas pessoas pela sala em diversas atividades. Uns conversavam sérios, outros rindo levemente. Alguns liam grossos livros de capa de couro. Também por ali crianças brincavam despreocupadas; uma dúzia, talvez. Os visitantes não conseguiram distinguir homens e mulheres já que nenhum tinha barba e as feições eram muito semelhantes, todos de cabelos longos, à altura dos ombros, e todos com a mesma espécie de túnica dalmática aberta ao longo dos lados e de variadas cores.

Notaram apenas que a percentagem de morenos cor de índio era mais ou menos de dois para cada louro.

Conduzidos para perto de um deles, certamente o líder, este bateu num gongo que soou agradavelmente e todos da sala agora se aproximaram (com exceção das crianças que se retiraram), formaram um círculo e sentaram-se em bancos recobertos de panos como veludos e também em almofadas.

A um sinal do líder, os visitantes também sentaram-se, e uma daquelas pessoas saiu do salão e voltou com uma bandeija com muitas xícaras de chá. Todos beberam normalmente; os subterrâneos não demonstraram sentir nada de novo, porém os do grupo que viera da superfície, estes sim perceberam primeiro que era adocicado e levemente picante assim como champanhe ou guaraná gaseificado, mas de sabor novo, delicioso, estranho. Logo sentiram como se a cabeça ficasse maior e o coração tão leve que parecia flutuar. Enquanto surtiam os efeitos, eles eram observados pelos residentes. Agora a inteligência

deles clareou como se tudo fosse inteligível e captaram telepaticamente os pensamentos de todos, embora ainda não muito nítidamente, e notaram que algo era ilógico, os pensamentos não faziam sentido para a lógica que conheciam.

Ainda assim, o líder dos subterrâneos iniciou uma conversa falada. Agora calmos, iriam saber os fatos daquela estranha comunidade.

O Professor Sufiáti consultou o líder se poderia ligar o gravador. Sorriram todos, menos os visitantes, tendo algum interiorano dito que agora a própria memória de cada um reteria tudo e não precisavam de máquinas. Contudo foi-lhes permitido ligarem.

Neste momento entrou na sala um personagem trazendo dois aparelhos desconhecidos para os visitantes.

Fez um sinal de saudação a todos e dirigiu-se ao líder:

— Mair Jagã, o Mair Instrutor, manda que eu te peça permissão para comprimir a pressão sobre os recém-chegados para que depois, ao reverter, possa a expansão das auras os beneficiar.

— Sim, mas antes consulte se estão sem metais junto aos seus corpos.

Isto foi perguntado a todos e eles disseram que não traziam metais. No entanto o operador-instrutor, examinando-os com os olhos, notou que o Dr. Antério tinha um cinto com fivela de metal e mandou que tirasse. Os demais não tinham fivelas, estavam com macacões corridos.

O jovem Jubal, que desobedecera lá na superfície quando foi recomendado deixarem todos os objetos, trouxera um canivete. Agora, temeroso, negou a posse do objeto.

Uma troca de olhares rápida entre o Mair Jagã, e o operador retirou-se da sala enquanto ali o grupo permaneceu em silêncio. O operador voltou três ou quatro minutos após acompanhado de outro personagem. Pediram que todos se deitassem nos tapetes, abrissem as pernas e os braços e relaxassem. Os de casa fizeram isso e os visitantes em seguida fizeram o mesmo.

O aparelho maior foi posto entre eles e com o aparelho menor na mão, o operador, virando uma pequena alavanca, fez a ligação.

Os visitantes ouviram um zunido e desmaiaram. Só souberam, depois, que todos ficaram envoltos em uma aura azul-esverdeada.

E algo grave: por causa da forte pressão de fora para dentro, o canivete oculto no bolso de Jubal penetrou no seu corpo, mas os subterrâneos já haviam percebido a mentira dele e tinham preparado, lá dentro, o aparelho de socorro.

Os demais ficaram trinta e três segundos sob a compressão, porém não o nosso jovem Jubal que, mal fora ligado o aparelho, já o canivete

Telepatia

perfurara o seu ventre e se alojara dentro, entre o peritônio e os intestinos, foi carregado e posto lá na máquina de socorro médico urgente. No momento não sentira dor, por ter desmaiado, mas ao ser afastado dali, percebeu o seu infortúnio e gritou e gemeu.

Lá, foi posto sob um aparelho de sucção-magnética e assim o objeto foi extraído.

A seguir, o mesmo processo com que tinham curado a jovem Paula lá naquele acidente da superfície, também agora emendaram o peritônio e cicatrizaram o músculo e a pele dele. Só que desta vez deixaram a marca da cicatriz.

Com a volta de Jubal ao salão, um deles explicou tudo o que havia ocorrido e, depois da censura que cabia no caso, voltaram à calma. O canivete foi entregue limpo ao jovem, com uma recomendação: "Não se apegue a coisas supérfluas desnecessárias".

Então Mair lagã apontou para o gravador, pois já fora autorizada a ligação; era simples gesto para que não fosse esquecido.

Entre os interioranos presentes, Paula reconheceu aquele que havia posto a mão direita sobre o seu pé quebrado e curara o ferimento. Sentiu por ele algo mais forte, acentuada simpatia, e percebeu que também ele a observava fixamente. Pelo nosso julgamento, dir-se-ia que ele tinha uns trinta anos de idade. Os terráqueos não conseguiram reconhecê-lo, mas Paula, sim, a seu modo.

Durante todo o tempo da narrativa eles trocaram olhares e a jovem sentia que ele lhe falava mentalmente.

Mair lagã contou grande parte da narrativa sempre interrompido por um assistente e, às vezes outros, e também por perguntas do Prof. Sufiáti.

O tempo passou. A fita mudada três vezes. Todos ficaram com os registros da história ou estória e, terminadas as fitas, ainda ouviram muito mais daquela maneira de viver lá embaixo e da origem deles. Da alimentação souberam que não comiam carne; apenas plantas diversas, batatas, pão de uma farinha (que não era de trigo), leite e mel. De animais comiam apenas ovos e algumas ovas de peixes variados. Souberam que alguma espécie de alimentação vinham buscar na superfície.

. . . . . .

O retorno foi muito agradável, mas sentiam tão insólito, esquisito e novo que parecia um sonho. O caminho da volta era outro: liso, sem acidentes, em leve curva para a direita.

. . . . . .

Agora na sala, à meia luz inicialmente; depois às escuras, todos comodamente sentados, ouviam o gravador somente para confirmar que tudo de fato acontecera, pois todos sabiam de memória cada momento vivido. E a quase incrível narração era assim:

CAPÍTULO IV
DA HISTÓRIA ANTIGA

O GRUPO TRINO DE ASTROS

O nosso planeta Terra, há cerca de oitenta mil anos de tempo de duração atual, ou um pouco menos, setenta mil, talvez, girava em outra órbita. Não nesta; mas mais perto do Sol.

Naquela órbita, três planetas formavam um conjunto bem próximos uns dos outros; giravam sobre os seus eixos e também os três ao redor, como se brincassem de ciranda, e ainda o conjunto ternário fazia a translação na elíptica ao redor do Sol, sempre juntos. Naquele tempo, naquela órbita, o nome do planeta Terra era Lan-Tis. Outro um pouco maior do que Lan-Tis era denominado Mure, e o menor deles chamava-se Lun-Ná.

Era assim. Assim estavam.

CAPÍTULO V
DOS DIAS ATUAIS

NA CASA DA FAZENDA

Toda a equipe do Prof. Sufiáti permaneceu naquela casa da fazenda durante treze dias, escrevendo o que ouviram ou souberam. Trabalho de equipe. O Professor Sufiáti escrevia em manuscrito, passava ao Dr. Antério que revisava. Paula em seguida datilografava. Noutra mesa, o jovem Jubal corrigia os erros de linguagem que houvesse escapado à caneta do Dr. Antério. Agora era Aline quem datilografava em duas vias.

Uma via era entregue ao Prof. Sufiáti outra ao Dr. Antério para uma verificação final. Novamente eram feitas anotações isoladamente, cada uma na sua folha. Sempre que tinham sete folhas assim anotadas, juntavam-se todos numa mesma mesa e liam e reliam e punham em ordem final, acrescentando ou retirando algo. De novo estava Aline à máquina; agora em três vias. Trabalharam assim treze dias, interrompidos por aquelas horas de idas ao interior da terra, até que este romance ficou pronto para a impressora. Nos primeiros dias, Paula estava sempre com o olhar distante, pensativa, taciturna.

A narrativa que estavam datilografando continuava assim:

CAPÍTULO VI
DA HISTÓRIA ANTIGA

UM PLANETA... OU TRÊS... EM PERIGO

No planeta Lan-Tis, havia de quase todos os animais que ainda hoje há na Terra (que é o mesmo Lan-Tis) porém todos ou quase todos de tamanho maior, bem maior. Também existia uma espécie de animal completamente diferente e que não existe mais, os mocmacs. Destes descendem os macacos atuais, como veremos depois.

No planeta Lan-Tis, atual Terra, a natureza não havia produzido o ser humano.

Os mureanos que tinham alcançado alto estágio de civilização, principalmente mecânica e administrativa, havia cerca de vinte mil anos antes deste acontecimento narrado neste livro, transladaram-se já assim evoluídos para Lan-Tis e aqui passaram a viver muitos deles do mesmo jeito de vida do seu mundo de origem, onde ainda continuava a existir a civilização do seu povo.

Fazia já dez mil anos e a nova civilização em Lan-Tis evoluíra da parte das máquinas para uma quase perfeita eugenia e filosofia e paz.

Aconteceu que, certo dia, depois de estarem aqui por dez mil anos,

eles foram forçados a voltar para Mure, pois chegaram centenas e centenas de naves alienígenas vindas de outro sistema solar trazendo uma raça loura e mais alta do que os mureanos. Estes que para cá foram trazidos eram exilados de lá do seu mundo porque persistiam em procedimentos contrários às leis de evolução: individualistas, matadores, guerreiros e apegados a valores materiais.

Como os mureanos eram pacíficos e não sabiam reagir com violência, nem mesmo em defesa, foi impossível a convivência e fugiram. Voltaram a Mure. Deixaram aqui muito do seu modo de vida e de lá emitiam mensagens de amor e de novos valores tentando modificar a baixa civilização que nessa época se implantara em Lan-Tis. Demorou, mais de dez mil anos para estes insólitos e desmedidos acontecimentos que veremos relatados aqui, já eles haviam alcançado o estágio da civilização azul fazia uns oito ou nove mil anos e já viviam em plena harmonia com os mureanos e os lunasianos ao tempo desta hecatombe.

A cada cinqüenta ou cinqüenta e dois anos, de lá, daquela cronologia, um cometa passava por dentro do nosso sistema solar, por fora da nossa órbita, isto é, entre a tríade e Mau Orte (assim era o nome do atual planeta Marte) o planeta de fora, mais próximo.

Recuemos setenta ou setenta e cinco mil anos do nosso atual tempo e vejamos.

Estamos em Mure, o planeta de tamanho maior da tríade. Numa sala redonda de bancos e almofadas, um grupo de líderes conversava para decidir sobre a difícil situação.

Havia alguns Conselheiros de Lan-Tis visitando aquele planeta.

— Com o último movimento solar, Mure reforçou a sua carga positiva interior e está puxando Lan-Tis e Lun-Ná para mais próximo de nós.

— E se colocarmos mais elementos negativos no nosso cristal interior?

— Nós sabemos que o equilíbrio de Mure, assim como o de Lan-Tis, está assentado em um trinta avos, que é o peso-massa do cristal com relação à massa restante. Se levarmos mais da superfície de Mure e transformarmos lá em massa negativa, certamente o equilíbrio há de se recompor.

— Mas a energia central tenderia para força centrífuga e racharia a crosta de Mure, se uma pequena dose de carga positiva ultrapassasse o ponto de equilíbrio.

— Se a massa acrescentada ao cristal conservar-se negativa e se no entanto restabelecer-se o equilíbrio, não poderá tornar-se centrífuga a força energética, pois não?

— A preocupação é exatamente com a dosagem. Se deixarmos

passar pouco além do necessário é que ocorrerá o desequilíbrio pelo lado inverso e a pressão tornará impossível a vida na superfície.

— Vejamos então outro ponto. Sabemos que Lun-Ná não é oco. Poderemos fazer um acordo com eles. Hoje eles vivem aquele tipo de civilização: a superfície é mole, eles não têm árvores como as nossas, somente cipós. As suas casas são de cipós. As poucas estradas sólidas são da massa retirada da profundidade.

— Bom, nós sabemos tudo isso. Sabemos bem que as suas usinas de energia estão enterradas no subsolo duro e que eles não têm veículos de superfície. Por que tu, Mair latá, falas disso e também todos vocês argumentam com coisas, tão sabidas sem acrescentar premissas que se encaminhem para a solução?

Ao que Mair latá respondeu:

— Exponho as premissas básicas apenas. Pretendo que nada nos escape no raciocínio do encaminhamento da questão. Se eles, de Lun-Ná, nos cederem massa da superfície, a sua crosta vai endurecer e terão de viver numa outra forma de civilização, semelhante à nossa.

— Não é melhor para eles?

— Pelo nosso julgamento, segundo o nosso conceito, é. E eles entenderão assim?

— Vamos argumentar com eles.

Poucas horas depois deste concílio, diversas naves voaram de Mure para Lun-Ná. As grandes naves pairaram acima da atmosfera de Lun-Ná e destas partiram outras menores que mergulharam por amplas entradas para o interior daquele planeta. Foram parlamentar com os Conselheiros lunasianos.

Naquele tempo, as pessoas de Mure eram as de menor estatura. Relativamente aos outros, eles eram pequenos e todos com o mesmo porte e mesma feição dos atuais chineses e indígenas da América do Sul. Ainda assim, eram bem mais altos do que os atuais chineses, e ameríndios da América do Sul. Tinham dois metros de altura, contudo pareciam anões na sessão de debates juntos com os lunasianos que tinham em média quatro metros. E eram negros os de lá. Os de Lun-Ná, assim altos, eram pouco mais altos do que os habitantes de Lan-Tis que estes tinham três metros e meio, porém os de Lan-Tis eram brancos, louros.

Do concílio entre Mureanos e Lun-nasianos e alguns Lan-tisianos, que acompanharam a caravana até lá, surgiram problemas tais que a solução envolveria o planeta Lan-Tis. Precisavam, pois, de deliberar juntamente com os Conselhos de Lan-Tis. Ora, a civilização de Lun-Ná iria modificar-se de tal maneira que precisariam rapidamente de metais e

tecnologia. A crosta de Lun-Ná, que era molhada, mole, iria modificar-se solidificando-se. Se isso era bom, também criaria novas necessidades de veículos de roda para superfície e as usinas passariam a ser em grande número, também na parte externa, bem assim as casas residenciais deveriam ser, depois, em grande número na superfície, como nos demais planetas.

Alguns argumentaram que deveriam ter veículos à moda dos mureanos, sem roda, mas chegaram à conclusão que isto era um passo mais adiante, e os de Lun-Ná estavam convencidos que deveriam passar primeiro pela etapa de veículos de rodas de superfície, considerados por eles mais atrasados, mas seguiriam a marcha da natureza. Só mais tarde alcançariam a civilização semelhante à de Mure.

Estavam assim quase acertados e voaram para Lan-Tis. Reunidos os Conselhos de Lun-Ná, Mure e Lan-Tis, concluiram que não poderiam retirar tantos metais da crosta de Lan-Tis porque daí adviria desequilíbrio também neste planeta: Urgia pressa para as decisões. Um descomunal desastre estava iminente para ocorrer em Mure afetando a todos da tríade.

Horas de debates e foi resolvido:

Lan-Tis forneceria todo o material necessário a Lun-Ná e também a tecnologia.

Mure forneceria tecnologia e pessoal para o trabalho durante cinqüenta anos:

Retirariam, para a presente emergência, materia prima de Lun-Ná. Da materia retirada de Lun-Ná, parte destinar-se-ia à crosta de Lan-Tis e uma parte iria para o interior de Mure, pois este precisava de muita massa negativa que envolvesse o seu cristal que era altamente positivo como um Sol interior. Mure era oco. Lan-Tis não era bem oco, mas quase, pois a materia compactamente poeirenta e gasosa do seu miolo envolvia o cristal que também havia no seu centro.

Poriam a funcionar as máquinas sofisticadas pequenas e compactas mas possantes para sugar magneticamente matéria de Lun-Ná de tal forma que ao mesmo tempo seria atraída massa para Lan-Tis e para Mure. Algumas máquinas seriam instaladas em Lun-Ná combinadas com as de ambos os outros planetas. (de cá).

A população de Lun-Ná sairia da superfície. Quantos pudessem recolher-se-iam às cavernas isto é, aos túneis artificiais de muita profundidade e uma parte mudar-se-ia provisoriamente para Lan-Tis e Mure.

Análise feita, deliberação tomada, ordenadas as providências, começou a operação.

Da crosta branca e mole de Lun-Ná começou a levantar o que, por

falta de outra palavra, chamaremos de poeira que o envolveu num estranho halo de núvem.

Mas nem tudo fora previsto, como parecera.

Mais quantidade de poeira canalizava-se para o interior de mure do que para a superfície de Lan-Tis. Se o equilíbrio poderia aos poucos restabelecer-se em Mure, isso não estava ocorrendo agora porque a matéria que entrava para o interior de Mure transformava-se em carga positiva, dada a alta velocidade que atingiam as moléculas e os átomos ao aderirem ao possante cristal.

Nos três planetas os Supremos Conselhos, estavam reunidos cada um em uma sala em que três paredes eram enormes telas de televisão.

Muitos outros Grandes Conselhos também estavam reunidos como observadores em todos os planetas. Numa tela de televisão viram os membros do Supremo Conselho de Lun-Ná informarem:

— O nosso planeta está diminuindo pelo desgaste, mais do que o previsto, e sendo atraído para vocês, quando deveria estar se afastando!...

CAPÍTULO VII
DA HISTÓRIA ANTIGA

COMO ERAM AS RAÇAS

Os habitantes de Lun-Ná eram negros, altos e magros, de olhos esbugalhados. Magros porém de muita saúde, mesmo por que não havia propriamente doença naquele estágio da civilização; apenas ocorriam raramente ferimentos por acidentes ocasionais ou intoxicação alimentar, mais raro ainda. O mais comum eram mal-estares de desarmonia de energias. Tinham quatro metros de altura quase invariavelmente. As mulheres eram um pouco mais baixas e não havia gordas, pois a obesidade seria doença em decorrência de desarranjos das energias corporais.

Um pouco mais baixos, três metros e meio de estatura, eram os lantisianos, todos louros de olhos azuis ou azuis-esverdeados ou lilases. Não havia raquíticos nem obesos. A variação fisionômica era pouca, somente nos olhos que se diferenciavam pelas cores; também alguns usavam barbas, muito poucos, e as tinham dos mais diferentes cortes. As mulheres também um pouco menores do que os homens, se as julgarmos pelos padrões atuais, eram as mais lindas bonecas que o leitor pode

imaginar, se o seu gosto for por loura de olhos alongados, rasgados, de cílios longos semicerrados que guardavam pupilas com leves estrabismos de olhares parados, de segredos abismais, olhos de vênus, com aquelas variadas cores: azuis, azuis-esverdeados ou côr de violetas. Não havia entre os lantisianos olhos pretos ou castanhos. Elas não usavam pintura no rosto nem nos lábios e, quando não estavam de elmos, toucas ou outras carapuças próprias para o trabalho, andavam sempre com os cabelos soltos esvoaçantes que, cortados juntos aos ombros, tinham cores claras, sempre, que variavam do castanho claro ou avermelhado cor de fogo ao amarelo-palha. Desde crianças à velhice os cabelos traziam-nos assim. Sempre.

Para o leitor saber como eram os pardos, de Mure, veja ou imagine os japoneses chineses ou ameríndios. Imberbes todos, naturalmente mais altos e do que os de hoje, contudo bem mais parecidos uns com os outros. Os homens tinham a ossatura facial angulosa. Não eram assim, por certo, os rostos das mulheres, mas arredondados, limpos, delicadíssimos, macios. Estas usavam pinturas, muito coloridas nos olhos, no queixo, mas nunca nos lábios.

CAPÍTULO VIII

DA HISTÓRIA ANTIGA

MURE CONTINUA EM PERIGO

Confimada a informação que ouviram de Lun-Ná. De fato o pequeno planeta daquele conjunto ternário diminuia demais e se aproximava para o centro da tríade.

Do Supremo Conselho de Mure sugeriram:

— Recomendamos que todas as naves disponíveis de Mure voem para Lan-Tis e se juntem àquelas de lá a fim de que todas transportem o máximo de metal para Lun-Ná.

De Lun-Ná bem como de Lan-Tis argumentaram:

— Não dará certo porque, mesmo que a operação restabeleça o peso de Lun-Ná e ele volte à sua posição, não solucionará o problema, já que, ao se retirar tanta matéria da superfície de Lan-Tis, certamente este também se desequilibrará e irá piorar tudo.

— E mais: o desequilíbrio que vier a ocorrer em Lan-Tis fará os três chocarem-se uns nos outros.

— Quando Mair Sumé estudava um processo de tornar flexível a carga positiva dos cristais interiores para aumentá-la ou diminuí-la

— Não atinei para todos os problemas, — disse o Engenheiro Ianê, — pensei apenas que depois de atingirmos giro mais veloz, poderíamos nos deslocar para Lun-Ná e auxiliarmos em algo, operando as suas centrais subterrâneas.

— Sim, poderíamos transportar para lá os foguetes para o empuxo na linha equatorial.

— É mesmo! Agora lá a crosta já está dura!

Um Conselheiro que permanecia pensativo num canto aparteou:

— Devemos levar em conta que talvez apenas um décimo da potência dos foguetes atuarão no impulso, pois a força maior será absorvida na ação e reação contra o próprio ar. Ora, teremos de impulsionar junto com globo planetário concreto também toda a camada envolvente, mas os foguetes, colados ao solo estarão presos na atmosfera, portanto fazendo a ação e reação dentro do próprio ar que também terá que fazer girar.

— Isto é verdade. A maior parte do poder de empuxo se esvairá contra o próprio ar, pois estarão os foguetes mergulhados nele e, como bem foi lembrado, precisaremos de fazer girar toda a atmosfera que capeia o globo.

— Mas poderemos afastar a camada de ar deixando nua a camada sólida onde os foguetes vão atuar. Já fizemos diversas experiências de afastamento total de colunas de atmosfera naquelas ocasiões em que precisamos de fazer a luz solar tocar diretamente o solo.

Naquelas vezes foram cones; agora poderemos limpar uma faixa alongada em toda a linha onde estejam os foguetes. Poderemos repetir aquele processo de conjugação do sexto com o sétimo raios e afastarmos uma faixa de atmosfera em toda a linha equatorial.

— Isso mesmo! E mais: cortar fatias, calotas, das duas extremidades da atmosfera nos polos para os dois maiores foguetes de lá.

Um Conselheiro:

— Resolvido! Não percamos mais tempo! Deve ser este o procedimento.

Outro Supremo Conselheiro:

— Começa a tomar sentido. Vamos complementar: não é preciso transportarmos máquinas para Lun-Ná. Basta que façamos girar dois, e que todos nós estejamos com os cintos de deslocamento aéreo, todos dos dois planetas, e que todas as naves, lotadas, fiquem no ar e algumas delas com aparelhagem que auxiliem a operação. Assim o pessoal das centrais de subsolo será auxiliado pelos aparelhos que estejam nas naves. E quando deixarmos diminuir a rotação, ninguém cairá; todos controlarão a decida pelos cintos e nas máquinas.

Alguém lembrou mais uma vez:

poeira da atmosfera perturbava a visibilidade. É certo que todas as naves traziam nos tanques o bom ar para a respiração que antes usavam nas viagens para outros planetas. Daí não se atinar para a causa das quedas de algumas naves, pois poderiam usar os seus tanques de suprimento. Então? Ou se apercebiam tarde e sufocavam-se ou, o que era mais provável, chocavam-se umas nas outras, já que a poeira na atmosfera não era distribuída uniformemente e, ao atravessarem alguma núvem de pó mais compacta, aconteciam os desastres.

CAPÍTULO IX
DOS DIAS ATUAIS

PAULA REENCONTRA O SEU AMADO MILENAR

Já estavam no terceiro dia lá na casinha da fazenda os cinco trabalhando na narrativa, quando Paula chamou o Professor Sufiáti.

— Vovô, eu posso falar um pouco com você? Vem cá.

— O Professor percebeu que deveria tratar-se de algo pessoal e, segurando-a pela mão, dirigiu-se para fora e, lá, num banco tosco, sob uma árvore frondosa, ambos sentaram-se para conversar.

— Então, vamos lá, conta-me o segredo. Diga-me o que está acontecendo.

— Bom, vovô, eu nem sei bem o que está se passando. Pode ser que eu esteja louca, não sei.

— Ora essa, vamos conversar calmamente. Por que você se sente confusa? Vamos esclarecer tudo.

— É que eu penso coisas. Até parece que eu ouço coisas... sei lá.

— Que é que você ouve ou pensa que está ouvindo?

— Você se lembra daquele moço que curou o meu pé, daquele jeito?

— Eu não posso me lembrar bem dele, pois para mim todos são muito

parecidos, mas me lembro do fato.

— Pois, vovô, era ele que estava lá em baixo naquela reunião com os subterrâneos e me olhava muito.

— Porque você pensa que era ele, que era o mesmo homem? E se fosse, qual seria o caso?

— Bom... é que eu o reconheci e parece que... ah! vovô... como é que eu vou dizer?

— Eu ajudo: você o achou lindo.

— Você está é brincando... mas é verdade. Achei lindo e agora não me sai da cabeça.

— Pensa muito nele?

— É só no que eu penso.

— Então você se apaixonou?

— É porisso que eu acho que estou ficando maluca, porque ouço falas dele. Será telepatia ou maluquice minha?

— Quais os pensamentos ou as "falas" que lhes vêm dele?

— Ele diz que me ama também e que quer falar comigo de perto; que eu o procure.

— Ôpa! A coisa está que não é brincadeira!

— Ora, vovô, não brinque, mas me ajude.

— Você sabe que eu estou sempre para ajudar. Vamos combinar como agir.

— Primeira pergunta: e como fica o teu namorado de lá de Goiânia?

— Ora... já era. Coisa do passado. Tenho pena dele, mas não posso mais.

A conversa prosseguiu assim até que acertaram que Paula se concentrasse na recepção das mensagens. Depois, só depois, entrasse em relaxação e respondesse a ele.

Assim, durante aquela tarde e noite, foi este o procedimento.

Na madrugada, Paula saiu da cama e ainda de roupa de dormir encaminhou-se até o quarto do seu avô. Contou-lhe que o moço a chamava e iria encontrar-se com ele. O Professor disse que ela fosse com calma, com cuidado.

As primeiras luzes da aurora davam às núvens uma tonalidade de ouro vermelho deixando todo o céu levemente colorido, bordado aqui e ali de cinza escuro, quando Paula, vestindo longa e ampla camisola azul celeste, de pés descalços, pisando a relva macia e molhada de orvalho, foi ao encontro de Mos-Hé. Assim era o nome do moço morador do subterrâneo.

Depois de andar uns cem metros distante da casa, avistou-o. Ele estivera lá sentado em posição, âssana, de Budha. Ele, Mos-Hé, ao ver a

jovem, levantou-se e, por alguns segundos, fixou-a com o olhar. Paula parou e também o olhou. Estava trêmula. Mos-Hé deu alguns passos em direção a ela e então os dois foram se aproximando sem falar e, em silênciio, juntaram-se dando-se as mãos. Segurando ambas as mãos, olharam-se nos olhos e, sem dizer palavras, foram lentamente para baixo de uma árvore de grande e fechada copa. Sob a árvore havia um pedaço de tronco semiapodrecido onde sentaram-se mirando-se sempre nos olhos.

Então ele falou:

— Faz muito tempo... muito mesmo que eu te esperava.

Sem resposta, apenas vibrando, imersa num halo de emoções pujantes de um amor milenar, a jovem aproximou a cabeça do peito de Mos-Hé e hauria sopro de vida intensa, de amor indizível de felicidade nem sequer sonhada.

Ele acariciou-lhe os cabelos e, baixando-se, roçou os lábios no alto da cabeça de Paula.

Ela virou-se calmamente e recostou-se no seu ombro e assim permaneceram até que o Sol, muito cedo ainda, projetava alongadas sombras das árvores e arbustos e fazia rebrilhar aqui e ali o orvalho no revelado.

Na casa todos ainda dormiam. Os dois apaixonados ainda permaneciam ali e só mentalmente se comunicavam. Algum tempo mais tarde, Mos-Hé puxou calmamente Paula pela cintura e ela cedeu sem reação e aconchegou-se ao colo do seu amado. Ele roçou levemente o queixo na face de Paula e ela beijou-lhe o dorso da mão e o braço. Assim permaneceram envoltos na mesma aura de amor forte, vibrante, milenar, de felicidade imensurável que não se pode dizer com palavras.

Foram despertados daquele sonho lindo pelas palavras do Professor Sufiáti que chamava Paula. De pé os dois, segurando-se ambas as mãos, nada disseram. Ele afastou-se lentamente em direção ao bosque e Paula, de passos lentos, olhar distante, veio para junto do avô e, aconchegando-se sob o seu braço, passou-lhe a mão direita pela cintura e encaminharam-se para casa. Não conseguia ouvir muito bem as palavras aconselhadoras do seu cuidadoso avô, pois os pensamentos estavam ainda com o seu amado, e lágrimas furtivas de indizível felicidade desciam lentamente pelas suas faces.

CAPÍTULO X

DA HISTÓRIA ANTIGA

CHACOTAS E MOCMACS

Vimos que, em Lun-Ná, as naves envoltas em núvens de pó, estavam chocando-se e caindo; o povo que andava em aparelhos individuais caía e morria. Em Lun-Ná a coisa estava preta. Imediatamente, ao constatarem os fatos, os lunasianos se comunicaram com os seus compatriotas e com os dos planetas vizinhos.

Antes mesmo de receberem eles ordens para emigrarem de lá, já alguns, depois outros, depois todos se transferiram para Mure que naquele momento lhes pareceu mais próximo. Lun-Ná perdera massa aproximadamente um quilômetro em profundidade na superfície, diminuíra então dois quilômetros de diâmetro. Se já era pequeno, agora estava menor ainda. As máquinas interiores, que antes estavam a quinhentos ou mil metros no subsolo, rebentaram-se todas e os seus restos ficaram à flor da terra. Salvaram-se intactas apenas algumas que estavam a mais de mil metros de profundidade.

.....

Ah! ah! ah!, — eram gargalhadas de alguns habitantes de Lan-Tis.

que nos televisores demonstravam o seu escárnio quanto às filosofias de encarnação e reencarnação.

Alguns comentavam:

— E agora? Onde é que os Lunasianos vão reencarnar? Lá não há mais lugar nem no planeta nem nos corpos, pois eles estão reduzidos à metade.

Enquanto alguns censuravam, outros brincavam com a desgraça.

— Vocês são uns tolos para não dizer uns brutos. O cosmos tudo provê. Sempre há solução.

— Por exemplo? Vão reencarnar nos mocmacs?

— É certamente uma possibilidade melhor do que usarmos os corpos branquelos de vocês.

— Se reencarnarem nos mocmacs, certamente vocês vão regredir. E então como é que fica a lei da evolução?

As ofensas continuaram:

— Comparando com o avanço de vocês, se nós reencarnarmos nos mocmacs, ainda estaremos muitos pontos superioress a vocês. Ou não?

— Mas será uma involução, não será?

As falas de referência aos mocmacs eram ofensivas.

(Mocmac era um animal que andava em pé, às vezes. Por alguma razão desconhecida, não surgira o reino hominal em Lan-Tis. Havia sim quase todas as espécies animais atuais todos maiores, bem maiores. Uma espécie sobrelevava-se aos demais; eram os mocmacs. Dominavam não pelo tamanho mas pela inteligência, vivacidade e capacidade de adaptação às circunstâncias e ao meio. Talvez fossem os mocmacs os futuros criadores de uma civilização, todavia não tiveram tempo.

Aquela estátua de ouro encontrada no subterrâneo fora erigida em homenagem àqueles animais, prováveis futuros dominadores de uma civilização na Terra. Os mocmacs tinham em média dois metros de altura e eram herbívoros, com pelo bem curto e brilhante que recobria todo o corpo; apenas a cauda, de mais de um metro de comprimento, tinha pelos maiores e sem brilho. Andavam eretos e tinham cinco dedos nas mãos e cinco em cada pé. O rosto poderia parecer com o de um gato; dir-se-ia semelhante a uma lontra que andassem em pé, porém não era só o fato de andarem eretos que os tornava diferentes de todos os outros animais. Os quadris sim eram originalíssimos e também assim sui generis era o modo de andar. Às ancas arredondadas e salientes seguiam-se duas cochas roliças como as das mulheres. Ao andarem tremiam e rebolavam as nádegas de um modo muito característico, como se uma jovem dos dias atuais estivesse dançando, tremido, de um jeito rebolativo e sensual. Tanto andavam de quatro como eretos. Havia-os de duas cores: preto,

uma espécie, e marron-claro-avermelhado, outra. Não se cruzavam com espécie diferente, mas viviam em família até os netos. Daí em diante esqueciam-se do parentesco e se dispersava a família e tudo recomeçava; sempre somente até à terceira geração.

Os mocmacs mais tarde vieram a ser os ancestrais dos nossos atuais macacos. Adiante haveremos de saber como isso aconteceu.)

Antes de qualquer resposta, as gargalhadas ecoavam em todos os televisores dos dois planetas.

Mas a brincadeira estava entremeada com ocorrências trágicas.

Alguns lantisianos matavam-se entre si por vários motivos; alguns por apossarem-se de casas e naves, outros por alimentos, alguns poucos por antigas malquerenças, muitos mais por causa do sexo, pois, desgovernados os controles sociais, experimentavam novas formas de emoções. Ora apanhavam meninas de qualquer idade e praticavam o sexo com elas e até mesmo com meninos, ora com as mulheres que, por questões filosóficas, haviam se mantido virgens, ora com pessoas de outros planetas, ou de Mure ou de Lun-Ná, cuja proibição milenar caía por terra neste momento de catástrofe e desgoverno.

Enquanto isso, em Mure muitos organizavam-se em suicídios coletivos.

— Devem suicidar-se os mais velhos que já viveram suficientemente.

— Sim, porque já é hora de buscarem outra reencarnação.

— E em que corpos reencarnarão?

— Terão de emigrar para outros planetas.

— Ora, aproveitemos o sexo e façamos mais gente.

— Isto é piada? O equilíbrio só se restabelecerá dentro de mil anos quando deverão voltar, reencarnar.

(Observar-se que mil anos equivalia, naquele tempo, a mil e quatrocentos da atual vida na Terra).

— Esquecem-se vocês de que o suicídio só dos idosos fará com que levem com eles a experiência que têm e também ocorrerá o desequilíbrio mental do planeta.

— E qual é a solução?

CAPÍTULO XI
DA HISTÓRIA ANTIGA

DESREGRAMENTOS SEXUAIS

Enquanto os Conselhos buscavam estabelecer certa ordem na direção das questões, em Lan-Tis a orgia sexual era escandalosa. Isto já começava a acontecer em Mure, menos em Lun-Ná. Em Lan-Tis, num grande salão todo forrado de pano macio, fofo, vermelho, reuniram-se muitos homens e muitas mulheres, uma centena, e iniciaram um ritual sexual inventado na hora: formaram um grande círculo e foram andando e cantando baixinho. Numeraram falando: um, dois, três; um, dois, três. Um deles gritou:

— Quem é o número um troque o lugar com o número três.

Rindo, todos permutaram-se na fila e alguém avisou:

— Agora quem é o número dois passe a mão direita em quem está na frente; este será o seu primeiro par, seja homem ou mulher. E o amor carnal está livre!

Começaram devagar se apalpando, despindo-se e foi a orgia estranha que tinham inventado. Os corpos juntaram-se, rolaram pelo chão e os instintos afloraram, recuando séculos de civilização.

Retiraram-se mais tarde para as suas casas. Todos beberam algum soporífero misturado com afrodisíaco ou coisa semelhante que os fez dormir pesadamente até recuperarem as energias.

Enquanto isso, as naves de Lun-Ná e de Mure iam chegando com pessoas desesperadas superpopulando Lan-Tis.

Também muitas naves contudo dirigiram-se para Mure, para algum possível auxílio.

Enquanto os Conselhos Dirigentes buscavam um processo de refazer Lun-Ná, outras atividades orgíacas ocorriam em Lan-Tis. Quase que se esqueceram do problema de Mure que era o mais grave e causa de tudo.

Num salão subterrâneo, sessenta e cinco meninas se punham em assembléia. Estranhas coisas ocorriam. Naquele tumulto do planeta, conseguiram organizar-se sob a presidência de uma da mesma idade, Dilê. Nunca antes tinha ocorrido; eram crianças e agiam sempre desordenadamente, salvo quando, para serem instruídas, eram reunidas sob a liderança de um adulto. Tinham idades equivalentes a seis, sete, oito e até doze anos, de idade de hoje, embora lá a cronologia fosse vinte a trinta anos. Amadureciam proporcionalmente mais cedo.

Em ordem, falava uma de cada vez.

— Os adultos dizem que nós não temos corpos desenvolvidos e que devemos esperar o tempo certo para o amor sexual, porém eu sempre tenho sentido desejos.

— Eu pelo contrário, tenho sempre estado com dois meninos e nós nos divertimos às ocultas.

— Não sabemos se as emoções glandulares devem mesmo aflorar em tempo de maioridade. Pode ser uma forma de emoção que só os adultos sintam, mas, se o planeta vai explodir, por que não devemos aproveitar essas emoções, mesmo que as nossas sejam fracas, não sejam tão intensas como as dos adultos?

Outra falou:

— Se vai chegar ao fim o nosso planeta, posso lhes contar que tenho feito tudo o que fazem as mulheres aptas. Com homens mesmo.

— Puxa! Você está falando sério?

— Ora! por que eu mentiria hoje?

— Não é verdade! Você quer nos influenciar ou contar vantagem.

— Creiam ou não, eu lhes contei. E não me arrependo nem de ter contado, nem de ter feito. Achei sempre ótimo.

— Pois, verdade dela ou mentira, vamos todas experimentar. Ao sairmos daqui, vamos voar com os nossos cintos e, longe das nossas famílias, cada uma escolherá menino ou homem e faremos o que quisermos.

— *Aprovado!*

Dispersaram-se, algumas, temerosas, tremiam, outras riam, algumas choravam.

Todas lá na superfície apertaram os botões do cinto e se deslocaram no ar em revoada em meio aos grandes pássaros que muitos eram tamanho delas. Iam algumas em pequenos grupos, outras isolaram-se uma a uma e dirigiram-se para destinos variados.

CAPÍTULO XII
DA HISTÓRIA ANTIGA

AMOLECE A SUPERFÍCIE DE LUN-NÁ

Voltemos aos Conselhos e vejamos as providências de recuperação de Lun-Ná e também o uso do sexto raio e foguetes para o impulso de mais rotação.

Agora estavam as máquinas ligadas na energia cósmica e todos os foguetes dando impulso material, externo, como diziam. Lan-Tis e Mure começavam a girar com mais velocidade e iam se afastando lentamente um do outro, porém Lun-Ná não se distanciava: aproximava-se mais de Mure.

Dois Conselheiros perceberam o problema e, em constante comunicação, concluiram que a grande energia positiva de Mure atraía a massa extremamente negativa de Lun-Ná.

Deliberaram, complementando, que para recompor Lun-Ná enviariam para lá, pelo éter, alguns elementos químicos que dessem a necessária mistura ou combinação que fizesse assentar a poeira e produzissem energia positiva.

Posto isto em prática, observaram que Lun-Ná se tornava

esbranquiçado e brilhante e a poeira restante começava a assentar-se na superfície.

Estava dando certo, pensaram.

Todavia em Mure algo piorava. Produziam-se fendas na crosta. As rachaduras eram poucas mas longas em alguns lugares.

— Precisamos de fazer algo rapidamente ou Mure se rebentará e atingirá Lan-Tis e Lun-Ná.

— Agora a mecânica concreta não nos oferece soluções. E o sexto raio está se afetando e perdendo potência. Alguém tem uma sugestão?

— Bom. Tu disseste que a mecâniça objetiva não oferece soluções. Certamente vamos fazer um trabalho mental, dentro do sexto raio.

— É isso.

— Isso mesmo. Mas dentro do sétimo raio.

— Ora, no sexto, pois o caso é da tríade e não de outros sistemas!

— Que seja, porém precisamos de todas as mentes sintonizadas no mesmo quadro.

— E quanto aos lantisianos existencialistas?

— Deixemo-los.

— Como será o quadro mental?

— Temos que comprimir Mure, pois está em expansão. E precisamos de fazer descer o azul da faixa média para harmonizar-se com o vermelho que já está se formando rente à crosta.

— Torna-se-á lilás. Será melhor, porém ainda fraca.

— Mas, sentindo-a lilás, continuaremos mentalizando mais forte e passará a ser violeta. E estará ótimo.

— Então manteremos o quadro dissolvendo as beiradas da rachadura aproximando-as.

— Pronto; será assim.

Estas confabulações eram vistas e ouvidas em todas as telas de televisão de ambos os planetas. Apenas não se sabia o que se passava nas cavidades subterrâneas de Lun-Ná.

Ligados os aparelhos produtores do sexto raio, ao mesmo tempo nos dois planetas, em Mure e em Lan-Tis, todos se acomodaram e entraram em relaxação, alguns deitados e outros sentados, comodamente recostados.

Apagaram todas as luzes e desligaram todo o sistema elétrico. Os dois planetas quase às escuras e a mentalização se processava. Estavam todos sob o fluxo do sexto raio, mas os que não se concentrassem na atividade comum podiam agir livremente.

Mas nem todas as pessoas seguiram as ordens. Os existencialistas que não acreditavam em reencarnação não se puseram naquela

atividade. Sabiam, sim, que com a mente podiam fazer o que fora proposto, porém agora estavam mais interessados em bacanais uns, outros voavam em suas naves loucamente, sem finalidade.

Alguém, destes, que viajara para Lun-Ná, voltava e anunciava que lá ocorria o estranho fato de toda a superfície ter voltado a amolecer; era de uma lama mole e branca. Se antes era manchada toda a superfície de marron claro, cinzenta e branca, já agora era uniformemente cinzenta e brilhante. Se antes havia lugares duros de vegetação flexível como cipós, agora era apenas um mar de lama acinzentada.

As naves que tentaram pousar na superfície simplesmente afundaram. Algumas conseguiram sair mas outras ficaram definitivamente enterradas lá.

Poucos ouviram a notícia, pois a grande maioria estava com os televisores desligados e às escuras em relaxamento máximo.

CAPÍTULO XIII
DA HISTÓRIA ANTIGA

DESORDENS PÕEM EM PERIGO O PODER MASCULINO

Enquanto todos os homens de ambos os planetas continuavam fazendo o trabalho mental, vamos ver o que ocorria por aí. Antes precisamos saber que os Conselhos eram constituídos só de homens. As mulheres eram frações negativas e como tal não participavam dos Conselhos e eram sempre submissas aos homens. Cada Conselho era constituído de treze homens sendo doze mais um líder.

Assim também se classificavam os Conselhos. Centenas deles eram considerados comuns. Apenas doze eram Conselhos Superiores e um era o Supremo Conselho, líder daqueles e, portanto, se os treze Conselhos governavam o planeta, só um era o responsável pela decisão última. Esses treze Conselhos, doze superiores e um supremo, governavam Lan-Tis, e a mesma estrutura era nos governos de Mure e Lun-Ná.

Já que não participavam dos Conselhos, muitas mulheres, durante toda a perturbação, rebelaram-se. Todas poderiam e deveriam atuar também no trabalho mental coletivo, porém muitos homens que estavam

em desespero ou, por questões filosóficas do existencialismo ou absorventismo, desejavam entregar-se a orgias; convidaram as mulheres e estas, atendendo, dirigiram-se aos campos e aos salões e os bacanais se sucederam.

Aquelas meninas que sairam em revoada à procura de aventuras, inicialmente se reuniram a meninos ou rapazes e saciaram a curiosidade sexual sem brutalidades.

Os seus cintos de locomoção tinham transmissores-receptores que podiam sintonizar três faixas de ondas. Nos planetas eram utilizadas quatro faixas de comunicação e três superiores denominadas raios, eram quatro grupos de medidas de ondas para comunicação, contudo a quarta onda só era utilizada pelos Conselhos Superiores e Conselhos Supremos que não guardavam entre si nenhum segredo, embora mesmo nos três planetas não comunicassem tudo aos Conselhos Subalternos. Nos cintos dos adultos havia, portanto, mais três botões dos raios, quinto, sexto e sétimo que serviam a outras atividades sofisticadíssimas mas não de comunicação.

Nos anteriores tempos calmos, as meninas que traziam nos cintos os receptores-transmissores tinham o dever de se manterem em contato de recepção com os Maires (mestres) durante certas horas do dia, momentos em que eram instruídas. Falamos meninas porquanto estamos nos referindo a elas que nos dias de tumulto tomaram aquela decisão. Os meninos, todavia, traziam também os cintos iguais aos delas. E os deveres eram os mesmos. Nestes dias de tumulto, a grande maioria das meninas desligou a faixa de instrução. Algumas, temerosas das conseqüências, teimavam em manter aquele contato, porém os homens que estavam interessados em sexo com elas desligavam ou até quebravam os aparelhos delas. E os bacanais foram escabrosos.

CAPÍTULO XIV
DA HISTÓRIA ANTIGA

AS MULHERES TOMAM O PODER... E O GRANDE DESASTRE...

Com o procedimento de visualização mental, o planeta Mure começava a se recompor. Lan-Tis e Mure aumentavam a velocidade de rotação. Tudo parecia estar dando certo, com exceção de Lun-Ná que fora abandonado ao seu destino.

Os que não estavam ocupados no trabalho mental, andavam em orgias ou, alguns, em desespero, lançaram nos aparelhos de comunicação muitas mensagens negativas. Diziam que Lun-Ná iria rebentar-se contra Mure. Os que ainda lá naquele planeta menor ocupavam-se em manter as máquinas funcionando, acreditaram nas falas pessimistas e fugiram para Lan-Tis. Este planeta teve a sua população triplicada. Houve desorganização da estrutura social. Havia, sim, ainda os Grandes Conselhos e os Supremos Conselhos originários, agora, dos três planetas, porém, — argüia-se, — teriam direito de ditar normas os Conselhos de Lun-Ná e de Mure aqui na nova sociedade?

Os mureanos censuravam os demais por terem entrado em pânico e abandonado Mure às suas próprias circunstâncias. Discussões em todo o

mundo e revolta geral. Foi quando as mulheres da três raças, negras, pardas e louras, reuniram-se em centenas, milhares de assembléias e, aproveitando-se do tumulto, assumiram o poder. Enquanto bacanais e suicídios ocorriam em todas as partes do planeta, os precários Conselhos de Mulheres que eram intitulados do Poder Iauá, ordenavam mais foguetes para a linha equatorial para darem mais velocidade de rotação de Lan-Tis, ao mesmo tempo em que nos polos grandes foguetes sobre plataformas móveis tentavam um impulso de afastamento para longe de Mure, para dentro do sistema solar.

Ainda a tríade de astros transladavam-se em ciranda uns sobre os outros. No momento em que Mure estava na parte exterior, no lado externo da órbita, mais afastado do Sol, aconteceu o desastre: Mure explodiu! O cristal interior produziu tal luminosidade ao se rebentar em milhares, miríades de fragmentos de cristal, naturalmente espatifando-se o planeta todo com estrondo e luz intensa que mais parecia uma bomba descomunal, atirando longe centenas de pedaços, uma estrela nova, em comparação.

Lan-Tis que começava a se afastar, movido pelos foguetes dos polos, recebeu o impacto e por uns momentos pareceu afastar-se mais, porém logo a seguir, atraído pelo espaço deixado por Mure, que se esfarelara, vai Lan-Tis para fora, em direção oposta ao Sol, por dentro do espaço energético deixado no centro dos pedaços. Criou-se o tumulto. O Conselho de Mulheres que, no tumulto criado, não atinou para a direção em que ia o planeta, fez reverterem os foguetes dos polos para freiar a marcha para não se aproximar demais do Sol como pensavam, mas o contrário é que estava acontecendo: passando por dentro dos restos de Mure e com mais velocidade ainda, arrastava consigo o pobre Lun-Ná para fora, para fora sempre. Ao passar, Lan-Tis recebeu alguns pedaços, grandes cascalhos de Mure que ficaram então grudados na sua crosta, inclusive miríades de pequenos fragmentos do cristal arrebentado. Eram como uma chuva de projéteis que perfurava, matava, destruía. Pela posição em que Lun-Ná estava, na cauda da trajetória de Lan-Tis, recebeu uma chuva de pedaços menores de Mure que se afundaram na sua superfície mole. Naturalmente muitos fragmentos do cristal também o atingiram, contudo não se pôde constatar isso mais tarde.

Lan-Tis continuou a avançar na sua marcha louca. Esta corrida durou quatro dias. É verdade que os dias e noites eram desordenados e curtos, pois a rotação estava acelerada, nem sempre com os polos nos lugares como antes.

Quatro dias irregulares e descompaçados serviram para saberem que estavam transladando em órbita exterior. Tempo para saber a posição.

Com o grande desastre de Mure, naqueles quatro dias de horror, de louca aventura, morreram cerca de dois terços da população das três raças, tanto por causa dos vendavais, quanto pelos bólides que atingiam e muito mais pelos descomunais maremotos que, lançando-se dos oceanos, varriam a terra. Também porque muitos e muitos suicidaram-se.

Quando a turbulência dos maremotos, extravasando os mares, mandava vagalhões lamberem a terra até quilômetros adiante, voltavam as águas com milhares de cadáveres e de viventes também. Se a gritaria e os lamentos e gemidos eram abafados pelas águas, o horror dos cadáveres e do sangue era por demais tétrico, indescritível.

Nos dias subseqüentes, os corpos rasgados, dilacerados, sanguinolentos ou putrefatos não se afundavam nas águas mas boiavam e enchiam as praias de carne podre, cadáveres em decomposição, massa purulenta e fétida que tornava o mundo um lugar nogento, de miasma insuportável.

Está descrito o horror? Pois sim... Use o leitor a sua imaginação e se envolva na poeira que avermelhava o Sol quando ele tentava filtrar-se para iluminar o mundo e não conseguia, mas quando ele estava do outro lado, outro hemisfério, aqui neste era noite horrenda de cor de pixe e o ar miasmático, de fétido odor, já não deixava nem sequer sentimento de revolta ou algum fio de esperança; apenas terrível desespero, desalento e morte.

Os dias passaram-se assim. Lentamente aos poucos a chuva limpava a atmosfera, senão totalmente, porém em comparação parecia que tudo voltara à calma. Mais alguns dias passaram-se e a fome fazia o povo andar sem rumo em todas as direções, de passos arrastados, caindo e morrendo.

E surgiu uma filosofia de suicídio. Não adiantava viver mais vinte ou trinta anos, pois com a próxima chegada de Tífon certamente o seu mundo haveria de se esfacelar com o impacto.

Certa noite, numa praia, quando os vendavais e as ondas se amainaram, reuniu-se u'a multidão de cerca de cinco mil pessoas que ouviam um dos seus mestres que falava do alto de uma rocha por meio de altofalantes:

"Meus irmãos das três raças, lantisianos, lunasianos e mureanos: G'iodnous, o Poder Masculino e Integral, está nos dando dias de provações. É a lei. Possivelmente já estejamos evoluídos o suficiente para habitarmos noutro planeta. Vocês bem sabem que os caminhos da vida e da evolução têm avanço em espiral e em curvas, de altos e baixos.

"Aqueles que pereceram tiveram melhor sorte, talvez, pois não foram chamados a decidir quando e como morrerem; simplesmente perderam a vida. As leis fatalísticas deliberaram por eles. Certamente alguns eram tão

evoluídos como nós, outros ainda não. Estes mais atrasados reencarnarão aqui mesmo, algum tempo depois, já em nova época de bonança ou mesmo na baixa individualista que há de vir. Os mais preparados serão escolhidos para reencarnarem noutros astros, nem poderemos saber onde.

"Agora que o Poder G'iodnous, o Poder Masculino e Integral, deixou de nos dirigir, passando a atuação ao Poder Iauá, feminino e negativo, agora que as mulheres têm o comando, algo de novo surgirá e poderá ser a fase baixa, o tempo da decadência, nova experimentação das leis universais. O certo é que não fluirá como antes; ou será pior ou melhor, não nos cabe saber.

"No meu condicionamento milenar de viver dentro do Poder G'lodnous, em posição superior ao Poder Iauá, sou levado a pensar que não será tão bom o que vem, mas de longas provações.

"Nós sabemos que em tempos normais todos devíamos arcar com quaisquer tropeços de vida, missão de cada um. Contudo estamos em época de exceção. Convenci-me de que devemos matarmo-nos num abraço egregórico para duas finalidades.

"A primeira delas é deixar lugar para os nossos irmãos que desejam continuar vivendo. A segunda é para atender a vontade de G'lodnous e renascermos noutro astro superior.

"Convido-vos a formarem grupos de trinta e três com um líder dentro desse número, um em cada grupo. Depois acendamos tochas e, de joelhos em terra, concentremo-nos num único pensamento: deixarmos a vida, atravessando o mar vermelho das ondas energéticas que começam a envolver-nos e galgarmos as paragens azuis que de nós se afastaram e onde encontraremos novos e melhores astros para neles termos as nossas próximas vidas. Despeço-me, meus queridos irmãos das três raças, até o reencontro alhures".

E calou-se.

Enquanto ele falava, alguns se esgueiraram por entre pedras e arbustos e, não aceitando o convite, viveram. Quando começaram a formar os grupos, mais alguns fugiram, outros tentaram e foram agarrados; outros não tiveram coragem de evadir-se e, sem vontade, fingiram concordar e ficaram para a morte.

Muitas tochas foram acesas e ao seu redor queimaram ervas que rescenderam um perfume acre e todos chegaram ao êxtase. Daí dirigiram-se para a água do mar e todos simplesmente morreram apaticamente.

Noutras paragens contudo o desespero não conduzia à morte mas levava a outras atitudes. Sexo. E de modo descontrolado.

Os mestres, antes quando assumiam presidência de Conselhos,

juravam os votos de se absterem de atividades sexuais. Não agora. Já não tinham tal dever ou pelo menos julgavam-se liberados, pois ninguém sabia o destino da humanidade ou as conseqüências de quaisquer atos. Os maíres (mestres) passaram a praticar o sexo desbragadamente e agora com estranhos requintes. Preferiam as meninas, embora alguns também se unissem a mulheres de todas as idades, condições ou raças.

Num certo vale de verdejante vegetação, lugar plano, descampado, o jovem engenheiro Ianê e seu amigo latin estavam por aí perambulando sem objetivo definido, somente para observar como iam as coisas ou quiçá participarem também de alguma orgia. Avistaram lá adiante uma centena de meninas praticando sexo com homens. Foram até lá e, ao encontrar-se com dois deles ainda desocupados, perguntaram:

— Por que não com mulheres adultas?

— Ora, com elas também. A esta altura em todo o mundo cremos que todos estão praticando atos sexuais. As mulheres adultas preferem na cama e fazem com requintes, de tal modo que a técnica excessiva e a experiência faz perder a graça da cópula. Algumas delas estão ali à beira daquele lago.

Ambos dirigiram-se para lá. No caminho avistaram duas meninas lindíssimas que estavam sendo assediadas por dois homens já bem maduros.

Um dos homens:

— Como é, vocês querem ou não?

Resposta de uma delas:

— Não; eu não.

A outra:

— Eu até quero, mas tenho muito medo.

— Medo de quê?

— É que os homens não são como os meninos. Pelo menos agora por aí não estão sendo. Os meninos são calmos e os homens são estúpidos. Machucaram a Tindê e a Naiá.

Perto os dois amigos Ianê e latin escutavam e ouviam a conversa.

Neste instante um dos homens avançou para elas dizendo:

— Já que vocês não vêm por bem, eu quero esta.

Assim dizendo agarrou-se à menina de nome Dilê. Aquela mesma Dilê que punha ordem na Assembléia delas e lá se apresentara muito disposta a todos os procedimentos. Liderava lá; agora não tinha coragem de levar avante os planos. Tremia, muito temerosa, e reagia recusando-se firmemente.

O homem agarrou-a, derrubou-a e ia rasgando-lhe as vestes quando, num impulso, Ianê e latin saltaram sobre aquele homem e libertaram a

menina; segurando-a pela mão e também a outra que se chamava Itulin, iam se afastando quando um dos homens gritou:

— Apossaram-se do que era nosso. Agora defendam-se!

— Ianê rapidamente usa algo que tinha na mão e aperta um gatilho apontando para o agressor. Os dois homens foram atingidos por um raio paralisante. Ficaram lá como se fossem estátuas. Os dois jovens amigos e as duas meninas comprimiram os botões dos seus cintos e alçaram-se aos ares e voaram para longe dali.

Desde então tornaram-se quatro pessoas muito amigas por muitos anos depois.

Tão logo afastaram-se dali os quatro, um daqueles agressores menos atingido despertou-se e conseguiu retirar o outro do estado de paralização. Para estarrecimento deste seu salvador, aquele socorrido falou:

— Tu hás de ver ainda, Cres-Ton, que num outro encontro, em algum outro lugar destruirei aquele que me atacou.

— A tua mente, Iudi, está bem perturbada. Falas em destruir uma vida? Buscas desta forma a tua própria destruição.

— Não vês que os tempos são outros? Se vamos estourar mesmo, hei de arrebentar antes aquele intrometido, seja quem for. Eu o encontrarei.

Cres-Ton olhou fixamente, boquiaberto, certo de que o seu amigo enlouquecera. Mas o sentimento de ódio e de vingança acrisolara-se no coração de Iudi e a vingança estava em andamento.

Perigo maior ainda rondava o planeta. Fazia pouco mais de treze anos que o céu havia sido riscado com a luz do cometa Tífon. Ele voltaria aproximadamente em mais trinta e nove anos novamente. E o planeta estava na sua trajetória, talvez um pouco para fora, não sabiam exatamente. Os grandes calhaus de Mure estranhamente posicionaram-se como antes e, como se ainda vivesse aquele planeta ou sua alma, faziam eles o mesmo passo de ciranda juntamente com Lan-Tis e Lun-Ná. Porisso julgavam que estavam mais ou menos na órbita anterior quando, na verdade, estavam bem afastados dela. Dias, meses de observação e estudos concluiram que estavam na órbita de Tífon, quando de fato estavam bem afastados e livres do cometa que agora, ao invés de cruzar por fora, deveria circular por dentro.

Pelos cálculos errôneos, os Conselhos do Poder Iauá deliberaram fazer funcionar os foguetes dos polos e forçarem o planeta a mudar de órbita, em busca da sua antiga trajetória.

CAPÍTULO XV
DOS DIAS ATUAIS

CONTATOS COM O REINO DE AGARTHA

A equipe do Prof. Sufiáti vai mais uma vez ao subterrâneo.

Estranharam muito quando seguiram pelo mesmo bosque mesma entrada e o caminho já não era nada como da primeira vez. Não havia mais túneis com vento, barulho, água, fogo, nada. Simplesmente um túnel escuro, irregular, longo e escuro, apenas o chão era arrumado como uma estrada de terra batida, uniforme. Já que não havia no que tropeçar, andavam no ecuro com relativa naturalidade.

Quando lá chegaram, sim, era o mesmo como antes tinham visto. Foram recebidos por sete deles. Passearam por muitos lugares. Sempre acompanhados atravessaram um lago azul escuro, calmo, de superfície brilhante como um espelho. E foi longa a travessia. Em pequenos barcos de quatro pessoas, com motores que faziam leves ruídos, chegaram ao outro lado.

Entraram numa gruta. Havia as coisas mais variadas, mas aparentemente inúteis: pedaços de vidro de todas as cores e formas, pedras, pedaços de árvores petrificadas, alguns esquisitos aparelhos

pequenos de ouro, prata e outros metais. Viram mais de uma dúzia de poltronas reclinadas, de camurça preta e alguns divãs de camurça azul.

Os divãs eram largos como camas de casais, porém eram fundos no centro para servir a uma só pessoa.

Foram os interioranos orientando o ritual e procederam todos assim: No centro atiraram incenso sobre brasas e esperaram um pouco que terminasse de queimar e só ficasse no ar o cheiro acridoce suave. Os da superfície sentaram-se nas poltronas bem reclinadas, semideitados. Deram-se as mãos. Aquele que ficou na extremidade direita recebeu um pedaço de vidro como uma pedra pouco menor do que um sapato e segurou com ambas as mãos. O que estava mais perto dele colocou a mão direita por cima em contato com o vidro. Todos acomodados nos assentos, cerraram os olhos e relaxaram o corpo. Só um dos interioranos ficou de pé. Seis mestres deitaram-se um em cada divã, fecharam os olhos e entraram em negligente silêncio. A quietude só era quebrada algumas vezes pela fala do orientador que fazia sugestões:

— Vejam as pessoas como eram e o que estão fazendo.

Os visitantes viam então mentalmente o povo e tudo o mais daquela civilização azul que desaparecera havia mais de setenta mil anos.

— Vejam agora se conseguem encontrar-se vocês mesmos por lá.

Ninguém conseguiu. Alguns mesmo não entenderam a ordem.

O orientador trouxe agora um pedaço de madeira petrificada e substituiu por aquele pedaço de vidro.

De repente Paula gritou:

— Sou eu! Estou lá, voando!

Todos interromperam a atividade e olharam para ela como quem pergunta que coisa seria aquela que ela estava dizendo.

— Ora, era eu! Ainda menina mas bem grande, menina grandalhona, mas eu sei que era eu.

Tudo muito falado, explicado até que Paula soube ou pelo menos assim ficou convencida de que tinha vivido lá; tinha sido Dilê e amara o Engenheiro Ianê que na atual época era o mesmo homem que ali estava noutro corpo com outro nome e por quem se apaixonara outra vez.

De todos os outros, apenas a Professor Sufiáti se identificara como sendo um outro mestre daquela civilização e viu uma jovem daquele mundo perdido, moça que para ele, a julgar pelos nosso padrões, era tão linda... e ele estava tão apaixonado... veio-lhe uma tão profunda saudade que os seus olhos marejaram de lágrimas que lentamente lhes escorreram pelas faces e se embeberam na barba.

Os interioranos perceberam e souberam tudo. Dirigiram-se ao Professor Sufiáti:

— Consegue saber que nome tinha ela naquele tempo?

— Itulin... parece-me... (E ao dizer o seu nome tremeu em choro tão dolorido que soluçava e todo o corpo lhe tremia em convulsão).

Dois deles aproximaram-se, tocaram o seu ombro levemente e falaram calmos:

— Vamos ajudá-lo um pouco mais. Quem sabe poderemos localizá-la?

Puseram-lhe nas mãos um pedaço de ouro, peça de um aparelho qualquer, desconhecido. E com aquela corrente de psicometria, todos os visitantes agora de novo estavam recompostos na anterior posição e ajudavam como podiam sempre instruídos pelos mestres subterrâneos. O Professor apenas reviu lá naquela mesma civilização desaparecida a sua amada menina Itulin, mocinha já, sempre junto a ele; assim a revia lá naquela civilização desaparecida na neblina do tempo.

Novamente desfizeram a corrente e os interioranos substituiram os outros nas poltronas e pediram ao Professor:

— Pense apenas nela, veja-a com a mente e nós iremos procurá-la.

Os que se sentaram próximos colocaram as mãos na sua cabeça: um pôs a mão direita outro a esquerda e, relaxados, visualizaram.

— Só a vemos lá naquele passado. Pense nela no Brasil, em qualquer parte.

— Não, não a vejo por aqui.

— Pense na América do Sul em outros países.

— Não, não está.

— Procure na América do Norte.

E assim foram por todo o mundo até na Ásia.

— Está lá!... com outro corpo!...

— Como é que você sabe?

— Ora,... só sei...

— Criança, jovem, adulta, velha?

— Aparentemente vinte e cinco anos. Outra fisionomia, mas ainda linda e com os mesmos olhos e a mesma meiguice.

— Então se o senhor sabe que é ela, vamos procurá-la por lá.

Eles tinham uma centena de pedras da Ásia dos mais diversos lugares colocaram uma nas mãos do Professor e pediram-lhe que a procurassem num lugar da Ásia, em qualquer ponto. Mas nada. Não mais a visualizou.

E assim durante quase uma hora ficaram por ali. Os demais integrantes do grupo superficiano foram saciar a curiosidade andando por toda a vastíssima gruta e passeando pelas margens do lago.

Eles passaram e repassaram muitas pedrinhas, até que de repente

pararam e entreolharam-se. Um deles falou:

— Estará lá?...

— Ora, digam-me, lá onde? — foi o Prof. Sufiáti quem falou com muita ansiedade.

— Bom, meu amigo, não se apegue muito ao que vamos dizer. É uma possibilidade apenas.

— Pois bem, falem.

— É que se o senhor a percebeu na Ásia e depois não mais a consegue encontrá-la nos locais da superfície, ocorreu-nos que ela poderá estar em Xambalá.

— Ora... Xambalá... uma lenda... E eu? Estou acordado? Sonhando ou o quê?

— Você está desperto e bem. E Xambalá existe. É num subterrâneo assim como o nosso, lá na Ásia, principal centro do Reino de Agartha.

Por alguns minutos eles ficaram de pé a se entreolharem e naturalmente conversando telepáticamente. não sabemos. O barbudo e gordo professor deixou-se ficar abatido com os braços caídos, derreados, olhos no chão e cabeça pendida e grande desalento.

— Amigo, amigo, é hora de mais ânimo. Algo novo está ocorrendo em sua vida. O passado lhe volta. Tudo sorri. E mesmo que não se realizem todas as esperanças ora suscitadas, foi, e o senhor sabe, uma experiência nova e excitante. Por que a tristeza sem razão?

Levantando a cabeça mirou-os nos olhos e, como que num agradecimento mudo, sorriu.

— Mas Professor, podemos continuar, nada há por se perder. Mesmo que seja para revê-la apenas um pouco mais, não é melhor do que deixar assim escondendo a sua ansiedade lá no subconsciente?

— Eu prefiro acreditar que foi um sonho. Lindo, fantástico, porém de um profundíssimo banzo, estranha nostalgia, mais dolorido do que vocês pensam, apesar de gostoso. É uma espécie de loucura.

— Não quer suportar um pouco mais de tudo isso?

— Fazer mais o quê?

— Se o senhor aceitar as nossas condições, as limitações que temos de impor, o senhor talvez possa vê-la com os olhos da mente lá em Xambalá.

— Se eu ainda estiver com a mente sã; vocês estão é brincando comigo.

— Tudo o que está acontecendo é verdadeiro. E o senhor está bem.

— Pois bem, deixe-me sonhar mais. Que faremos então agora enquanto estou envolto em tudo isso.

— Vamos voltar à atividade de psicometria ou metagnomia com

algum material que trouxemos de Xambalá.

— Trouxeram?

— Na superfície da Terra há uma variedade de raça e quando nós nos vestimos como vocês e nos documentamos, somos como gente igual aos de lá de cima. Assim vivemos onde queremos e foi assim que quase todos nós já fomos a Xambalá. Você nos perguntará como pagamos as passagens? Ora aqui temos muito ouro e diamante. É facil vender jóias para as pessoas. Não é não?

— Pensativo por uns tempos, olhou para eles e desatou a rir. Eles também riram pela primeira vez. Os três riram juntos, muito mesmo, e se abraçaram e agora eram amigos, muito amigos.

Com o material que tinham de Xambalá recomeçaram toda a atividade.

A fala do Professor:

— O que estou vendo é daqui mesmo? Ou lá é igual aqui?

— É muito semelhante. E nós quase sempre nos comunicamos telepaticamente com eles. Mas lembre-se do que concordamos quando dissermos **pare** você não poderá olhar, feche a mente. Nós ajudaremos com sugestão, você nos obedecerá. Combinado?

— Sim, assim seja. Vamos em frente.

— Percorra os vales com a mente e vá procurando-a.

— Vejo muita gente. Assim como vocês. Até as mesmas roupas, todos de dalmáticas. Ela, não vejo.

— Entre nas casas, só nas mastabas; não nas pirâmides.

— Vejo uma por dentro. Ninguém; vasia. Vejo outra. Diversas crianças e uma mulher idosa.

— Mulher? Como sabe?

— Agora já começo a distinguir. Estou me familiarizando com vocês. (Eles riram levemente).

— Entre noutra, mas fique atento às nossas ordens.

— Vejo cinco ou seis pessoas. Um homem velho, cabelos brancos, barba branca e longa, de dalmática amarela vítrea transparente orlada de branco. Ué... ele se eleva no ar... ele é quase transparente.

— Pare! Feche. Volte-se! Acorde!

E de repente retiraram da sua mão o objeto que servia ao trabalho.

— Que foi? Fiz algo errado?

— O que o senhor viu, não poderia ter visto, foi descuido nosso.

Os dois assentaram-se; seguraram cada um na mão um objeto de Xambalá e, em repouso demorado, estiveram em comunicação mental com alguém de lá de Xambalá. Pelo menos foi o que disseram quando voltaram a despertar.

— Estivemos nos penitenciando com o Soberano Mestre, o Senhor de Maitréia. Ele autorizou você a visualizar e se comunicar com a sua Itulin que lá está.

Voltaram à atividade de psicometria (metagnomia) sincronizada com telepatia e, assim, mentalmente, à distância, reataram a mesma conversa interrompida havia setenta ou setenta e cinco mil anos. Identificaram-se, recordaram e os laços daquele amor milenar agora os envolveu tão profundamente que o Prof. Sufiáti, em êxtase, permaneceu assim por muito tempo, até que os seus instrutores o despertaram e retiraram-lhe das mãos o objeto de Xambalá.

Os instrutores mais uma vez sintonizaram-se com o Senhor de Maitréia e obtiveram permissão para o Professor ir até lá na lendária cidade subterrânea do interior da Ásia para estar pessoalmente, fisicamente, com a sua amada.

Durante tais procedimentos, Paula passeava de mãos dadas com Mos-Hé e conversavam, conversavam, como se fossem muito antigos amigos, com o coração vibrando de um amor sincero e puro e forte que reacendeu e os envolveu de novo nesta vida. Parecia que fora um amor interrompido apenas havia uma semana mas agora o entendimento era tão harmônico que nada os impedia de saberem que um era parte do outro.

.....

Bem mais tarde, todos agitados, alvoraçados, excitados com tais aventuras, conversavam e trabalhavam no livro, lá na casa da fazenda.

CAPÍTULO XVI
DA HISTÓRIA ANTIGA
O PERIGO DO COMETA

Num grande salão, reunidos sessenta e seis dos antigos Conselheiros, mas agora de origem diversificada de raças, confabulavam;

— Deslocamo-nos muito para fora. Agora estamos na órbita do cometa Tífon. Certamente dentro de alguns anos seremos destruídos por ele.

— Faz pouco mais de treze anos que ele passou; teremos ainda de trinta e sete a trinta e nove anos para que ele venha novamente.

— Mas precisamos começar a preparar um modo de retirar o nosso planeta daqui. Lembrem-se de que estamos sob o Poder Iauá. Não conseguiremos fazer nada técnico, pois as Conselheiras são irredutíveis. Não aceitarão nenhuma orientação do Poder G'lodnous afastado do governo.

— Ah! aceitarão, sim! Quando souberem do risco que correm, certamente não serão tão loucas de recusarem a nossa ajuda.

— Mas... são "tão loucas", sim... Mesmo assim, continuemos a conversa. Que é que você sugere?

— O primeiro passo é ligarmos Lan-Tis na corrente de energia cósmica da qual certamente está desligado.

— Isso elas saberão fazer, espero.

— Pois procuremos conversar com elas.

Sairam, voaram e foram ao Conselho Iauá mais próximo que encontraram. Foram informados de que em nenhuma hipótese seriam ouvidos.

Os Conselhos Iauá mandaram que fossem desligados todos os foguetes da linha equatorial e conservaram os maiores foguetes dos polos como o propósito de arrastarem Lan-Tis para a antiga órbita, sua órbita natural, primitiva.

Semanas, meses de tentativas e nada. Talvez por terem desligados os equatoriais. Talvez por não aplicarem corretamente a conjugação dos raios sexto e sétimo para afastamento da atmosfera dos polos. Não conseguiam contra a natureza ou, não sabiam, até mesmo, — quem saberia? — por que se formara um novo equilíbrio de todo o sistema, de tal forma que impossibilitava o deslocamento de Lan-Tis para o interior. Pelo menos foram essas conjeturas que apareceram para explicar o fracasso.

Mas as mulheres do governo eram teimosas, muitíssimo.

Determinaram que fossem construídos foguetes maiores. Maiores? Bem... tão maiores que se pode dizer descomunais. Não se pode imaginar que com aquela tecnologia já em desorganização e apenas com um terço das antigas populações, pudessem as três **raças,** *embora unidas mas sob um governo desprestigiado, construir tão,* **mas tão** *grandes canudos que, colocados sobre plataformas móveis nos polos...*

Bem, mas isto demorou quase quatro anos. E como se tratava de luta pela sobrevivência da espécie, os que ainda queriam viver trabalharam ardentemente, incessantemente, suadamente, estafantemente.

Mas nesses quatro anos, apenas a ocupação com os projetos dos imensos foguetes unia os seres humanos. Não em tudo; as demais organizações, idéias, costumes, tudo ruíra. Era um descalabro. E mesmo as cooperações ou uniões se faziam em duas facções: uns acompanhavam as determinações do governo, já outros tratavam de outras atividades, descrentes do que aqueles pretendiam.

Muita coisa ainda funcionava, porém fora das estruturas, fora das ordens governamentais, apenas porque alguns ou certos grupos faziam funcionar esta ou aquela empresa, esta ou aquela organização ou atividade ou máquina, com os mais diversificados interesses, até mesmo por desfastio.

CAPÍTULO XVII
DA HISTÓRIA ANTIGA

UM INCIDENTE DE AMOR FRUSTRADO ESTAVA PARA COMEÇAR

Víramos que Mair Ìatá, quando ocupante da primeira curul governamental, fizera votos de castidade. Era um dever. A mulher que agora estava no comando chamava-se Ir Sis. Era inteligentíssima, lindíssima e também acumulava um sentimento de maldade que naquele tempo era inconcebível. Sentimento que não aflorara até que as circunstâncias favorecessem bem. Ela amava Ìatá e dizia a ele secretamente. Pedira diversas vezes que ele abdicasse da Presidência e vivesse com ela. Mair Ìatá que não lhe votava despreso, pois a tinha em conta de grande amiga, visitava-a sempre, nunca porém aquiscendo aos seus pedidos. Quando a visitava, podia ele sempre ver duas sobrinhas de Ir Sis. Ver e conversar com elas. Considerando a idade de Ìatá, elas eram duas meninas, pois tinham um terço de idade dele. Naquele tempo em que todos lá viviam mil anos, ele tinha quatrocentos anos, mais ou menos correspondentes a quarenta e cinco dos dias atuais, já que a possibilidade, hoje em dia, se reduziu para cento e quarenta anos. Uma delas tinha, em números atuais, dezesseis anos e a outra quatorze.

Coisa diferente, insólita e profunda passava-se no íntimo dos três. Amavam-se secretamente e disso não falavam. Coisa pouco explicável não era o amarem-se simplesmente e não falarem a respeito deste assunto; mas era que ele amava as duas jovens e elas o amavam. Ele amava as duas com a mesma intensidade, sem quantificar por esta mais do que por aquela. O segredo era apenas revelado com os olhares furtivos ou fixos de tempos em tempos e por mensagens telepáticas. E elas sabiam do amor dele para as duas. E correspondiam sem ciúmes, sem reservas. Apenas a tia Ir Sis, que não julgara isso possível, não se cuidara, não atentara para o caso, não percebia.

CAPÍTULO XVIII

DOS DIAS ATUAIS

MOS-HÉ VEM COMPLEMENTAR INFORMAÇÕES

Certa tarde, às três horas, Aline estava só na casa datilografando o futuro livro. Percebeu que, em pé, atrás de si, Mos-Hé em silêncio a observava. Assustou-se e, de um salto, levantou-se da cadeira. Mos-hé havia entrado sem bater e sem qualquer barulho. Ele com um gesto a acalmou e disse:

— Não há razão para medo ou preocupação.

— Mas eles não estão. Fiquei sozinha trabalhando.

— Eu sei. Todos estão passeando à beira do riacho, logo ali. Vim porque me lembrei de algumas informações interessantes para o livro.

Então pediu que Aline prestasse atenção e explicou algo a respeito da Cabalá. Disse que antes de os seres humanos serem trazidos para cá, para este planeta, eram ainda bissexuados, masculino e feminino num só corpo. Chegados aqui, os seus líderes perceberam que os habitantes de Mure que também estavam habitando Lan-Tis e também os de Lun-Ná, lá no seu pequeno mundo, já haviam procedido à separação sexual, homem e mulher. Então fizeram também isso nos brancos louros que

passariam a ser doravantes lantisianos. Isso fizeram, em laboratórios, com a finalidade de poderem eles melhor conviver com os seus vizinhos de Mure e de Lun-Ná.

E explicou mais coisas:

Que na órbita primitiva era de trezentos e sessenta dias o tempo de translação da tríade ao redor do Sol. E a ciência ka-huna daquele tempo dava ao ser humano apenas dez sefirô, não se sabe se era por causa da divisão dos trezentos e sessenta dias ou porque os três astros de tempo em tempo tinham um deles interposto na frente dos outros dentro das treze faixas de ondas de energia do zodíaco e dessa forma não captassem em doze pontos as energias de Ma ac el (Mi ac el, ou micael depois Miguel). Falou que no máximo poderiam ser doze pontos as sefirô visto que a do décimo terceiro zodíaco era dúplice e se distribuía pelos outos pontos do corpo humano. O certo é, — repetiu ele, — que os ponto de recepção eram dez, embora houvessem treze faixas emissoras de energia. Aliás, cabalá significava e ainda significa captação, recebimento de energias, mas não recebimento de informação oral para os homens atualmente atribuirem o significado de tradição. Era todo o estudo do recebimento de energia, estudado em pontos de captação e as proporções numerológicas da ciência. O que ainda é certo é serem o conjunto de pontos de captação e as linha de ligação serem chamados de Árvore da Vida, pois a vida vem de fora para dentro do sá (essência universal) e do ío (essência particular formadora da alma).

CAPÍTULO XIX
DA HISTÓRIA ANTIGA

REESTRUTURAÇÃO SOCIAL E SUBLEVAÇÃO

Enquanto os Conselhos Iauá governavam e trabalhavam para que os foguetes fossem postos nos polos e transladassem o planeta, muita coisa se passou. Fluiram os dias; somaram quatro anos. E assim o tempo passou.

Quatro anos mais tarde vemos as meninas Dilê e Itulin que então viviam com Ianê e Jatin acasalados como cônjuges.

Um dia, à noitinha, os quatro sairam à procura do antigo Supremo Conselheiro Mair Iatá. Este havia entrado em decadência moral e não foi facilmente encontrado. Como o povo soubera dos seus desregramentos sexuais não mais queriam saber dele para nada, nem notícia. Os desmandos atingiram a todos, porém ele era o mais acusado, principalmente por ter deixado cair o Poder G'lodnous. Em longas buscas, Ianê e Jatin levaram muitos dias e o encontraram numa caverna unido maritalmente com as duas jovens, que já não eram tão meninas, pois quatro anos se passaram e, se isto não era o mesmo que quatro anos dos dias de hoje, elas já haviam amadurecido um pouco mais por viverem

ambas como esposas daquele homem sábio e estranho que tinha três vezes a idade delas. Fugitivo ele das coisas do mundo, era contudo o mais feliz dos mortais, e felizes, felicíssimas elas também, naquele amor a três, que as pessoas não entenderiam. E que importava o julgamento do mundo se os três viviam plenamente, vibrantemente, envoltos num halo de doces vibrações de um amor gostoso, forte, pleno, de calma e profunda felicidade?

Agora com eles estavam Janê, Dilê e Jatin e Itulin reunidos ao pé de um fogo aquescedor e falavam com Mair Jatá.

— Teremos apenas mais trinta anos de existência. Tífon fatalmente há de nos destruir.

— É que as Conselheiras insistem em redirecionar Lan-Tis apenas por meio de foguetes. Repudiam o uso do sexto e do sétimo raios por, dizem elas, serem parte do Poder G'iodnous, nós poderíamos insistir em aconselhá-las. Se ligarmos na corrente natural da energia, por meio do sexto raio e, se for o caso, até do sétimo raio, faremos retornar um pouco mais para longe dos restos de Mure e sairemos da órbita de Tífon.

— Tudo isto já lhes foi dito. Elas não nos querem no comando nem aceitam idéias nossas. Culpam-nos pelo desastre.

— Nem todas as mulheres sabem que foram as Conselheiras que erraram.

— E se organizarmos uma rebelião coletiva no mundo e retornarmos o Poder G'lodnous.

— É...

Deste dia em diante confabularam aqui e ali e por toda parte tentaram organizar uma revolta geral visando à retomada do Poder.

No mundo, contudo, as idéias e as estruturas estavam tumultuadas.

Duas atividades de ordem política organizacional fervilhavam. Por ora as mulheres do Poder Iauá governavam ocupando-se quase tão somente da fabricação dos grandíssimos foguetes e potentíssimos combustíveis. As duas principais atividades, fora do governo, eram a busca de uma nova estrutura social, mesmo sob o poder feminino, e as falas e reuniões secretas de rebelião para tomada do poder.

Foram vistos pregadores, faladores, discursadores, que apelavam ao sentimento de fraternidade em todo o planeta.

Agora que as leis universais os castigavam, precisavam de harmonização, redistribuição de tarefas, reestruturação do governo mundial.

Continuava o mundo a ser governado pelo Poder Iauá, sem todavia se preocuparem com as atividades dos pregadores e dos rebeldes. Assim, aqui e ali e alhures, grupos de dois, três e até de grandes assembléias,

buscavam novas idéias para melhor convivência das três raças, e novas posições socioadministrativas para os que sobraram da hecatombe.

Ao final de quatro anos, chegaram a um consenso aqueles que se ocupavam da reorganização social: igualmente nos três povos, nas três raças, extratificar-se-iam classes sociais: os obreiros-executores, os intermediários e os governantes.

Os obreiros não teriam filosofias nem ideologias políticas; teriam tão somente instrução especializada como executores, mas poderiam pelas qualidades pessoais assumirem funções próprias dos intermediários nunca dos governantes.

A segunda categoria, na ordem crescente, teriam as mais diversificadas missões, tarefas sociais e administrativas. Seriam também elementos de ligação tanto na vertical como na horizontal. Eram os mistas, *que significava intermediários ou mensageiros.*

Já os governantes teriam instrução ideológica e filosófica destinando-se eles apenas a governar, nada mais. E já era muito. Estes não teriam propriedades, pois todos os bens móveis e imóveis de que se utilizassem pertenceriam ao Estado.

Acordes assim as idéias, as coisas começavam a ir aos poucos organizando-se pacificamente sedimentando-se. Era o que se previa, era o que se esperava, era o que estava parecendo. As Conselheiras do Poder lauá já estavam informadas e aceitaram a organização que começava a ser posta em prática.

Os rebeldes continuavam a trabalhar em segredo. Aceitavam a nova estrutura, mas queriam a retomada do Poder Masculino.

Tudo aparentemente calmo. Os rebeldes pareciam não ter possibilidades. Tudo se encaminharia para a nova ordem sob o Poder lauá.

Mas não, não iria ser assim, nunca mesmo.

O movimento de rebelião circunscrevia-se aos originários de Lan-Tis. Os negros lunasianos e os pardos mureanos não se consideravam no direito de assumir o governo de Lan-Tis. Reuniam-se nos seus Conselhos apenas cuidando dos próprios problemas. Pactuaram silenciarem para não desbaratar o movimento secreto dos lantisianos porque também julgavam superior o Poder G'lodnous e não gostavam do Poder lauá que agora governava.

Os louros lantisianos organizavam-se em segredo nas cavernas. Os Conselhos do Poder G'lodnous estavam fora da lei. E de qualquer raça. Valorizadas as mulheres das três raças por terem elas algum subsidiário poder concedido aos seus Conselhos, ainda assim algumas mulheres negras e pardas que souberam do movimento de rebelião levaram a notícia para algumas Conselheiras Lantisianas. Estas prometeram formar

um governo tríplice do Poder Yauá das três raças em troca de auxílio para combaterem os grupos revolucionários dos lantisianos.

E as mulheres levaram os brancos louros a uma armadilha. Todos os Conselhos do Poder Iauá foram reunir-se numa determinada região anunciando que doravante dali seria governado o mundo. Ao mesmo passo, todas as mulheres engajadas no caso de trairem os lantisianos aconselharam que eles constituissem um único grupo lá nas proximidades da sede mundial e tomassem de assalto o Poder Feminino.

O Poder Iauá havia instalado em toda a redondeza máquinas de energia cósmica que, ligadas e dirigidas sobre as pessoas, introduziriam no k'há, duplo invisível do corpo humano, grãos de energia de dispersão a fim de que os homens afetados por tais partículas não mais fossem amigos uns dos outros de outras raças ou em certos casos até mesmo da própria raça que não estivessem ali naquele momento juntos com eles.

No dia do grande golpe, lá estava um grandioso exército oculto entre pedras e arbustos, organizado para o assalto. Agora sob energia bruta, o planeta desligado das boas energias cósmicas, não conseguiam a prática da telepatia ou não se lembravam de utilizá-la e outras buscas mentais, porisso não souberam da emboscada.

As máquinas do Poder Iauá foram ligadas e os lantisianos foram afetados. Sem que soubessem eles o que estava acontecendo, debandaram-se e dali em diante passaram a dizer-se apenas G'iodeú, não mais de G'iodnous, pois para eles G'lod significava o poder central do do universo, ao passo que nous *era a manifestação. Não queriam mais a manifestação das forças energéticas; aceitavam apenas o Foco Central a quem se dirigiam em preces pedindo auxílio.*

Desde então os G'iodeús, mesmo entre os demais lantisianos tinham outra filosofia. Relacionavam-se diretamente a G'lod e desprezavam as forças de nous. Dispersavam-se por todo o planeta e não adquiriam propriedades imóveis, apenas metais e pedras preciosas eram os valores das suas riquezas.

Por alguns anos ainda o mundo foi governado pelo Poder Iauá. As raças foram se separando e se localizando cada uma numa região. Havia um grande continente ao norte e dois menores, como grandes ilhas ao sul. De lá do continente nortista, da parte ocidental, as mulheres, governavam o mundo assessoradas, em alguns casos, por homens lantisianos que não foram impregnados por aquela radiação de partículas dispersivas. Ao sul um continente que se situava na parte ocidental foi denominado At-Lantis e o outro da parte oriental recebeu o nome de Mureano. Os nomes advieram das raças que os ocuparam. A separação das raças todavia não ocorreu simplesmente uma em cada continente. Não. Na parte sul-

oriental do grande continente ficaram os negros, muito próximos portanto, dos Conselhos do Poder Iauá, pelo menos no mesmo Grande Continente. No continente At-Lantis passaram a conviver juntos com os lantisianos G'iodeús outros lantisianos, homens e mulheres mas por causa disso com duas filosofias. Os não atingidos por aquela radiação maléfica diziam que só poderiam se relacionar com G'lod através de nous que era a sua manifestação, já os afetados pela energia de dispersão que lhes ficaram no gens duplo, no Khá, como diziam, estes insistiam num relacionamento direto com G'lod. Todos os mureamos, homens e mulheres, passaram a viver no continente norte-oriental. Havia no continente At-Lantis a formação de um duplo poder governante. Os nousianos passaram a adquirir todas as terras como propriedade de pessoas e organizaram a sua civilização tendo sempre junto a eles os G'iodeús que só se ligavam às coisas móveis: ouro, prata, pedras preciosas. Assim os G'iodeús não tinham o poder ostensivo mas ficavam com uma forma de poder interno de dirigir, por influência, os governantes nousianos.

Os governos dos mureanos e dos at-lantisianos eram subordinados ao Poder Iauá, governo central mundial. Era todavia já uma subordinação precária, de frágil controle.

Com o mundo assim organizado, as mulheres governantes insistiam que, com os grandes foguetes sobre plataformas móveis nos polos, reconduziriam o planeta para o interior, mais perto do Sol. Os homens, embora já aceitando a idéia, insistiam em que deveria antes o planeta ser ligado de novo às energias universais porque estavam desligadas e assim não mais teriam aquela antiga civilização azul, já que, nesta posição, o mundo era como lixo cósmico. Esta filosofia não era aceita pelas mulheres. De fato os descomunais foguetes foram ligados, quatro anos depois de iniciado o projeto, quatro anos posteriores à grande catástrofe.

A operação começou. Espectativa geral. O barulho dos motores assemelhava-se a um trovão contínuo, ronronante, ouvido em todas as regiões mais distantes. O planeta tremeu. As pessoas assustadas suspendiam a respiração. Com os foguetes na linha equatorial, foi acelerada a rotação. De fato ocorreu o deslocamento, todavia muita coisa imprevista acontecia. Amoleceu um pouco mais o magma, a parte subfacial dos continentes, levantou-se um pouco a parte leste do Grande Continente e fez-se enorme fenda bem no centro dele.

Diziam os físicos que o cristal interior estava se modificando. E nunca se soube se lá dentro de fato se modificou de uma vez. Antes era de poeira grossa ao redor do cristal. Agora uns diziam que a massa semifluídica se compactara junto às paredes deixando oco o planeta, outros afirmavam que o cristal se derretera expandindo-se e tudo ficara sólido no miolo.

Como não tinham possibilidades de irem até lá, nunca mais se soube o que realmente ocorreu.

Com a aceleração da rotação, Lan-Tis conseguiu deixar para trás a maioria dos pedaços de Mure, menos dois enormes que acompanharam Lan-Tis. Também Lun-Ná não se desgrudava nunca da cola de Lan-Tis, depois de afastar-se daquele que explodira e o mundo passou a ter três luas, pois Lun-Ná, bem menor e agora sem habitantes, era um astro morto que acompanhava o planeta maior e se aproximara um pouco mais. Lun-Na e dois grandes calhaus de Mure refletiam à noite os raios solares e assim eram três luas.

Não tinham como calcular o quanto de deslocamento haviam conseguido, porém a separação dos restos de Mure e mais o medo das grandes modificações na crosta os fez julgar que era hora de parar a operação e até mesmo pensaram que já estavam fora da órbita de Tífon.

E mais uma vez sentiram-se calmos e voltaram a se reorganizarem para a vida continuar no planeta sofrido.

A Suprema Conselheira Ir-Sis acabou por saber que o seu amor não correspondido, Mair latá, estava convivendo com suas duas sobrinhas e passou a odiá-lo. O mundo já não era daquela civilização azul humana e fraterna. Ela sentiu um ódio que antes era impossível. Mandou perseguir Mair latá e as duas jovens. Onde ele fosse encontrado deveria ser preso ou morto.

CAPÍTULO XX
DA HISTÓRIA ANTIGA

TÍFON AFINAL

Com a areia das ampulhetas escorreram-se as horas, os dias, semanas, meses, muitos, e chegaram aos cinqüenta ou cinqüenta e dois anos em que o Cometa Tífon riscaria os céus com o seu rastro de luz.

De fato ele veio. Aproximou-se perigosamente. E vindo assustava a todos, mas não havia o que fazer. Era esperar. Passaria por fora? Não, não passaria sem problemas. De fato ele veio. Dirigiu-se para a direção do planeta, um pouco por fora. Não tanto como deveria. Se não houvesse, lá um tanto afastados, os pedaços do antigo Mure, talvez o Cometa Tífon deixasse na sua trajetória apenas uma ligeira sacudidela em Lan-Tis. Mas não foi assim. Mais um grande desastre aconteceu; houve mais uma hecatombe indescritível no tamanho e nas conseqüências!

Tífon, atingindo a parte interna dos enormes pedaços de Mure, ricocheteou e bandeou-se no rumo de Lan-Tis. Deixou de fazer a sua trajetória normal e serpenteou. Não só fez zig-zag, porém pela frente da sua cabeça, parte dianteira da coma, emitiu grandes jatos de poeira luminosa. Coisa inexplicável. O povo que ainda não sabia se o cmeta viria

sobre o mundo, já o avistava a olho nu em toda a sua grandeza tal era a proximidade, inteiro, enorme. E todo o povo exclamava: "Tífon deraco! *Tífon* deraco!" *Na sua linguagem* nas ac al, *a que hoje chamamos naacal,* deraco *significava que Tífon estava agindo fora as leis universais.*

(Explica-se assim a palavra deles: de *era o absurdo ou exclusão da lei;* ac *significava relacionamento, vinculação, e* ô *tinha a acepção de atividade, ação. Em resumo, em naacal, eles diziam que Tífon estava agindo de modo a vincular-se ao absurdo, com exclusão das leis universais).*

Depois de resvalar nos pedaços de Mure e serpentear, o cometa, veio em direção a Lan-Tis. Já a sua cauda de fogo, era pouco avistada pois ele postava-se de frente e era então como uma bola de chama. E aquela chama foi se tornando rarefeita e escurecendo o seu centro. E mais se aproximava e crescia de tamanho o seu miolo. O interior do halo de luz afogueado foi aparecendo como uma esfera compacta, escura. E de cinza escura foi se tornando viridecente, manchas de cinza escura e esverdeada. E mais rala a coma de luz rosada que passou a ser apenas uma aura ao redor do centro maciço, foi aumentado a esfera e as partes esverdeadas foram tornando-se verde-pretas e verde-azuladas. E a massa enorme, descomunal era agora de um verde escuro, verde-negro manchado, e ocultou todo o céu, tal era a pequena distância da monstruosa bola craquenta, rugosa, esmeraldina. la chocar-se. E vinha ali em cima aquela coisa monstruosa ameançando o fim do mundo. Mas pôs-se um pouco de lado, bandeou-se, torceu a trajetória e não bateu; arrastou Lan-Tis, absorveu-o na sua cauda de poeira rósea. E assim foi tudo de roldão. Lan-Tis levando consigo os seus três satélites, foi arrastado na cauda poeirenta de Tífon e viajou aos trancos, até milhares de quilômetros para o interior do sistema solar. Em direção ao Sol. Rodopiou, rolou, debateu-se loucamente, até que afinal conseguiu fugir, desprender-se, libertar-se.

Muito mais coisa aconteceu, tanto no momento da aproximação quanto no arrasto e na libertação. Quando Tífon se aproximou, depois de fazer o que eles chamavam de deraco, houve um som agudo de alto volume como de uma enorme sirene Yiiiiii aaaa ooo uuuuuu! Yiaou! Este som, produzido pela enorme descarga elétrica na aproximação dos dois astros, repetiu-se quando o planeta foi se libertando da cauda de Tífon.

A poeira enegreceu o ar, o mundo ficou sem atmosfera, o chão vermelhou como sangue e as águas eram como rios de sangue.

De novo morreram dois terços da população. É verdade que antes da primeira **catástrofe** *o planeta estava superpopulado com todas as raças vindo de Mure e de Lun-Ná. Só havia lugar para todos naquele tempo*

porque grande parte permanecia nas alturas, voando. Mas com as duas hecatombes, morrendo dois terços na primeira e novamente outro tanto nesta, restavam bem menos do que a população original de Lan-Tis. Bem menos. Agora a fome mataria muitos mais. Tífon foi absorvido pelo sistema solar e passou a ser mais um planeta. O atual Vênus. Os dias e as noites se desorganizaram. O Sol não aparecia por não poder filtrar-se na poeira vermelha. Tudo era escuridão e morte e desgraça e fome e desespero. Sete dias assim para voltar ao normal. Não tão normal. Nesta órbita menor durante quase sete meses o ano passou a ser de duzentos e quarenta dias. Mas isto só foi computado mais tarde. Nestes sete dias e ainda depois, quando já o astro se acalmara, a população estava sem alimento e com pouco abrigo. O povo notou que caíra sobre a face da terra uma espécie de coisa pegajosa que tinha excelente sabor. Disseram que aquilo era manás. Manás significava energia cósmica concentrada própria para a vida do ser humano e de todos os seres animais ou vegetais, própria para a vida. Já antes eles tinham esta palavra para referir-se ao ciclo de tempo em que ondas de energia eram insufladas sobre seu planeta, aliás sobre a antiga tríade. Diziam Sá-Manás. E Sá-Manás tinha a acepção de uma corrente ou sopro de energia cósmica de certo tempo de duração. Diziam simplesmente Sa-Manás ou Sa-manás de anos, sem referir-se ao número mil que já sabiam e incluiam simplesmente naquela expressão.

A filosofia ou conhecimento generalizado entre eles era que a cada mil anos uma nova onda de Sa-Manás aparecia para renovar a vida. E a cada setecentos Sa-Manás uma civilização completava o seu ciclo e entrava em decadência, apenas uma fase baixa na linha da evolução. Cada Sa-Manás correspondia a uma geração humana, mas a cada setecentos Sa-Manás de anos a humanidade sofria uma queda e as almas evoluídas emigravam para outros astros e todo o processo recomeçava com outras lufadas de energia de vida, outros setecentos Sa-Manás.

Assim entendido que aquela massa pegajosa era outra forma de energia vital e chamaram de manás, já que não eram a essência, sá, mas algo digerível fisicamente. E todos passaram a comer manás. E andavam em hordas desesperadas entre centenas, milhares de cadáveres.

A poeira deixada por Tífon escurecera totalmente o céu. Como o planeta girasse desordenadamente, até mesmo invertendo os polos, não se sabia quando nem onde o Sol surgiria. As três luas, a antiga Lun-Ná e os dois grandes fragmentos do extinto Mure, não eram visíveis naqueles dias. Quando vez ou outra o Sol era avistado, vinha vermelho-sujo, pois não conseguia filtrar a sua luz pela poeira que dominava a atmosfera.

De novo a raça humana havia perdido dois terços dos que restaram da

primeira catástrofe. Desta vez os continentes At-Lantis e Mureano afundaram-se e o grande continente do norte, fendido ao meio, deslisou para o sul abrindo-se no que hoje denominamos América e África-Europa-Ásia. Do continente At-Lantis nada restou de fora das águas, porém do continente Mureano ficaram as partes mais altas formando ilhas. A montanha mais alta, então denominada Moá, é atualmente a Ilha da Páscoa.

Lembre-se o leitor de que as populações de Lun-Ná e de Mure haviam se mudado para Lan-Tis. Três populações de três planetas então acotovelavam-se e se debatiam morrendo entre cadáveres por ocasião do primeiro desastre. Novamente dois terços pereceram. Distribuiram-se os restantes por diversos locais do antigo grande continente do norte e o At-Lantis e o Mureamo ou Mure como denominaram segundo as populações que para lá se encaminharam. De novo estes povos, com a entrada de Tífon, teve repetida a sua desgraça.

Ao fim do sétimo dia desta segunda hecatombe, restavam ainda semivivos ou semimortos novamente apenas um terço da população, ou nas cavernas que não tinham sido atingidas pelas águas ou nos altos de pedras e de morros.

Assim estava aquele mundo arrebentado e convulso e podre quando no sétimo dia, as chuvas em catadupas, lavaram a atmosfera e o Sol conseguiu brilhar. Estava o planeta em órbita bem mais perto do Sol. Estranhamente o calor não havia aumentado; a atmosfera talvez impedisse a ocorrência do calor que era esperado pela proximidade de nossa estrela que nos aquesce.

CAPÍTULO XXI
DA HISTÓRIA ANTIGA

O ÚLTIMO TRANSPORTE DA TERRA

Vimos em capítulos anteriores como as estruturas sociais foram evoluindo. Todavia depois que Lan-Tis (a Terra) livrou-se da cauda de Tífon, ainda as mulheres governavam o mundo. As louras eram dominantes no Poder. Todas as mulheres que não haviam aderido aos insurretos estavam engajadas na construção dos grandes foguetes juntamente com muitos homens.

O objetivo era recolocar o planeta na sua antiga órbita. O trabalho coletivo e com as sofisticadíssimas máquinas foi realizado com extrema rapidez, em reduzido tempo para a grandeza da tarefa. Mesmo assim, demoraram sete meses para estarem prontos os descomunais foguetes assentados nos polos sobre plataformas móveis, giratórias, e milhares de outros menores colocados fixos deitados, ao longo de toda a linha equatorial.

Abastecidos os foguetes com potentíssimo combustível, foi anunciado o dia do início da operação.

O medo apossou-se de todos. Sabiam que os novos continentes das

terras que haviam deslisado sobre o magma e portanto algo mole os suportava, poderiam afundar-se.

O magma, a parte mole abaixo da crosta, existiu naquela época; já não se sabe como está atualmente.

Uma parte da população afastou-se de todas as coisas que pudessem ruir, casas, barrancos, pedras e árvores.

A grande maioria preparou as suas naves para suster-se no ar.

E chegou o grande dia. Havia combustível para quatro dias de queima. Como o planeta havia ido muito para dentro do sistema, calcularam que precisariam de sete dias para voltarem para a órbita antiga.

O plano de ação que fora elaborado era queimar combustível apenas três dias; depois o avanço se processaria pela inércia. Quando ele estivesse bem próximo, reverteriam os foguetes dos polos para a freiada. Os foguetes do equador apenas seriam então desligados, apagados, e não ajudariam a freiar. Se no começo a rotação seria acelerada, esperavam que aos poucos ela voltasse ao normal por haver cessado o impulso. Sublata causa tolit efectum.

Dada a partida, a Terra (Lan-Tis) vibrou, tremulou, tremeu, sacudiu doidamente; casas e montanhas ruiram. Aparentemente não estava o planeta se deslocando. A rotação sim, aumentara, pois tudo se tornava mais leve. As naves no ar tiveram empuxo para o alto e foram até a estratosfera.

Não sabendo se estava produzindo o efeito de afastamento, os homens resolveram ajudar combinando o quinto raio com o sexto, e as pessoas, muitas outras, entraram em processo mental de ajuda à operação.

Toda a crosta terrestre começou a se movimentar, tremer, afundar, levantar, rachar. Escorregou um pouco mais para o sul o continente Africano que naturalmente ainda não tinha este nome, e onde habitavam os lunasianos. Fizeram-se enormes ondas de águas que avançaram para a abertura deixada e surgiu ali um grande mar interior, atual Mar Mediterrâneo. O continente Americano teve erguida a sua parte ocidental e começou então a se formar a Cordilheira dos Andes. Mas a cadeia de montanha nascente, ainda não era inteiriça de norte a sul; havia uma lacuna, como se fossem duas serras; interrompida, pois, a continuidade da cordilheira. Baixou-se a parte oriental e surgiu o Mar Amazônico que só séculos mais tarde viria deixar de existir. Aquela interrupção, lacuna existente na cordilheira, passou a ser um canal que comunicava o Mar Amazônico com o Oceano Pacífico.

Não se sabe se foi com o auxílio do quinto e do sexto raio, e a visualização mental, tudo combinado com os foguetes, mas o certo é que o planeta teve a sua translação lateral, tremulamente, lentamente, um pouco mais de avanço, acelerando, agora rápida, desbragada carreira, corrida louca, vertiginosa.

E passaram-se três dias em grandes e assustadores e perigosos acontecimentos. Ao fim do terceiro dia, os foguetes equatoriais cessaram a atividade e aqueles dos polos foram revertidos. Com os seus telescópios verificaram que estavam entre Tífon (mais tarde Vênus) e os pedaços de Mure. Como ainda não era conhecida a órbita de Tífon, basearam-se na distância dos restos de Mure. O que não sabiam era que o conjunto daqueles enormes cascalhos estava deslocado para fora demais.

Assim aconteceu. Ou porque a freiada fora fraca ou tardia ou porque agora atingiam um ponto de equilíbrio na mecânica celeste, o certo é que Lan-Tis (a Terra) ficou na atual órbita, um pouco mais distante do Sol, com a sua órbita aumentada de cinco dias e um quarto na sua marcha anual. Por eles foi verificado que o planeta estava inclinado quarenta graus do seu eixo norte-sul com relação aos raios solares. Meses mais tarde, ainda com os foguetes dos polos e todo aquele processo de raios e visualização mental, fizeram diminuir a inclinação para os quase vinte e quatro graus que hoje ainda temos. Por causa desta inclinação que ainda restou, alguns choraram desesperados porque diziam que nessa posição nunca o planeta seria religado às boas correntes das energias cósmicas e seria como lixo universal dentro das leis da evolução.

Outros contudo gostaram porque supunham que as estações do ano teriam mais variedade, e a diversidade era da lei maior, até mesmo para a humanidade evoluir.

Muitos se preocuparam com a Árvore da Vida, pois as energias zodiacais certamente atingiram as sefirô diferentemente. Entendiam como Árvore da Vida os pontos do corpo humano, as sefirô, por onde ingressavam no ser humano as diversas formas de energia do Sa-Manás mesmo que agora a onda de Sa-Manás fosse de apenas setenta, ainda assim a vida dependia da diversidade de formas de energia que partiam das posições no planeta nos treze quadrantes zodiacais. E ainda supunham desgraça maior perderem a corrente energética do décimoi terceiro setor do zodíaco que atualmente sabemos só aparece a cada 25.920 anos, por causa daquela inclinação do eixo terrestre.

Apesar de tudo, com aquele pouco de gente que restara, a vida continuou com as modificações e queda da civilização como vimos no capítulo anterior desde o arrebentamento de Mure. Daí do arrastão de Tífon a decadência se acelerou. E dentro de oito ou dez mil anos estava a

humanidade na posição atualmente chamada de Idade da Pedra. E a marcha da evolução, depois de tamanho tempo de involução, nestes tempos era reta no fundo da ravina. Somente sessenta mil anos depois do cataclisma, ajudada pelos alienígenas, a humanidade retomou o progresso.

E veio sendo dessa forma.

CAPÍTULO XXII
DOS DIAS ATUAIS

MAIR IAGÃ VEM À SUPERFÍCIE E EXPLICA COISAS

Meia noite. O coachar de rãs e o cricrilar de grilos eram os únicos sons que faziam a música da noite no chalé da fazenda. Toda a pequena turma do Prof. Sufiáti, sentada na grama, atrás da casa, conversava. Da Lua, grande, argentina, que passeava vagarosamente no céu, vinha a luz branca que banhava toda a paisagem quieta. De repente, assim simplesmente de repente, viram que estava de pé a uns três ou quatro metros do grupo uma pessoa. Surpresos, pararam todas as falas e olharam; olharam e esperaram.

Alguns passos lentos e aquela figura se aproximou. Era o Mair Yagã que os visitava. Sentou-se também e, juntando-se ao grupo, enriqueceu o assunto da conversa e explicou coisas e respondeu o que perguntavam e saciou curiosidades.

— Como eram as máquinas daquele tempo?

— Muito complicadas para que vocês possam entender. Aliás por dentro nem nós sabemos. O aspecto exterior sim. Quase todas pequenas, assim do tamanho de um automóvel de vocês. Algumas maiores

chegavam a ter o tamanho desta casa; nunca maior do que isso. Havia quatro formatos: cúbicas, triangulares, esféricas e ovais. Todas compactas, sem rodas ou alavancas ou coisa assim, pois na parte externa só havia botões de comando ou partes vulneráveis no revestimento para o comando energético.

Quietos agora, todos pensavam.

Notaram que o Respeitável Mair trocava olhares com Aline. Não atinavam para as razões da contemplação mútua. Mair lagã recebia telepaticamente os pensamentos de Aline que ainda eram de simpatia e admiração. Não era amor, pelo menos ainda não, por ora.

Uma pergunta do Dr. Antério:

— Preocupou-me a palavra *deraco* e as atuais lendas das serpentes e dragões.

— De fato, quando Tífon entrou e fez toda aquela balbúrdia, deixou a lenda da serpente e dos dragões. Se vocês prestaram atenção, a palavra *deraco* referia-se a algo que agia fora das leis cosmológicas. Dragão é símbolo do impossível: um ser biológico que solta fogo de dentro de si e pela boca, exatamente como Tífon que fez isso pela parte da frente da coma. Vocês receberam a palavra pelo Latim, deraco, draco, draconem, dragão.

— Sim, é verdade; draconem é o acusativo, o caso lexiogênico.

— O que eu queria saber, — e agora era a voz de Paula, — é por que dizem civilização azul.

— Difícil esta, hein! Mas tentarei. Os místicos, os ocultistas de vocês sabem que a energia invisível que envolve a Terra é atualmente de vibração vermelha. A primeira cor que aparece aos olhos é infravermelho e a última na escala de saída é ultravioleta. Lá dentro na vibração hiper toda a cor invisível é vermelha. Estou me referindo à coroa que envolve a terra com a sua aura.

— Mas, Mestre, não há muitas outras formas de energia vibratória?

— Sim, complexa e diversificada. Vem do Sol oculto; vem do Sol visível também. Vem do centro pulsante do Universo. Todas em termos gerais, abrangentes. Mas a vida também vem de fora. A Árvore da Vida é a nossa ligação com as energias vitais que entram pelas sefirô do nosso corpo oriundas dos diversos campos chamados zodíacos. Mas eu dizia: aquela vibração sutil que envolve a Terra é vermelha. É porque estamos no *hiâm* que vocês dizem ou escrevem sem saber *hum,* vibração deletéria, da desligação e da redução às setenta samanás. As almas dos mortos para irem ao melhor plano astral devem atravessar o mar vermelho das vibrações. Pois é assim. Naquele tempo a energia era mais sutil, mais pura, de qualidade azul. Mas não azul de cores materiais visíveis,

simplesmente de qualidade azul.

Antes quieto e observador, o Prof. Sufiáti, agora entrou na conversa:

— Na minha maneira de pensar, se houvesse uma total comunicação telepática, aquela civilização seria cansativa, doentia, ou louca por falta de segredos, sem privacidade pessoal, uma agonia. Ademais a narrativa que estamos pondo em ordem e datilografando para sair em livro, apresenta contradições: como não localizavam a equipe fugitiva? Como não sabiam dos complôs? Como... bem... tantas coisas...

— Para publicar em livro, creio que vocês terão que aceitar alguma crítica censurativa dos leitores. Nem tudo dá para ser explicado em termos atuais. De fato para os dias de hoje a narrativa parece inverossímel e confusa. Deixe que o leitor complemente com a sua imaginação ou que recuse ou que aceite. Foi assim. E como disse não pode ser tudo explicadinho: os tempos eram outros; a tecnologia era outra; os pensamentos, os costumes eram outros. Mas quanto à civilização daquele tempo, na integral telepatia indiscriminada e descontrolada, era realmente insuportável. E houve uma fase assim, no início da civilização: tornaram-se apáticos, insensíveis, infelizes. Houve suicídios coletivos, até que a civilização deu uma parada, parada apenas, embora tivesse parecido com marcha-ré. Depois descobriram que poderiam fechar a comunicação telepática geral e direcioná-la, orientar o pensamento, dar direção certa às mensagens e também só receber o que estivessem buscando. Aí deu certo. Era, pois, preciso concentrar-se num ponto, numa argüição mental. Podia ser de um indivíduo ou de um grupo. E podiam isolar tanto a emissão quanto a recepção. Assim acertaram.

Mair lagã deu por encerrada a explicação. Silenciou e esperou. Todos quietos, apenas pensavam. Ele inquiriu:

— E você, Aline, não quer perguntar?

Porque a noite só estava clara do branco do luar, não perceberam que Aline enrubeceu. Todos ficaram curiosos ao verificarem que ele sabia o nome de Aline. Ele entendeu os pensamentos e explicou:

— Já sei os nomes de vocês todos.

E esperou fitando a moça. Ela, um tanto trêmula na voz, disse:

— Eu gostaria de saber mais da vida de vocês lá embaixo.

— E se você fosse passar uns tempos conosco?

Calou-se ela, e todos permaneceram em silêncio, mas não zangados, não aborrecidos nem mesmo o Dr. Antério, seu amante, como era de esperar-se. Recebeu com naturalidade como se Aline fosse sua irmã.

Mair lagã levantou-se e ia despedir-se com as mãos postas e o seu característico gesto de cabeça quando o Professor pediu-lhe:

— Fique mais. Queremos saber mais. E outras orientações para nós.

— Façamos assim: cada um pense no seu futuro. A humanidade agora está envolta num futurismo atávico, lembram-se? Descubram o que, de todo o coração, desejam ser, ter e fazer. Um outro dia qualquer, voltarei. Responderei ao que me perguntarem e orientarei vocês a realizarem o que quiserem ser, ter e fazer.

E se foi.

CAPÍTULO XXIII

DA HISTÓRIA ANTIGA

CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES E... GUERRAS

O tempo foi passando e o mundo se reorganizando.

Os foguetes polares, que na confusão haviam deslocado Lan-Tis para aquela órbita exterior, auxiliando, por equívoco, o impulso natural da explosão de modo a deixá-lo naquela posição que deu causa ao outro desastre, também serviram mais uma vez para transportar o planeta para a órbita antiga, quase.

Quando ela estava muito no interior do sistema solar, arrastado que fora pelo Cometa Tífon, julgaram que estavam desligados das energias cósmicas somente por estarem em órbita errada; não haviam percebido ainda a torção do eixo, inclinação, deslocamento da linha equatorial, que de fato fazia o deligamento. Mesmo depois de transladado para a nova órbita a inclinação se manteve por algum tempo.

Os lantisianos, atual raça branca, se transferiram, os que haviam se salvo do afundamento de At-Lantis, para a mesma região onde estavam os demais da mesma raça, atual Europa. Os antigos lunasianos foram mais para o sul, hoje África. Os mureanos distribuiram-se pela atual Ásia,

América e pelas ilhas de todo o mundo. Para tais transferências utilizaram-e de milhares de naves que ainda eram usadas em esquadrilhas e conduziam dezenas, centenas delas para os locais onde pretendiam recomeçar a vida. Os veículos bem como muitas e muitas máquinas permaneceram intactas, pois eram pequenas, reduzidas e tudo muito compacto, sólido e resistente.

Nas naves maiores, transportavam também muitos dos antigos veículos pequenos que eram os seus automóveis em forma de casca de ovo. Esses automóveis não tinham como hoje partes de lata e partes de vidro. Naquela nada era visto de fora para dentro, porém de dentro o material proporcionava visão total. Levavam também apetrechos da antiga tecnologia: máquinas do quinto, sexto e sétimo raios.

Mas a civilização entrou em decadência.

Os Conselhos de Mulheres continuaram a governar o mundo. Bem que poderiam os homens restaurar o Poder Masculino e Integral, o Poder G'iodnous, durante o tumulto, tal como ocorrera com a primeira catástrofe quando as mulheres instauraram o Poder Feminino, o Poder Iauá, contudo os homens não mais desejavam o governo. Desesperançados, adotaram uma filosofia de nihilismo ou existencialismo. Viver os prazeres que pudessem obter, nada mais.

Havia ainda algum aparelho de comunicação, rádio apenas, não mais as telas de televisão, que estas desapareceram, quebraram-se todas.

Muitos sábios ainda viviam, já que a população da civilização azul, anterior, quando ainda existia, nos azulados tempos, a tríade de planetas, nos dias de então, era quase constituída, quase todos, de inteligência e de conhecimentos tão superiores que um jovem daquele tempo podia ser equiparado, em termos de capacidade intelectual e de conhecimento, a um homem dos mais inteligentes dos atuais dias da Terra.

Nestes tempos posteriores à entrada de Tífon, ainda os homens se comunicavam por intermédio dos seus rádios estudando uma forma de reorganizarem o mundo, não para governarem mas para manter o possível resto de conforto que a civilização lhes pudesse ainda oferecer.

E vimos que sete pessoas estavam em estreita amizade vivendo numa caverna. O Mair Yatá e suas jovens esposas Yami e Ueron e os dois casais Ianê e Dilê, Yatin e Ytulin, agora cerca de quase quarenta anos mais velhos, embora não como hoje. É que eles viviam mil anos, portanto os moços tinham, na verdade, vinte e cinco anos e as moças dezesseis, em termos atuais.

Outra vez vamos encontrar os sete agora numa casa em algum lugar do continente a que hoje chamamos de América do Sul. Comunicavam-se diversas vezes por dia com outros e todas as partes do mundo e estavam

combinando uma reunião de uma centena deles quando ouviram a notícia de que a Suprema Conselheira Ir Sis determinara que fosse caçado e morto o Mair Iatá, Ex-Presidente do Supremo Conselho, por quem ela votara um grande amor não correspondido que depois se transformou em ódio quando soubera que ele se unira por amor às meninas sobrinhas dela. Ademais ela supunha que estava sendo planejada pelos homens nova conspiração para a retomada do Poder.

É preciso esclarecer que ninguém mais se utilizava dos cintos de deslocamento. E não foi explicada a razão do abandono dos cintos. Ou julgaram que as máquinas não mais impulsionavam o quinto raio ou coisa assim.

Talvez funcionassem o sexto e o sétimo raios, se isto fosse necessário, contudo não estavam se socorrendo disto por muitas razões que eles mesmos apresentavam uns aos outros. Talvez atribuissem o antigo perigo ao uso de tão formidáveis potências.

Os automóveis eram agora impulsionados por combustíveis do mesmo modo que os foguetes e tinham rodas adaptadas para andar na superfície da terra, todos eles, ou jatos para singrarem as águas.

Num determinado dia, em duplas, Yanê e Dilê, Yatin e Ytulin, em naves, e os três: Mair Yatá e as suas duas meninas-esposas voaram para um lugar lá na parte oriental do mundo a que a história hoje denomina Babilônia, colônia de sábios.

Cerca de trezentos maíres e quase igual número de mulheres também sábias reuniram-se, em assembléia, num espaçoso salão e debatiam problemas da civilização que iria entrar em queda.

Na presidência daquela assembléia colocaram Mair Jatá, quase redimido, que tinha ao seu lado as duas jovens esposas, já aceitas por todos.

Dentre os congressistas, um que foi identificado como Mair Apolumes pediu a palavra e assim falou:

— É sabido que estamos atirados fora das coisas divinas, excluído o nosso planeta da boa corrente universal. Assim é que agora o período de Sá-Manás não mais será de setecentas durações de mil anos, mas estamos reduzidos a um décimo e será de apenas setenta Sá-Manás de mil anos a ascenção e queda da civilização.

— Se assim é, — interrompeu alguém, — viveremos apenas um pouco mais e então para que nos preocuparmos com o que virá?

— Ainda assim, — insistiu Apolumes, — precisamos resguardar o que for possível, senão para a posteridade, pelo menos para o resto dos nossos dias.

— É urgente, pois, que religuemos Lan-Tis às boas correntes. Se

pudéssemos fazer isso, voltaríamos às setecentas Sá-Manás.

— Não temos mais esta possibilidade, pois não podemos mais utilizar os raios sexto e sétimo.

— Como saber isso, se não os temos experimentado? E se consertarmos as máquinas e tentarmos ligar os raios?

— Para isso precisaríamos de convencer as Conselheiras do Poder Yauá que não admitem tal procedimento. Como todos sabemos, elas atribuem os dois desastres ao uso dos raios. Elas estão presentemente reconstruindo os grandes foguetes para corrigirem o ângulo de inclinação de Lan-Tis. Estão convencidas de que dará certo e, como conseguiram resultado na translação, elas crêem que o planeta voltará a ser ligado, mesmo estando nesta órbita, desde que posto na posição certa das correntes magnéticas.

— E poucos de nós podemos ajudar, pois muitos fomos impregnados, envenenados no nosso k'há dos nossos genes e até mesmo é sabido que doravante produziremos filhos dispersivos.

— Quanto a isto é recomendável que os impregnados não reproduzam.

— E como viveremos sem uso do sexo, se poucos prazeres do elevado sentimento nos restam.

— Pois vamos examinar o caso e aplicar um procedimento de uso do sexo sem reprodução. Mas antes deixem-me dizer que eu trazia uma idéia, — quem assim insistia era Mair Apolumes. — Construiremos campânulas por toda a superfície que deverão elas recolher energia, da vibração de Sá-Manás de setecentos que ainda deve haver na atmosfera.

— Sim, se pudermos consertar e ligar as máquinas de um dos raios, ou do sexto ou do sétimo.

— Melhor se isto conseguirmos, mesmo assim, com as campânulas prontas, nós em grupos formaremos egrégoras e manteremos a mentalidade aberta para prosseguimento daquela evolução que havíamos alcançado, isto é, aproveitarmos o que resta para, quiçá, continuar a evoluir daqui, ou pelo menos impedir a decadência.

— Esquece-se o Mair Apolumes que na presente fase a energia cósmica já é reta; os núcleos ovoides ou elípticos só serão alcançados com o uso pleno do sexto ou sétimo raio. No presente estágio, sem as máquinas dos raios, só atingiremos as formas cúbicas ou triangulares e cada vez com mais dificuldade.

Estavam nesta altura da conversa, quando muitas esquadrilhas de naves com emissárias do Poder Yauá deram, do alto, ordens para que desfizessem a assembléia sob pena de ser aplicado o raio paralizante e até mesmo nova impregnação dos genes dispersivos, envenamento dos

k'haim de todos ali. (k'haim é plural de k'há).

— Será que elas podem ainda usar o quinto raio?

Pelo sim pelo não, dispersaram-se com calma porém desordenadamente e voltaram às suas moradas de origem.

Cada um nas suas casas, de todas as partes do mundo voltaram a se comunicar, por intermédio de rádios, e concordaram em deixar o Pode Administrativo do mundo ao Poder Iauá, sem interferência, mas lançaram no ar muitas mensagens endereçadas às mulheres governantes dizendo que pretendiam.

Uns informavam que iriam tentar nova ligação do planeta às energia universais. Outros diziam que iriam construir campânulas para captação de energia.

Havia ainda os que sugeriam reuniões para estudar um meio de evitar a reprodução dos G'iodeús, dispersivos, a fim de que os descendentes de todos os não impregnados conseguissem fazer amizades entre as três raças, com Conselhos científicos extragovernamentais.

As mensagens eram assim contraditórias, e o governo tripartite das mulheres estava se desentendendo porque as louras dominavam deixando para as pardas e as negras apenas funções meramente decorativas.

As mulheres louras do Supremo Conselho repudiavam as idéias contraditórias das mensagens recebidas que consideravam inviáveis e julgavam que tudo não passava de atividades para a retomada do governo.

As ordens dadas para prender Mair Iatá eram categóricas: onde fosse encontrado, melhor ainda que o matassem.

Os que souberam das ordens emitidas, resolveram proteger Mair Iatá. Ele, que estava residindo oculto nas matas da atual América do Sul, recebeu um dia a visita do Mair Apolumes que trazia consigo, para surpresa dos sete amigos o velho Mair Sumé.

O grupo ali reunido passou a ser, portanto, de nove pessoas. Durante três dias debateram o problema e discutiram as idéias que surgiam. Só depois foi que puseram mãos ao trabalho. Por muitas semanas, meses, aquele grupo de nove abnegados planejou, escreveu, reescreveu, redesenhou.

Mair Sumé sentia-se velho e alquebrado e preparava-se para morrer. Os amigos disseram-lhe que ele estava sugestionado, pois ainda teria mais cem anos de vida.

— Vocês se esquecem de que já estamos no ritmo de setenta Samanás de ano. Desligados das energias cósmicas e aqui nesta órbita, todos nós morreremos mais cedo e os nossos descendentes viverão pouco mais de dez por cento do tempo das antigas possibilidades das nossas

vidas.

— Então isto é verdade?

— Sim, e toda a nossa ciência entrará em declínio. A queda da civilização será rápida, vertiginosa mesmo.

— Precisamos de fazer algo.

— Sim, e já fizemos uma parte: os escritos em lâminas e o projeto das pirâmides. Teremos ainda que construir muitas grandes pirâmides e monumentos, não só para o nosso uso e prolongar a vida mantendo um pouco a abertura mental mas também para aguçar a curiosidade dos nossos pósteros que assim deverão tentar a volta à civilização azul. As pirâmides deverão ser construídas logo, logo. Vocês deverão voar até a estratosfera e de lá fotografarem o planeta para levantarmos mapas. Depois recomendem que uma pirâmide seja construída bem na separação das terras para que os descendentes saibam algo que conhecíamos. E ainda devemos deixar mais escritos em outra espécie de material ou até mesmo em diversas delas, pedras, madeira, coisas que tais.

O projeto das pirâmides era assim. A maior que haveria de ficar bem no divisor das terras teria os lados lisos, e a parte interna, onde ocorre a maior concentração de energia, no terço inferior, haveria de ter câmara de uso para abertura mental e elevação espiritual.

Como uma não iria chegar para todos, deveriam ser feitas muitas pirâmides. Como era sabido que os seus lados também teriam energia, algumas seriam escalonadas em degraus para que muita gente pudesse sentar-se nos degraus e ali meditassem e refizessem as suas forças e ampliação da mente.

Os mureanos já eram menores e como souberam que todos teriam a estatura reduzida com o passar das gerações, já as pirâmides escalonadas teriam dois tipos de degraus: uns de grandes portes e outros de pequenos tamanhos para passos pequenos.

Outra idéia surgiu: já que a maior energia está no terço inferior, construiriam pirâmides de tal forma que só até o terço inferior seria totalmente de pedra ou argamassa. Daí para cima os lados seriam de apenas lâminas de pedra, paredes laterais, que seriam feitas de placas não muito grandes. Essas placas seriam de areia, terra fundida com o uso do quinto raio. Tal como o nosso cimento que misturado com água se concretiza, eles misturavam terras e assim sempre faziam concretos, fundindo a argamassa com um campo energético do quinto raio, ficando a pedra assim com o nosso cimento ou, em alguns casos, como o mármore. Com aquelas pirâmides de paredes e ocas do primeiro terço para cima muita gente poderia estar ao mesmo tempo nos grandes salões.

Assim resolvidos, passaram a agir. Cortaram muitas toras de madeira

forte e as fizeram cúbicas. Nelas escreveram o máximo que puderam da ciência conhecida. Eram centenas de alongados cubos de madeira.

Um outro conjunto de apenas três cubos serviu como projeto das pirâmides que, já decididos, haveriam de construir. Eles sabiam que ainda poderiam, talvez, utilizarem-se do quinto, sexto e sétimo raios. Mair Sumé trouxera esta informação, pois secretamente ele havia feito experiências. Mas sabiam que já estavam rapidamente se esvaindo as energias dos setecentos Sá-Manás e em breve nada mais poderiam fazer dos procedimentos possíveis dentro da atmosfera antiga.

Depois de sete meses transportaram para as montanhas da Ásia, nas suas naves, aquela centena de cubos alongados de madeira e os guardaram nos porões das casas que, já a esse tempo, construiram quadradas e de pedra.

Comunicaram-se com alguns que eram amigos e aos poucos foram reunindo todas as máquinas dos raios num determinado lugar da Ásia. (Aquele continente ainda não tinha este nome; somente mais tarde com os descendentes que se intitulavam Asneir foi que assim foi nomeado).

Com os primeiros que apareceram para aquela difícil tarefa das construções houve diálogos como este:

— E o direcionamento das construções para captação do fogo invisível?

— Se as pirâmides são centros catalizadores de fogo cósmico, hão de agir assim, ainda que desalinhados das correntes. A energia ígnea será, é verdade, um tanto fraca mas terá que ser assim, pois o nosso planeta voltará ao alinhamento e ligação, por meio dos foguetes das nossas dirigentes.

— E se elas não tiverem êxito?

— Ainda assim, um dia ele haverá de alinhar-se em decorrência da própria natureza.

— Construiremos então direcionadas para os polos?

— Sim, à espera da futura arrumação de Lan-Tis, a qualquer tempo.

E começou a luta pela construção das pirâmides. Antes, do alto haviam fotografado todo o planeta e resolveram que a principal pirâmide seria erigida bem próximo da linha divisória de todas as terras do mundo, metade de cada lado, como um dado informativo oferecido à posteridade para que soubessem os filhos dos homens aquilo que os seus ancestrais faziam.

Para lá foram conduzidas todas as máquinas dos raios que, sob a orientação do Mair Sumé, haviam sido, todos eles, recondicionados, sem que as governantes soubessem disso.

E os milhares de homens postaram-se em dois círculos conscritos.

Depois levantavam as grandes pedras, que foram cortadas por meio de jatos de energia que atuavam como se fossem facas, e, levantados pelos raios combinados que eliminavam a gravidade, conduziam os grands blocos para onde quisessem, com grande facilidade. Acabadas as pedras das imediações, poderiam ter-se deslocado para ali outras de qualquer distância, porém não era de boa estratégia que se expusessem afastando-se dali. Assim modificaram o procedimento e passaram a usar areia e outras terras misturadas que havia ali mesmo. Levantavam aquela mistura de terra e areia em colunas como se estivessem canalizadas dentro de tubos de vidro, mas realmente a mistura circulava por canais de energia. As areias, que assim voavam, eram depositadas dentro de enormes caixas feitas de placas de areia também adrede solidificadas, mas não tanto que parecessem de vidro ou mármore; apenas semissolidificadas o suficiente para suportarem a terra que nelas era depositada. Depois, por meio de nova combinação do quinto com o sexto raios, solificavam toda aquela terra que absorvia as placas laterais e tornava-se uma grande pedra.

Assim estavam no trabalho rápido e contínuo quando tiveram um assalto guerreiro de mulheres, por determinação do Supremo Conselho. As esquadrilhas de centenas de naves aplicaram nos construtores uma carga de raios paralisantes que atingiram duas ou três dezenas deles que foram pegos de surpresa.

Reagiram rápidos no contraataque. Voltaram para as naves das guerreiras o quinto raio, (que também elas já usavam novamente), porém combinado com o sexto raio, por nova técnica criada sob a supervisão do Mair Sumé. Assim dirigiram as naves atacantes como quiseram e as atiraram para longe, metros, quilômetros.

Como as guerreiras pensassem que eles o faziam apenas com o uso do quinto raio, continuaram na luta, na esperança de, com novos ataques, conseguirem paralizar a todos num breve intervalo em que as máquinas deles não estivessem funcionando, tal como no primeiro ataque. Assim pensaram.

Mas definitivamente não haveria de ser assim.

Organizados como estavam em dois grandes círculos, um interno trabalhava na ciclópica obra enquanto que o externo protegia os construtores. Estes que defendiam os trabalhadores resolveram exterminar as mulheres guerreiras, pois não queriam de modo algum interromper a construção daquela pirâmide que julgavam ser um instrumento de salvação das mentes humanas. Num novo e maciço ataque das combatentes, eles, com o mesmo procedimento, dirigiram as naves atacantes para o chão e espatifaram todas matando as mulheres. Isto

durou dias. Mas enquanto o círculo de fora mantinha a defesa, os obreiros continuaram os trabalhos. Em cento e quarenta dias estava pronta a pirâmide a que hoje denominamos de Gizé ou Quéops. Mas queriam-na bem acabada e boa coletora de energia. Assim foi que praticamente fundiram areia em placas e transformaram em mármore. Com aquelas placas recobriram a obra. Estava pronta. E foram exatamente cento e quarenta e quatro dias de trabalho. Depois outros seguiram o exemplo e outras foram construídas por toda aquela região e em outras partes.

Aquelas outras pirâmides que eram de paredes maciças apenas até a altura de um terço do chão e dali para o alto eram de placas de mármore não se conservaram desse feitio até à atualidade. Com o passar dos tempos as placas foram se quebrando e sendo removidos até sobrarem as partes inferiores que foram denominadas mastabas, casas de meditação coletiva, porque dentro, embaixo, havia muitos compartimentos residenciais e um salão central coletivo.

E o tempo passou. Muitos anos. Com os casamentos formaram-se os casais de governantes e as mulheres aos poucos foram deixando seus maridos partilharem com elas os governos, depois passando de vez o poder aos homens. Mas então já não era governo do mundo; apenas de regiões, países, cidades.

À medida em que a civilização baixava de nível, mais e mais pessoas procuravam as pirâmides para ampliarem a mente. Foram construídas também, posteriormente, pirâmides com degraus externos para que maior número de pessoas pudessem receber a energia delas. É que se sentavam naqueles degraus e, assim, muitos e muitos usufruiam dos benefícios, embora não tão producentes quanto na parte interna, no terço delas, onde a confluência do fogo místico era concentrada. Também foram feitas daquelas semiocas; mesmo assim, com o decorrer dos anos já não eram suficientes para todos os que faziam romaria por lá. Isto porém foi com o passar dos séculos.

Até que um dia todos os governantes do mundo decretaram que a permanência dentro das pirâmides estava reservada somente àqueles que tivessem atividades nos palácios, como diziam, os FÁ RÁ Ô, aqueles que atuam relacionados às forças solares visíveis dentro de uma casa especial de dirigentes da nação. Assim era o significado da frase FÁ RÁ Ô, frase que depois se transformou em palavra redescoberta pela posteridade.

Foi aí que nasceram as sociedades secretas organizadas que com o tempo foram sumindo e com o tempo ressurgiram, milênios mais tarde, e trazem até os dias atuais um pouco daquele saber, pois já naquela

primeira fase, quando da proibição decretada pelo grupo dominante, elas instituiram-se aqui e ali, às ocultas, e foram aos poucos guardando apenas para si mesmas, para os seus adeptos, os conhecimentos maiores da alma, da mente e da cosmogonia, não deixando que os governantes partilhassem daquelas sapiências. Essas fraternidades, que tinham nomes diversos, algumas delas se autodenominavam Essoá ou Essein que para eles significava guardiães do saber e que foram aos poucos mantendo em círculo fechado, no seu grupo, os conhecimentos maiores, não permitindo extravasamento para o mundo profano.

Adormecidas durante aproximadamente quarenta ou cinqüenta mil anos, quando ressurgiram, sob orientação dos alienígenas e estudando os livros deixados desde priscas eras, foram aqueles conhecimentos entendidos em parte, mas muito mais continua velado nos símbolos e nos rituais. Então nesta última fase do ressurgimento, o poder se dividiu em material e espiritual. Os governantes já não eram maíres do Poder G'iodnous nem do Poder Iauá. Disso restavam lendas e até mesmo coisas incompreensíveis para o homem que vinha saindo da ignorância da chamada Idade da Pedra, embora acordadas as suas mentes e incutidos neles os ensinamentos pelos seus mestres de outras paragens do Universo que aqui aportaram em socorro dos seus protegidos, os seres humanos, ou mesmo dos seus descendentes mestiços.

Passaram os governantes a ter o Poder Administrativo das coisas materiais a que chamavam RÁ ACS, palavra que significava relacionados ao Sol visível ou às coisas produzidas e banhadas pelo Sol visível. A palavra RÁ ACS passou pelo sânscrito a ser Racs depois pelo Latim Rex e, em língua portuguesa, Rei.

Tão logo aquele povo, depois de Tífon e depois da recolocação do planeta na atual órbita, perdeu a energia do quinto raio que fazia flutuar os automóveis à flor da terra, alguns, e outros já com rodas, entre outras funções dos raios, os Iantisianos aplicaram rodas em todos os seus automóveis e usaram motores a gás líquido segundo o sistema de foguetes.

Os lunasianos que já no seu planeta de origem não se utilizavam de veículos de rodas deixaram logo de lado qualquer veículo e qualquer máquina de rodas, mesmo nas engrenagens interiores. Apenas conservaram máquinas que se baseassem em alavancas.

Os mureanos, acompanhando o pensamento dos lunasianos, passaram a não admitir o uso de rodas nem nos veículos nem em máquinas algumas. Também estes adotaram apenas máquinas do sistema de alavancas. Reagiram tanto contra as rodas que mantiveram guerras com os Iantisianos por causa disso. Aconteceu que os lunasianos

deslocaram-se todos para a parte sul do continente a que hoje chamamos África. Os lantisianos para o norte, Europa. Os mureanos antes mesmo do afundamento do seu continente Mure, ou dos Mureanos, haviam instituído leis proibindo veículos de rodas. As ruas do seu continente foram pavimentadas apenas para pedestres, mas colocaram, porisso mesmo, muitas bolotas de concreto no chão para impedir a circulação dos veículos dos lantisianos que, vez por outra, invadiam aquelas terras sempre com a intenção de impor-lhes aquele sistema de tráfego. Até guerras houve entre eles por causa disso. Depois do afundamento, os mureanos espalharam-se por muitas e muitas ilhas e pelo continente hoje denominado Ásia. Desde então os louros lantisianos não mais os perturbaram.

CAPÍTULO XXIV
DA HISTÓRIA ANTIGA

SUSPENSÃO VITAL E ASSASSINATO

Ainda havia muitos engenheiros, muitos técnicos, muitos sábios. Todos porém sabiam que a energia invisível circundante da Terra já se tornara vermelha e as dificuldades de integração mental iriam aos poucos dominando a humanidade, forçando a queda.

Em três locais do mundo faziam-se assembléias dos mais capazes: na Babilônia, na China e na América Central; isto para falarmos com os nomes como hoje são conhecidas.

Um edifício antigo, numa região das China, tinha a forma de heptágono e o grande salão central, recoberto de vidro. As sete partes tinham coberturas opacas e as luzes interiores as mantinham claras como um dia de sol.

Já que não mais teriam vida de mil anos, preocupavam-se com o futuro físico, concreto. A preocupação futurista, ao tempo da civilização azul, era apenas espiritual: como evoluir para alcançar outros mundos e outros páramos dentro das leis cósmicas. Passaram então nesses tempos a se preocupar com o viver amanhã, como ser dentro de alguns anos,

como viver e ser mais tarde, noutros tempos, noutra vida. E nasceu a preocupação futurista que, no decorrer dos séculos, tornou-se atávica na humanidade.

E uma centena deles resolveu meter-se em tubos de animação suspensa para serem acordados séculos adiante por quem quer que fosse. Arriscariam. Desse no que desse. Queriam estar presentes noutra civilização, mesmo que decaída ou decadente. Mas duas correntes do conhecimento, absorventismos e reencarnacionismo dividiam entre si as idéias, os debates e as providências: deixarem-se simplesmente morrer e esperarem pela reencarnação ou entrarem nas cabinas, nos tubos, e guardarem os corpos adormecidos para que alguém mais tarde os reanimasse.

Não entravam nos debates os existencialistas. Sorriam com sarcasmo enquanto ouviam as discussões. Simplesmente não acreditavam em outra vida nem queriam saber o que lhes acontecia depois da morte. Contudo alguns quiseram participar do processo de suspensão vital, para permanecerem até outros tempos e, depois sim, morrerem noutra civilização. Alguns absorventistas, muitos deles, começaram a tomar interesse no congelamento, ou melhor na animação suspensa que naquele tempo não era só pelo congelamento; mas um processo combinado. Colocavam uma peça entre as pernas das pessoas de tal modo que as pernas tivessem uma abertura de cento e oito graus. Depois, afora o congelamento e um gás, batiam num gongo de lindíssimo som suave cento e oito vezes enquanto diziam palavras de sugestão: "você dormirá por tempo indeterminado". Diziam isso a cada pancada no gongo.

Alguns pediram logo para entrarem nos tubos, na máquina. Aqueles que deixaram para se decidir tardiamente tiveram muita disputa pois as máquinas não eram suficientes, os tubos de hibernação não davam para todos. Conseguiram encontrar um processo de seleção. E ali adormeceram homens e mulheres das três raças.

A preocupação maior era, talvez, dos reencarnacionistas, pois naquele tempo podiam ser reconhecidos, segundo eles assim acreditavam e diziam aos outros, no tempo da civilização azul, acreditavam ou sabiam quem cada um havia sido antes de reencarnar e quem reecarnara na criança que acabasse de nascer. Ou logo após pela observação nos primeiros anos de vida. Doravante não mais teriam tal possibilidades e isto lhes dava ansiedade e medo.

Aconteceu que lá estava a equipe do Mair Sumé e Mair Iatá, todos os nove. Ianê foi reconhecido pelo seu inimigo Tudi, contudo Ianê não sabia que o sentimento de vingança e destruição dominasse aquele homem que

ele paralizara lá naquele dia para socorrer Dilê.

Enquanto todos se preocupavam com os preparativos, com os procedimentos para suspensão do processo vital, Iudi procurava um momento propício para atacar Ianê. Nesse meio tempo ouviram na rádio notícia transmitida pela equipe da América Central. Descobriram um procedimento de injetarem no khá u'a marca qualquer que apareceria noutra encarnação, na criança recém-nascida e serviria para cada um ser reconhecido na futura vida. E eles lá já estavam fazendo isso. O problema que julgavam insolúvel era que a própria pessoa não poderia saber que marca era aquela que tinha de nascença; era necessário que outros a reconhecessem e lhe informassem. Resolveram que marcariam todos os que quisessem e deixariam escritos em lâminas de ouro aquelas informações para a posteridade. A marca de cada um, os dados pessoais de cada um marcado. A equipe do Mair Sumé, deliberou viajar para lá.

Num dado instante, Ianê acompanhado de Dilê, expôs-se e ia ser atacado para ser destruído. Quando Yudi apontou-lhe a arma Crestõ, companheiro de Yudi, gritou: — Não faça isso! — E correu para impedir. Yudi vendo a rápida aproximação de Crestõ e olhando um tanto assustado, desviou a pontaria e atingiu Dilê. A jovem, de repente, foi transformada num pequeno monte de cinza. Os presentes, estupefatos, olhavam para a cinza e para o matador. Estarrecidos, sem nada dizer e até mesmo sem entender que estavam diante do primeiro assassinato.

Ianê, simplesmente olhava para as cinzas da sua Dilê muito querida olhava e olhava; sentou-se ali ao lado, em silêncio, e só depois de algum tempo foi que as lágrimas lhe escorreram pelas faces e ele ficou por muito tempo mergulhado na sua dor, profunda, agoniante que lhe apertava e tremia o coração.

Iudi evadira-se. Crestõ seguiu-lhe os passos. Bem mais tarde, na calada da noite, voltaram e tomaram lugares nos tubos e se fizeram também inanimados estes dois, Iudi e Crestõ, juntos com os outros setenta, pois retiraram dois dos setenta e dois e se substituiram naqueles lugares.

Nos tubos estavam também todos da equipe do Mair Sumé e Mair latá que haviam ido ao México marcarem-se para a reencarnação, mas voltaram para participarem, ainda assim, dos tubos de suspensão vital. Crestõ e Iudi não souberam deles, não os viram nem estes foram removidos. Assim estavam muito próximos Ianê, a vítima, e Iudi o vingativo. E ali ficaram por milhares de anos depois.

CAPÍTULO XXV
DA HISTÓRIA ANTIGA

UM BILHETE DEIXADO PELO MAIR IAGÃ ENDEREÇADO AO DR. ANTÉRIO

"Caro amigo Dr. Antério:

"Dias depois da passagem de Tífon, apareceram algumas naves e delas desceram seres muito estranhos. Uns verdes de cabeça mais ou menos triangular isto é, com a testa maior e o mento pequeno; outros com fisionomia parecida, muito parecida mesmo, com os humanos, porém eles eram transparentes como o vidro. As roupas também eram transparentes como vidro mole. Assim eram as vestimentas de ambas as espécies, só que os corpos dos verdes não eram transparentes.

"Vieram em viagem de reconhecimento. Disserem que eram habitantes do planeta verde, aquele antigo cometa Tífon. Eles, ambos habitantes daquele mesmo astro ao tempo em que era cometa, tinham a missão de guardiães de alguns planetas do nosso sistema solar, inclusive Lan-Tis. Depois que tiveram o seu mundo transformado em planeta, o Planeta Verde (para nós Vênus), seriam apenas guardiães deste nosso, mas ainda assim dividiriam com outros também protetores, os Kumara, de outro astro.

"Informaram, para consolo nosso, que depois de setenta Sá-Manás, estaríamos de novo próximo da civilização azul e um deles viria governar o nosso mundo. Teriam contudo que se entender com os kumara e outros sentinelas zeladores da Terra (Lan-Tis). O projeto dos Mestres era que viesse um deles, homens de cristal. Naquele tempo, pelas razões de se ter dado o desastre, precisariam revesar-se com os Kumara: viriam um Sanat-Kumara e três Kumara assessores. Não sabiam informar se primeiro eles ou os Kumara; isso deveriam deliberar em conjunto. O homem de cristal, o Mestre transparente, disse chamar-se Maitréia. O mestre verde, todo verde, apenas as roupas transparentes, rosto verde e corpo e tudo o mais da mesma cor, informou que o seu nome era Metraton.

"Depois de darem estas informações partiram. Alguém escreveu estes dados em lâminas de ouro que ficaram por aí...

—.—.—.—.—.—.—.—.—.—.—.—.—.—.—

"O Reino de Agarta está distribuído em três substerrâneos. O principal núcleo é Xambalá. Já chegou um dos Mestres de Cristal, o Senhor de Maitréia, a que os homens estão denominando Senhor do Mundo, vindo de Vênus. Lá está em observação e preparação, isto é, lá em Xambalá, estudando os aspectos da nossa civilização. Está sempre em contato com Sanat-Kumara e ainda decidirão se o Senhor de Maitréia virá à superfície antes ou se aportará primeiro por aqui Sanat-Kumara com os seus três assessores. Virão muito brevemente.

"Amigo Dr. Antério: Use destas informações como lhe aprouver.

"Mair Iagã."

CAPÍTULO XXVI
DA HISTÓRIA ANTIGA

RESUMO DE COMO ERAM OS CONTINENTES E COMO SE TRANSFORMARAM

Naquele tempo, antes de Tífon, quando havia um só grande continente ao norte, aquelas partes atualmente denominadas América, Europa, Ásia, África que anteriormente constituiam um grande continente único no hemisfério norte. Naquele tempo o continente Mure ou dos Mureanos existia ao sul da parte hoje chamada África e o seu monte mais alto era denominado Moá que ao se afundarem as terras ficou de fora apenas esta parte mais alta hoje denominada Ilha da Páscoa, e outras pequenas ilhas.

Ao sul no hemisfério ocidental estava o continente At-Lantis. Só depois da entrada de Tífon foi que aconteceu a separação daquele grande continente e se constituiram as partes América-Euro-Ásia-África. Estas partes ao se separarem, deslisaram para o hemisfério sul, e afundou-se o At-Lantis e também afundou-se o Mureano. Do At-Lantis nada restou de fora. O continente Australiano emergiu das profundezas das águas naquela ocasião. No interior do continente Americano do

Sul criou-se um grande mar que se comunicava com o Oceano Pacífico.

Com outros movimentos de ajustamento da crosta, não só por ocasião do transporte da Terra para a atual órbita, mas também por outros movimentos, mais tarde, foi que se levantou a costa ocidental e surgiu a Cordilheira dos Andes e esvasiou-se o mar interior, dando origem à Amazônia.

Naquele tempo a massa terrestre abaixo da crosta o magma era mole. Não se sabe se isto era natural ou se foi em decorrência do uso das máquinas dos raios. Atualmente não se pode saber se continua mole, pois o que os homens julgam ser ciência não experimentada pode ser restos lendários dos fatos de antanho.

CAPÍTULO XXVII
DA HISTÓRIA ANTIGA

ACASALAMENTO COM OS MOCMACS

Mitologicamente falando o deus Cronos marcava o defluir dos milênios. Vinte mil anos se passaram e a raça humana havia chegado ao fundo do poço.

Ao invés de aumentar em número, eram bem menos do que a população que restara da segunda hecatombe.

Todos aqueles fatos, todos aqueles acontecimentos e quase toda a ciência conhecida haviam sido postos em escrita, em lâminas de ouro, nas pedras, até mesmo em madeira. Muitas convulsões ocorreram na crosta terrestre. Quebradas de terreno com forte escorrer de lavas guardavam árvores e animais que se fossilizaram ao calor e com invólucros de lavas que, ressecando, os guardavam petrificados para a posteridade ver.

Ferviam rochas que se transformavam em mármores.

E nesse andar demorado e acidentado dos tempos, o homem tornou-se individualista, embrutecido, caçador, vingativo, guerreiro.

Andavam sujos, barbudos, animalizados. Era a Idade da Pedra.

E foram diminuindo de tamanho.

Também os animais tornaram-se menores de geração em geração.

Enquanto o tempo passava foram acontecendo coisas. Levantou-se o continente americano e do lado ocidental levantou-se mais e aí se fez a Cordilheira dos Andes. O Mar Amazônico secou.

Caiu uma das luas, pedaço que era do extinto Mure e com enorme impacto formou a montanha do Himaldia pois o continente baixou e voltou. Daí levantou o terreno na região do Saara que um dia teve vegetação, mais tarde foi mar e depois tornou-se deserto. O segundo grande cascalho de Mure que por muitos anos foi também uma terceira lua, esfarelou-se ao entrar na atmosfera e passou a ser pequenas montanhas na Europa.

E os seres humanos, embrutecidos, bem no rês-do-chão da inteligência hominal, chegou ao ponto de se acasalar também com os mocmacs. Tão brutos eram nestes tempos os homens que os seus genes puderam combinar-se com os dos mocmacs e nasceram filhos híbridos, mestiços a que hoje chamamos de macacos. Uma coisa se acentuou: a separação racial. Por viverem isolados os louros em certas regiões, os negros noutras e os pardos esparramados por aí; ou ainda por alguma recôndita lembrança atávica, praticaram os casamentos endogâmicos, por muito tempo assim sem coabitar com pessoa de raça diferente.

Até mesmo quando havia cruzamento com os mocmacs, os homens louros preferiam as mocmacs barrosas, já os pretos e pardos uniam-se às mocmacs pretas. Até mesmo algumas mulheres, por imitação, procuravam praticar sexo com machos mocmacs. Dos cruzamentos entre humanos e mocmacs surgiu a variedade de macacos que depois cruzaram-se entre si e mais ainda se diversificou a espécie símia.

Somente com o decorrer dos anos foi que cessaram os acasalamentos entre humanos e mocmacs. Nunca souberam por que lei biológica foram extintos aqueles animais.

A este tempo quando apareceram os símios, descendentes híbridos do ser humano com os mocmacs, a espécie hominal chegou a tão reduzido número que quase se extinguiu.

Mas apareceram os seres originários de outros planetas. Vieram e socorreram. Nunca se soube se eram deste sistema solar ou não.

Vieram e ajudaram. Houve porém muitas guerras.

CAPÍTULO XXVIII
DA HISTÓRIA ANTIGA

OS ALIENÍGENAS ENCONTRAM OS TUBOS COM OS ANTIGOS TERRÁQUEOS EM ANIMAÇÃO SUSPENSA. E AS PRIMEIRAS GUERRAS

As raças humanas haviam decaído até o fundo do talvegue da involução. As antigas sociedades secretas que buscavam as pirâmides desapareceram. Ficaram registos que nesses outros tempos ninguém sabia o que eram nem mesmo tinham a preocupação de saber. Caçavam, comiam, reproduziam-se, perambulavam e matavam-se em lutas ferozes entre grupos rivais.

Enxames de naves alienígenas certa feita invadiram a Terra, faz aproximadamente dez mil anos. Havia diversos tipos de naves. Umas enormes que ficavam nas alturas e de onde saíam outras pequenas em forma de disco e algumas também esféricas ou ovais que voavam pelas correntes de energia que havia por toda a Terra e que eles conheciam bem. Doutras grandes naves saíam algumas de dois formatos; umas tinham tripés de metal para pouso e não tinham velocidade de movimento, mas das outras grandes também saíam outra menores de alta velocidade

e de diversos formatos: discos, ovoides e até algumas em forma de gota dágua. Eram, contundo, de duas origens. Uns alienígenas vinham com intenção de dominar o planeta e colonizá-lo. Estes eram os uést-hás. Tinham os pés como de bodes, mas andavam eretos e o rosto era semelhante a uma cara de leão de juba curta.

Já os que vinham para proteger os terráqueos eram homens ou mulheres de dois metros de altura, humanos mesmo, e se denominavam tzieos.

E os combates se sucederam fulminantes. Emitiam raios luminosos que, ao atingirem as naves adversárias, as destruiam no ar, quase sempre. Raramente pegavam de raspão e então elas caíam por terra, espatifando-se. Os terráqueos olhavam assustados mas não sabiam de onde os guerreiros apareciam. Estes combates ocorriam em todo o mundo. E a guerra durou anos. Às vezes passavam-se meses sem luta. Nenhuma nave no céu. De repente surgiam elas e as batalhas recomeçavam duras, mortíferas.

Certa feita apareceram umas poucas esparsas, daquelas de tripé, sem muita velocidade. Lentas, pousaram aqui e ali em diversos lugares do mundo. Ocultaram-se com as suas naves nas florestas, depois sairam por aí tentando fazer amizades com os habitantes da Terra, sem que os humanos soubessem com que intenção. Os terráqueos temiam os invasores e fugiam ou se ocultavam. Os uést-hás ofereciam presentes, como comida, frutas, bugigangas, até conseguirem conviver com os habitantes da Terra nas campinas e nas cavernas.

Também vieram tzieos, em pequenos grupos, e desciam das suas naves com vestes brilhantes e faziam gestos e emitiam mensagens telepáticas e também conviviam com os terráqueos.

Informados de que por todo o mundo estavam também os tzieos, agora convivendo com os homens, os uést-hás foram embora para o seu mundo. O número de tzieos era agora de centenas e habitando em diversas partes do mundo, aprendiam algumas línguas da Terra. Depois de algum tempo, eles casaram-se com mulheres daqui e com elas tiveram filhos inteligentes.

Instalaram muitos laboratórios e oficinas. Nos laboratórios de biologia desenvolveram a inteligência das pessoas da Terra. No duplo energético dos genes de alguns humanos havia ainda os nódulos energéticos de dispersão. E, coisa estranha, os alienígenas não fizeram a cura disso. Até hoje o problema persiste.

Construiram naves movidas a combustível e ensinaram os homens a pilotar, porém não eram naves da tecnologia avançada de lá do planeta de origem. Eles descobriram os escritos e os esquemas das naves

impulsionadas por combustíveis que não sabemos o que era, pois sempre os antigos escritos têm sido traduzido como mercúrio. E como seria mercúrio propulsor de veículos aéreos?

Um dia os alienígenas, depois de explorarem o planeta por alguns anos, encontraram muitos tubos com gente dentro, pessoas de quatro metros de altura, algumas, outras menores. Encontraram na Babilônia e no México; não na China.

Os que foram encontrados todos foram despertados para a vida.

E souberam o que nestes tempos, acontecia: os terrestres que nestes tempos formavam a população do planeta voltavam aos poucos a ter inteligência e avançavam lentos para a civilização. Eram menores em tamanho, agora com dois metros apenas.

Os antigos, despertados dos tubos, nunca entenderam a ausência dos mocmacs e a existência, então, da variada espécie de símios, até que isto lhes foi explicado pelos tzieos, extraterrestres.

A primeira fala de Ir Sis que lá estava naqueles tubos do México foi:

— Agora eu matarei latá, tão logo eu o encontre.

Isto os fez pensar que ela era louca e nesta condição de doente é que foi tratada. Até que noutro dia disseram isto ao Mair latá? que fora reanimado lá na Babilônia. Mair latá, ao saber que Ir Sis fora reanimada e que tinha aquele propósito, contou aos alienígenas as circunstâncias do antigo amor frustrado e a ameaça de vingança. Pediu ajuda a eles para evitar aquele confronto.

Bem no sul do continente americano, local hoje chamado Brasil, já havia grupos de pardos, mureanos de antanho, convivendo com alienígenas.

Já estavam de novo de volta à vida despertas as duas esposas de latá. Foram adaptados os instrumentos de uma navedaquelas de combustível fabricadas na Terra, e com ela latá foi presenteado. Os extraterrestres conduziram latá e suas duas esposas Iami e Uerõ para o Brasil onde foram entregues ao convívio daqueles descendentes da raça de mureanos.

Ir Sis ainda no México percebeu que os seres do outro planeta a consideravam doente mental e fingiu acalmar-se. Pediu que fosse levada para o Planalto de Nasca, nos Andes da América do Sul onde se encontravam as fábricas de naves; queria trabalhar lá. Foi atendida. Naquelas fábricas, contudo não desempenhava bem as suas funções, sempre casmurra, falando baixinho e quebrando coisas. Um dia foi vista exercitando a sua arma de destruição e dizendo impropérios contra latá, falando sozinha.

Então vieram alguns tzieos e a colocaram dentro de u'a máquina Injetaram-lhe determinada energia e depois a adormeceram e incutiram-

-lhe diversas mensagens no subconsciente e a trataram assim três vezes, em três dias consecutivos. Sarou. Passou então a ser u'a mulher sorridente e agradável. Falava de latá e de suas sobrinhas com naturalidade como se aquele procedimento deles tivesse sido correto e bom.

Junto aos alienígenas ela era uma gigante, mas uma grande boneca de extremada beleza. Duas ou três viagens ao México e à Babilônia, sempre acompanhando um piloto tzieos, ambos relacionaram-se bem em amizade que evoluiu para amor e formaram um estranho par: ele moreno, ela loura; ele de dois metros, ela com o dobro da altura dele. Mas eram felizes, amigos e amantes, de felicidade calma e duradoura.

Mair latá e suas esposas Uerõ e Iami afeiçoram-se ao grupo do Brasil e, sempre felizes, eram três gigantes respeitados e amados. E assim por muito tempo os dias decorreram calmos e gostosos na selva brasileira.

Mas lá na Babilônia, não estava só o Mair latá naqueles tubos de suspensão vital; toda aquela antiga equipe hibernava naqueles setenta e dois tubos. Mair Sumé, não durou muito despertado; o bom e sábio velho viveu apenas dois ou três anos e morreu. Mair Apolumes, feliz com os novos tempos, juntou-se aos alienígenas e vivia por lá, forte e lampeiro . como excelente piloto grandalhão. Foram também acordados Ianê, Iatin e Itulin. Também, coisa estranha, daqueles tubos foram trazidos à animação os dois companheiros Iudi e Crestõ. Iudi despertou furioso ainda com o seu antigo propósito de matar Ianê. Tão logo reconheceu Ianê entre os seus contemporâneos gigantes ali depertados, sacou da sua arma que conservava consigo e quis atingir o seu antigo desafeto. O seu gesto nervoso e um grito de Crestõ alertaram os tzieos e, antes de ele usar a sua arma, um jato de energia emitida por um instrumento alienígena o deixou paralisado.

Informados do que ocorrera naqueles tempos remotos, os tzieos levaram o vingativo para um ponto qualquer da atual Europa para tratamento, pois consideravam doente. Crestõ acompanhou o seu amigo.

Antes do tratamento, numa noite qualquer, Iudi esgueirou-se pelos corredores do edifício e fugiu. Nunca mais se soube dele. Crestõ ficou por lá participando das atividades. Era um gigante bondoso, companheiro do Mair Apolumes, ambos viveram por muitos anos em andanças por todo o mundo contentíssimos com a nova etapa de vida, haurindo o sopro da vida que voltara e gargalhando como duas crianças livres que não podiam deixar fugir cada novo minuto.

De todos os outros daquele grupo retirados dos tubos, de lá da Babilônia, gigantes geniais, homens e mulheres, que eram pretos,

pardos e louros, foi feita distribuição por diversas partes do mundo. Dois casais mureanos foram para algum lugar da Ásia. Ianê, latin e Itulin e mais u'a mulher que se uniu a Ianê como sua segunda esposa, ficaram por lá mesmo, na Babilônia, e participavam com os mestres tzieos dos estudos ka-hunas. Com o passar dos anos restou a lenda do deus ka-huna Ianê, também chamado Eanê ou Eanes. Como se fosse um ser de outro mundo, um deus, vindo de outro planeta. E a lenda se refere ainda aos seus trajes como vestido de escama de peixe, escamas brilhantes, um deus-peixe.

Dois casais foram para o Planalto de Nasca que naqueles tempos era um centro de fabricação de naves terrestres e, por assim dizer, o aeroporto central do mundo. Desses casais originou-se a lenda de Orejona e do Inca, o Deus-Sol.

Outros dois casais louros, liderados por Mair Ainiê, foram enviados para conviver com os descendentes dos mureanos em uma ilha da Ásia, atual Japão.

Ir Sis, que agora vivia feliz amasiada com um piloto tzieos, foi fixar residência em algum ponto da Ásia, de onde sempre viajava pelo mundo mas para onde sempre voltava. E por lá viveu com gostosa felicidade até o resto dos seus dias.

Aqueles que eram dos antigos impregnados pelos grãos de energia de dispersão e adotavam a filosofia religiosa de G'iodeús constituiram-se em doze casais e foram para as proximidades do Mar Vermelho e Mar Mediterrâneo, ao sul da Europa, na região denominada Hebir. Inicialmente retiraram a pele do pênis para praticarem menos sexo a fim de não se reproduzirem, todavia isso não conseguiram ou desistiram de tentar e tiveram descendentes por lá.

CAPÍTULO XXIX
DOS DIAS ATUAIS

MAIR IAGÃ VISITA MAIS UMA VEZ O GRUPO

Desta vez aconteceu numa tarde de sol. Sob uma frondosa árvore, os cinco companheiros pesquisadores conversavam, uns sentados outros deitados na grama, comiam pedaços de melancia entre uma fala e outra.

O Sol não estava morno, mas quente, de mormaço, quentíssimo. — A luz clara, brilhante, claríssima de ofuscar a visão e doer os olhos, banhava a campina ao longe dando um colorido verde amarelado com manchas ocres cores de capim seco e pontilhava aqui e ali com verde escuro de sombras de árvores e pedras.

Passos lentos, olhando em frente, vinha pelo prado, não tão distante, uma pessoa. Mais próximo, deu para se perceber que usava uma dalmática. Era um subterrâneo. Quem primeiro o reconheceu foi Aline que falou alto com alegria:

— É o Iagã!

Em vez de olharem para o homem que lá vinha, todos se voltaram para Aline. No momento, não atinaram o porquê da expressão Iagã e

não Mair Iagã como era de se esperar o tratamento respeitoso.

Agora puderam observar que ela se encabulou, o sangue por debaixo da epiderme coloriu-lhe as faces. Ela sorriu sem graça pela confissão tácita que acabava de fazer: amava Iagã.

Ele chegou, cumprimentou a todos juntando a mão no peito e curvando a cabeça. Olhou mais fixamente Aline e sentou-se na relva.

Começou o bombardeio de perguntas:

— Por que razão os extraterrestres levaram os mocmacs e destruiram os demais que ficariam aqui?

— Para que não houvesse mais acasalamento nem mestiçagem com os humanos, pois era contra as leis biológicas e prejudicava a evolução.

— Como poderia aquele som como de enorme sirene, iaou, fazer perderem os mantras e as palavras sagradas, se havia ainda vivos muitos sábios saudáveis e inteligentes?

— Só tenho a explicação que nos deixaram nos escritos mais recentes. Dizem os escritos que todos ficaram surdos por algum tempo e traumatizados. A grande maioria não se interessou mais em poder mental e evolução. Ademais os escritos dizem que o novo som artificial produzido pelas máquinas dos extraterrestres, sendo do mesmo padrão, suscitaria a lembrança atávica que eles guardavam na alma da raça e aceitariam de novo aqueles procedimentos que lhes foi depois ensinado. E de fato aceitaram.

Agora, antes que vocês me façam mais perguntas, desejo saber se cada um descobriu o que deseja nesta vida, isto é, tarefa, papel social, profissão.

O primeiro a dizer foi o Dr. Antério:

— Eu quero ser escritor.

Mair Iagã olhou a um e outro, esperando novas manifestações.

Ouviu-se a fala do Prof. Sufiáti:

— Eu, continue ou não no Magistério, desejo viver muito tempo, sem dificuldades financeiras, com saúde e felicidade.

Foi a vez do jovem Jubal:

— Taí; eu vou ser muito doidão e aventureiro. Quero ter u'a moto possante e muita grana pra torrar. E o que eu quero mesmo é dançar muita música de embalo fervente, nas discotecas e correr a duzentos por hora na minha moto.

— E você, Paula, inquiriu o Mair:

— O meu sonho é ser amada por ele, ter saúde e ser feliz.

Por fim Aline disse:

— Eu quero ser uma escultora, genial, famosa.

Desta fala de Aline, perceberam uma ligeira sombra de tristeza ou frustração no semblante do Mair Iagã.

— Pois vamos ao trabalho. Começamos neste momento a plantar em cada um de vocês a semente das futuras realizações.

Dentro de casa, uma entrevista pessoal com cada um, sempre individualmente. Foi assim durante mais de uma hora:

— Quanto você julga que merece e quanto você se sente culpado?

— Quanto e como e com quê você se propõe a pagar, compensar aquilo que busca receber?

— Isto que você pretende é só para você ou beneficia de algum modo mais alguém?

Depois de corrigir os maus julgamentos, Mair Iagã aconselhou a todos eles:

a) Agir como se já fosse e já tivesse aquilo que pretende.

b) Não ser crítico sarcástico, queixoso, lamuriento, mas sim tolerante e confiante nas leis cósmicas.

c) Persistir no propósito.

d) Construir sempre, a cada dia, um quadro mental como se já estivesse agindo e usufruindo os objetos e atuações pretendidas.

e) Pagar sempre, com estudos, com sacrifício e com dinheiro.

f) Relacionar-se com pessoas do mesmo ideal e com ela fazer egrégora.

Depois ensinou a cada um a fazer o quadro mental e o fez também junto com eles, sempre um e ele, assim em duplas.

No final fazia a cada um uma promessa:

— Você será o que pretende, se for sincero no que deseja (seja pois sincero), se merecer (faça, pois, o seu mérito), se pagar (pague, então como puder). E lembre-se: o seu papel social, o seu trabalho deverá beneficiar alguém, pois o seu bem individual está relacionado no bem comum.

Disse, depois, ao jovem Jubal:

— Você ainda está fora do caminho; não sabe o que quer.

— Ora, eu quero ser feliz.

— No ser humano a felicidade não é pura, abstrata, isolada em si mesma. A felicidade só existe emanada de um objetivo de realizações que é a sua base, o seu instrumento de manifestação.

E calou-se.

Recolheu-se a um quarto da casa por lá se demorou pouco mais de meia hora. Ao sair, trouxe quatro pequenas placas de prata em que havia, gravados, hexagramas do I Ching chinês. Não viram os instrumentos de trabalho mas os hexagramas foram gravados em rebaixo

nas lâminas de prata, pintados de preto os vínculos.

Ao vir para esta sala onde todos o aguardavam, deu uma placa a cada um com os hexagramas individualizados. Jubal não ganhou e reclamou: Ele explicou:

— Você ainda não sabe o que quer. Quando definir-se haverá de possuir o seu.

Depois deu aula a todos, assim:

Se vocês persistirem nos exercícios que lhes ensinei e tiverem fé, poderão saber fatos do passado, presente ou futuro. Farão deste modo:

Deixem um cômodo da casa na penumbra. Permaneçam sós. Libertem-se das tensões, relaxem-se sentados olhando para uma porta que lhes fique em frente. Porta fechada. Olhem fixamente para o seu hexagrama aproximadamente meio minuto. Em seguida formulem bem definida a questão, a consulta, a pergunta que desejam. Olhem o hexagrama mais um tempo aproximadamente igual ao anterior. Quando estiverem com o seu desenho fixo na retina, olhem a porta em frente e vejam o desenho, o hexagrama naquela porta. E continuem com a pergunta no pensamento. Então mentalmente abram a porta e aí surgirá o quadro do fato que será a sua resposta. Nas primeiras vezes, a resposta vem apenas intuitiva, sem o cenário. Saibam receber e reconhecer a intuição. Com o tempo, mais tarde, noutras questões, virá um cenário visual.

Depois ensinou o uso de pêndulo e da escrita automática. Explicou que o subconsciente e o inconsciente do ser humano estão ligados ao inconsciente coletivo e lá no íntimo todos estão relacionados com todas as coisas e pessoas do seu país.

É do íntimo que vem a resposta, pois o seu interior sabe. É preciso praticar muito.

Fazendo aquele gesto de costume, despediu-se e se foi.

CAPÍTULO XXX
DA HISTÓRIA ANTIGA

A LUZ MÍSTICA DA EVOLUÇÃO

Pela cronologia dos nossos tempos, aconteceram há quatro mil anos a.C. os últimos grandes fatos históricos, portanto há quase seis mil anos dos dias atuais. Fazia já quase quatro mil anos que houvera a primeira guerra entre os uést-hás e os tzieos. E eles tinham ido embora deixando aqui os seus descendentes miscigenados, filhos das mulheres da Terra. Os fatos foram se tornando lendas.

O homem recomeçara a subida na escala da evolução. E outra vez chegaram aqui os extraterrestres. Faz atualmente seis mil anos. Mais uma vez os uést-hás vieram para invadir a Terra e os tzieos para proteger-nos.

E as guerras entre eles aconteceram mais uma vez. Agora a raça humana não tinha naves, pois não souberam nem puderam conservá-las. Nada restava a não ser as pirâmides e as grandes construções e monumentos. Era reduzido o número de pessoas para manter a tecnologia. Ampliara-se um pouco, é verdade, a inteligência humana com os procedimentos anteriores, na primeira estada dos tzieos aqui

entre nós. Todavia só poderiam ser pensadores morais e sociais, não mecânicos nem bons construtores, digamos eram filósofos. As grandes construções já eram inexlicáveis lendárias.

Os extraterrestres viram que o mundo se modificara. Secara o Mar Amazônico e já haviam também secado os mares onde já tinha existido árvores Saara e de Góbi que depois tinham sido desertos já conhecidos por eles. Mares antes, desertos depois, continuvam desertos. Não renasceram as plantas. A Amazônia tornara-se em luxuriante vegetação, sem ter sido deserto. As duas luas formadas com os pedaços de Mure não mais existiam, haviam caído; só restava o antigo pequeno planeta Lun-Ná que agora era o nosso satélite: Lua. As maiores concentrações de população estavam na Babilônia e na China.

Ou porque morreram ou porque houve muita mestiçagem desapareceram os gigantes louros, descendestes do Mair latá e suas lindíssimas esposas, no Brasil. Restara a lenda. Referiam-se a ele como Mairetá, o Civilizador Branco. E pouco sabiam. Houve também miscigenação de raças no norte das Américas, mas não deu raça branca; apenas a estrutura facial tornou-se mais angulosa do que os antigos mureanos, porque houvera influência da raça negra, lunasiana. Contudo no antigo continente mureano que se afundara, restaram, nas ilhas que haviam sido altas montanhas, em algumas delas, uma raça branca. Não em todas. Em outras permaneceram de raça pura os antigos mureanos que diminuiram de estatura e nós os denominamos, atualmente, amarelos ou mongóis.

Em toda a região norte da África, sul da Europa, Mar Egeu e margens orientais do Mar Mediterrâneo, estavam os uést-hás dominando. Haviam invadido aquela região e dominado os terráqueos. Não conseguiram acasalar-se com os habitantes da Terra, pois não dava cruzamento para descendência. Eram semelhantes a bodes que andassem em pé, com cara de leão de pequena juba. Mas influenciaram de tal maneira os terrestres que estes já os tinham na conta de salvadores e em alguns caso até os próprios terráqueos matavam os humanos que eles soubessem ser descendentes dos tzieos. Surgiram os chamados holocaustos ritualísticos.

Mas as estruturas sociais do mundo ruíram, já que os uést-hás impunham novos procedimentos. E a depravação foi geral. As cidades de Sodoma e Gomorra recebiam tudo dos uést-hás, sem esforço, sem estudo, sem trabalho. E aí a prática sexual e a bebida e os afrodisíacos produziram o caos. Os uést-hás divertiam-se com isso. E conviviam ali entre aqueles desregrados habitantes.

Não levantavam as suas naves dali para guerrear, consideravam-se seguros naquele local e defendiam-se apenas por terra. Então os tzieos resolveram destruir as duas cidades. Como só haviam trazido armas de combates individuais ou contra naves, construiram aqui no planeta as bombas atômicas. Nas duas cidades havia seres humanos que ainda esperavam os tzieos e gostavam. E a nossa história ainda faz referência a Lot e sua mulher e uma jovem, tida como meretriz, entre milhares delas e que se chegava Raab, como se as outras não fossem.

Na calada da noite alguns tzieos conseguiram ir até lá e avisar os seus amigos, seus seguidores. Iriam destruir as cidades; que os amigos se retirassem de lá. E, depois, despejaram bombas atômicas que reduziram a pó as casas e toda a população indiscriminadamente.

Assim os tzieos venceram a guerra mais uma vez e por uns tempos moraram conosco. Para agradá-los, os homens faziam sacrifício de animais que fossem mais semelhantes aos uést-hás.

Os extraterrestres nossos protetores precisavam ainda injetar nova abertura de inteligência nos humanos em maior escala para que não fossem apenas uns poucos os sábios, mas toda a coletividade. E o processo foi diferente e insólito mesmo, desta vez. Instalaram um triângulo de sofisticada aparelhagem, cada conjunto de máquina em um ponto distante. Novamente postas nas regiões escolhidas pelos antigos maíres. Um núcleo no México, outro na China e um terceiro na Babilônia, colônia de sábios.

Ligadas as suas máquinas, uma vibração sutil fez um campo eletromagnético envolvendo tudo, todo o planeta. E aquele fenômeno de som de sirene repetiu-se. Era menos forte, mas semelhante àquele que se produziu quando Tífon se aproximara, Iiiiiiaaaaooooouuuu.... Não ficou assim, porém, só no som: a vibração foi se transformando em luz azul clara, azul lavanda; o mundo foi todo iluminado, por toda a atmosfera e toda a superfície da Terra, luz difusa, homogênea e lindíssima, tudo claro.

Depois apagou-se a luz, e o som foi se acalmando, diminuindo, cessando, sumiu.

No segundo dia, tudo outra vez.

Já no terceiro dia, depois de a luz envolver todo o mundo, vieram mensagens juntamente com todo o som e luz, mensagens que impregnaram o subconsciente de cada ser humano e eram individualizadas:

"Eu sei associar idéias. Eu tenho a força mental de adonirã. Eu sei e posso pensar amplamente e bem".

Em seguida vinham duas palavras de poder, palavras sagradas, cada

uma trissílaba; a primeira para desfazer ondas ruins. Esta com o passar dos tempos evoluiu, no mundo profano, como sendo o nome Jesus. Os maçons ainda conservam quase na forma original e a chamam de aclamação, nos primeiros graus ritualísticos. A outra palavra que se destinava a construir boas energias e realizar o pensamento, também ficou conhecida pelos profanos com o nome de um deus Mithra, mas a pronúncia era outra, e era trissílaba também.

Os extraterrestres denominavam zohar a todo esse procedimento. A palavra zohar tinha a acepção de claridade, luminosidade. Eles explicaram que não era apenas claridade comum, de luz solar ou elétrica, mas de uma luz muito especial que, unida àquele som, atingia a mente. Era, pois, uma claridade que tocava a vibração interior. Zohar era, pois, iluminação interior.

Depois desse procedimento, os alienígenas, encontrando aqui e ali os escritos antigos, traduziram, explicaram, ensinaram. Ensinaram líderes que passaram de novo a ser mistas, desta vez mensageiros entre os tzieos e os terráqueos. Fizeram os homens daqueles dias saberem que, no tempo da civilização azul, de quase já então setenta mil anos passados, tinham diversas palavras para a saúde e desenvolvimento mental, os mantras, e também aquelas duas palavras de poder que desta vez haviam emitido no ar juntamente com a luz e o som, (Mas aquelas palavras que foram ensinadas nas sílabas originais e na fonética dos tempos de antanho não chegaram, sem deturpação, ao mundo profano dos dias atuais).

Explicaram também que o trauma causado pelo som iaou, produzido pelo contato entre Lan-Tis e Tífon, naquele antigo cataclisma, fizera com que a raça humana perdesse aquelas duas palavras sagradas e todos os mantras. Tudo então foi-lhes ensinado outra vez. Instituiram escolas iniciáticas, de estudos místicos, na China, no México e na Babilônia. Chamaram de ka-huna ao conjunto das ciências, visto que a palavra k'há significava (e ainda significa) o duplo do ser humano e das coisas; huna tinha (e tem) o sentido de invisível. Sabemos que, séculos mais tarde, os ameríndios praticavam esta ciência e a palavra huna foi traduzida para o Português com a acepção de preto, cor preta. Ainda a taba dos indígenas conservavam a distribuição como a estrutura da mastaba com as suas ocas, antigas locas, e ocara, antigos loc-aras, área de meditação coletiva.

Quando os tzieos partiram, os mistas continuaram sua obra de praticar e ensinar, ocultamente, a grupos fechados, aqueles conhecimentos.

A China fechou-se sobre si e os ocidentais nada sabiam o que lá

ocorria, muitos séculos adiante.

Na Babilônia, mais tarde um daqueles centros de estudo foi encontrado sob a direção de Jethro. Lá estudou outro Mós-hé que a história conhece por Moisés. Estudou e praticou na Escola de Jethro cerca de trinta e nove anos, vivendo na família de Jethro, pois casara-se com a filha deste. Por esta época a raça decendente dos antigos moradores do Hebir, dos antigos impregnados, de filosofia religiosa ressurgida dos g'iodeús estivera aprisionada na Babilônia aproximadamente setenta anos. Foi com os ensinamentos da Escola de Jethro e outros centros de estudos da antiga ciência ka-huna què Daniel fazia o que chamavam de milagres e também aquele Mós-Hé (Moisés) por toda a região da Mesopotâmia, Caldéia, Babilônia. E assim conseguiram liberdade.

Foi naquela região que escreveram o Livro dos Números, e outras partes da Cabalá (K B L) e o Livro de Zohar, "livro da luz".

De lá de Midian, na Babilônia, Mós-Hé (Moisés), já livre partiu para o Egito para fazer demonstrações do antigo conhecimento e libertar outros descendentes da região do Hebir que por lá estavam também aprisionados. No Egito, Mos-Hé (Moisés) não só fez demonstrações mas também ensinou aqueles conhecimentos ka-hunas. E a ciência ocultista originária da Babilônia passou a ser conhecida no Egito e no Tibet; isso com o passar dos séculos quando foi se difundindo mas deturpando-se, confundindo-se.

CAPÍTULO XXXI
DOS DIAS ATUAIS

PAULA E ALINE ONDE ESTARÃO?

Era o décimo segundo dia na fazenda. Era noite. No dia seguinte partiriam. O livro estava pronto.

Mais esta noite ainda a lua banhava a paisagem com a sua luz branca e fria. Lá adiante, na relva, sentadas juntas, estavam Paula e Aline. Não se sabia o que elas conversavam.

Todos, já tarde, recolheram-se para dormir. Paula e Aline vieram bem mais tarde da noite e recolheram-se ao mesmo aposento.

O Sol, no dia seguinte, já dardejava raios de luz na relva molhada de orvalho da manhã, alongando sombras na paisagem. Os homens acordaram-se e faziam os preparativos para o regresso. A ausência das duas moças só foi notada com uma hora de atraso, pois julgavam que, tendo elas se deitado tarde, ainda dormiam. Mas não; ali não dormiam e não estavam. Sobre a cama, que não fora desarrumada, viram uma carta e todos a leram:

"Nós duas escrevemos uma só carta; só esta. O assunto é o mesmo. Ontem à noite, quando vocês dormiam, eles vieram, Iagã e Mos-Hé. e nos

convidaram para ir viver lá com eles como maridos e esposas.

Os nossos corações tremeram mas foi de felicidade. Estamos indo e é definitivo e para ficar, viver lá no subterrâneo com eles.

Temos deles a promessa de podermos voltar para cá quando quisermos, se quisermos, qualquer tempo. Mas nós não pensamos na volta; queremos ficar lá para sempre.

Desculpe, vovô. Eu sou Paula, a sua netinha Paula que o ama e aconselha você a procurar o seu amor onde quer que esteja. É isto o que importa neste mundo.

E eu sou Aline. Desculpe, Antério, mas você vai ser um escritor famoso e há de encontrar uma outra companheira e será feliz. O meu amor por lagã é forte demais. Se um dia eu voltar, serei a escultora. **Praticarei** lá com eles e se eu reencontrar você, hei de vê-lo famoso e feliz. Não se lamentem. Vivam e busquem a felicidade. Por ora nós encontramos a nossa. Adeus. Paula e Aline."

CAPÍTULO XXXII
DOS DIAS ATUAIS

UM DOCUMENTO ANTIQUÍSSIMO

No quarto do hotel, enquanto o moço Jubal preparava-se para dormir numa cama ao lado, o Dr. Antério repassava os pensamentos sentindo falta de Aline ao mesmo tempo em que se reconfortava por julgá-la feliz. Mesmo assim ela tinha lá Paula como amiga.

Folheando os manuscritos do livro, viu entre as páginas um pedaço de couro, já bem amarelado pela pátina do tempo. Caracteres estranhos; não conseguia ler. Pregado atrás daquele manuscrito estava um bilhete:

"Amigo Dr. Antério: Deixamos para você este manuscrito, do tempo da civilização azul. Está escrito em naacal. Nem nós sabemos se o fato nele relatado tem fundamento na verdade. O seu autor, naquele tempo, foi julgado demente quando falou tal coisa. Deixou este escrito que foi encontrado e conservado por nós. Nós traduzimos para que você pense no caso e faça deste documento o que bem lhe aprouver:

"Agora que Lan-Tis está só, sem a influência de Mure e desligado, e aqui nesta órbita, adaptou-se à sua nova situação dentro das leis cósmicas, para esperar que um dia deixe de ser lixo cósmico. Arrumou o seu interior.

Um pouco de massa das paredes laterais internas e mais um pouco de massa escapada do seu cristal reuniram-se à poeira gasosa que circundava o cristal e disso formaram-se três esferas. O cristal diminuiu, mas tornou-se mais brilhante. As três esferas passaram a girar soltas no vácuo, no oco do planeta, gravitando ao redor do cristal. E assim hão de permanecer por muitos séculos. Assinado Mair Apolumes".

CAPÍTULO XXXIII

DOS DIAS ATUAIS

OS DESTINOS DE JUBAL, DR. ANTÉRIO E PROF. SUFIÁTI

Ao colocarem nos dois automóveis as malas e se prepararem para a partida, o sentimento era grandioso, aberto, expansivo, mas ainda assim meio confuso: o ganho das grandes coisas era turvado pela separação das duas jovens, Paula, neta de um, e Aline, amante de outro. Elas não estavam aqui com eles.

Viajaram eles até Cuiabá e quase não conversavam. O silêncio era melhor mensageiro do que qualquer fala.

Chegados àquela cidade matogrossense, hospedaram-se num hotel com o propósito de permanecerem por lá uma semana, pois estavam indecisos quanto ao destino a tomar. O calor sufocava. Depois de um gostoso banho frio, o Professor Sufiáti retirou das malas a sua roupa e foi pendurando em cabides para guardá-las, já que ficariam por ali pelo menos uns três ou quatro pernoites.

Percebeu que no bolso do paletó que retirara da mala havia um volume do tamanho da sua mão fechada. Olhou, achando esquisito, e lentamente desenrolou o pano que servia de invólucro, pano de linho

branco. Dentro, três menores pacotinhos também enrolados em pano, um azul, um verde e outro vermelho. O azul era o maior; bem pequeno era o vermelho, o menor. Abriu primeiro o maior, azul. Agora sim a surpresa o deixou um tanto paralisado. Nove pedras de brilhante, cada uma de tamanho maior do que uma ervilha, quase do tamanho de uma uva. Que coisa seria? — pensou. Brilhantes ou vidros? Não precisou pensar muito porque desdobrou um papel que acompanhava as pedras e leu:

"Amigo Prof. Sufiáti:

"São, sim, diamantes verdadeiros e de boa qualidade, lapidados segundo os padrões de vocês. Nós lhes estamos oferecendo, dando de presente.

"Esperamos que essas pedras hão de servir para ajudar a realização de cada um, segundo o merecimento próprio., Nove são suas para a longa viagem que vai fazer. Estes brilhantes ser-lhe-ão úteis para ser livre dos obstáculos financeiros e para seu conforto e sua facilidade de chegar até lá. Você merece. Seja feliz. Três, noutro conjunto, embrulho verde, são para o Dr. Antério. Deverão facilitar a edição do seu primeiro livro. Depois ele terá o mais em resultado dos outros livros que haverá de escrever na esteira do êxito do primeiro. No pano vermelho está uma para o jovem Jubal. Que ele compre a sua moto e tenha a sua "grana" para as loucuras que pretende. Adeus dos amigos Iagã e Mos-Hé".

Terminada a leitura, sentou-se na cama, estupefato. Esboçou um sorriso, depois percebeu que os olhos marejavam com lágrimas de emoção.

Em cinco ou seis minutos arrumou as malas. Ficariam só esta noite. Deitou-se e dormiu depois de muito pensar, rememorar a sua vida e projetar as coisas que faria. Ainda era madrugada quando foi acordar os dois companheiros. Mandou que arrumassem as malas; iriam para Goiânia. Eles não entenderam o apressamento, mas apesar de preocupados e até mesmo ansiosos, obedeceram. Ainda não conseguiam atinar as razões quando o Professor mandou que abandonassem o automóvel mais velho e todos viajassem num só.

Tão logo afastaram-se da cidade, o Professor pediu que parassem o veículo e dirigiu-se para baixo de uma árvore, convidando-os a o acompanharem. Contou o caso, mostrou os pacotinhos e entregou-lhes os brilhantes que lhes pertenciam.

A reação do Dr. Antério foi a mesma do Professor Sufiáti lá no quarto do hotel à noite, ao passo que Jubal deu pulos e gritos.

.....

Quanto ao Dr. Antério, ele realmente lançou o livro com o título O PLANETA TERRA TRANSPORTADO. Milhares de exemplares, livro lido,

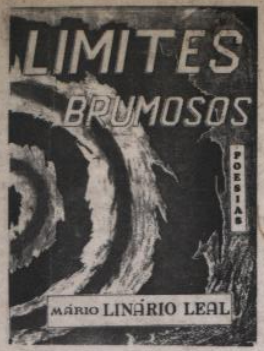
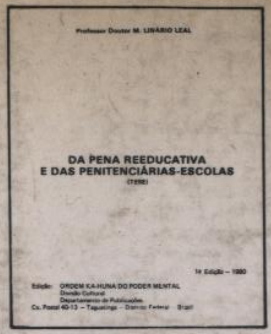
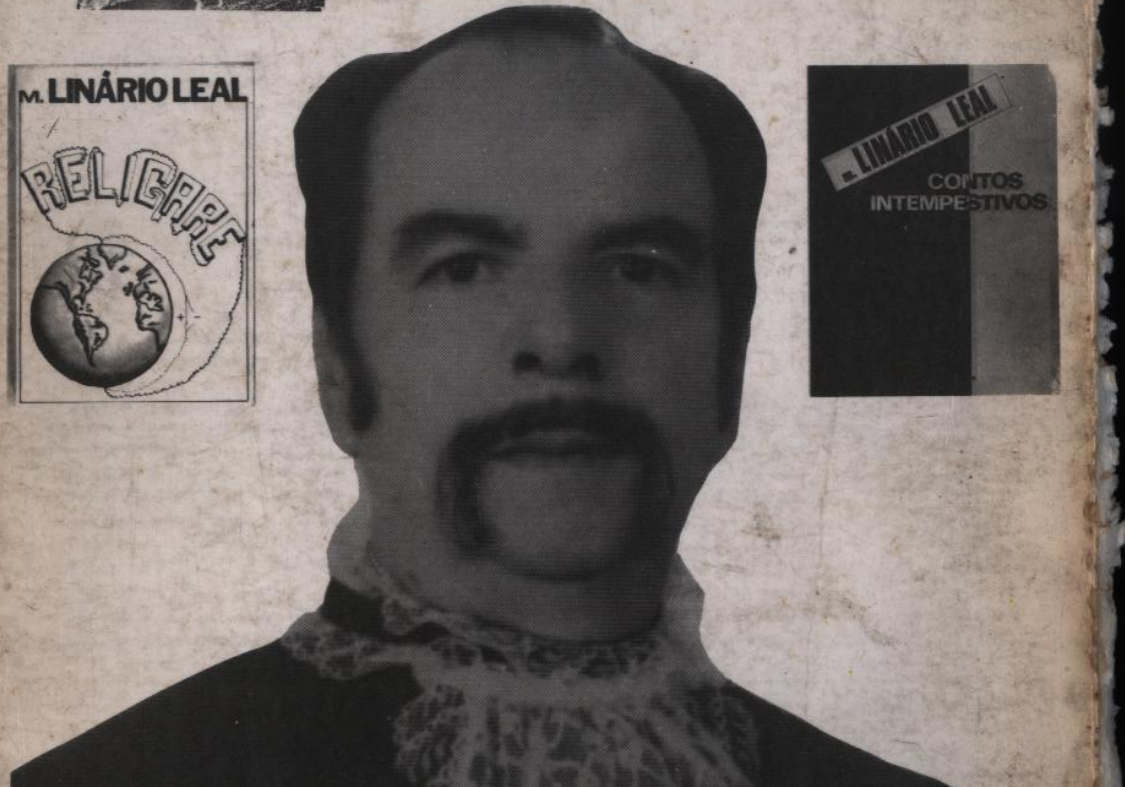
comentado, discutido, aplaudido. E conferências e mais outros livros. Realizou-se como escritor.

O jovem Jubal teve três anos de aventuras e doidices, feliz à sua maneira. Até que um dia a sua moto desgovernou-se e, em alta velocidade, saiu da estrada e bateu numa rocha, plá, pluft. Morreu ali mesmo, sem sentir dores.

O Professor Sufiáti, logo nos primeiros meses, depois de uma estada na capital de São Paulo, era agora um rico cidadão em viagem num luxuoso navio a caminho da Europa.

Era o que dizia: Europa. Iria certamente mais longe. Nós sabemos disso e ele também sabia. Tinha a permissão telepática, — ele sentia claramente, — do Senhor de Maitréiaa, e se dirigia para o Interior da Ásia, para Xambalá, onde quer que fosse, para viver feliz todos os seus dias futuros que ainda haveriam de ser muitos, ao lado da sua amada milenar, Itulin.

E foi assim.

O Autor

Advogado e Professor, Escritor e Poeta. Está incluído nos livros: UBE 40 ANOS (Escritores brasileiros), MANUAL DOS DOUTORES DA WORLD UNIVERSITY (EE UU),DICTIONARY INTERNATIONAL OF BIOGRAPHY (Inglaterra) e WHO'S WHO OF INTELECTUAIS (Inglaterra). É membro da União Brasileira de Escritores, da Academia Antero de Quental, da Associação de Imprensa do DF, da Academia de Letras e Música do Brasil, da International Academy of Peets, (Inglaterra) da Academia Teatina Per le Scienze (Itália) da Academia Ka-huna de Letras. Doutor em Direito Penal, pela The Free International University G. Galilei (EE UU), Doutor em Contabilidade Pública, pela Escola Superior do Comércio, Doutor em Filosofia da Educação, pela WORLD UNIVERSITY (EEUU). Licenciado em Ciências Políticas Européias, pela European University, (Bélgica). Comendador da Ordem do Mérito Jurídico (França) Grã Cruz e Doutor Honoris Causa pela Ordem dos Templários. Ex-Presidente da As-